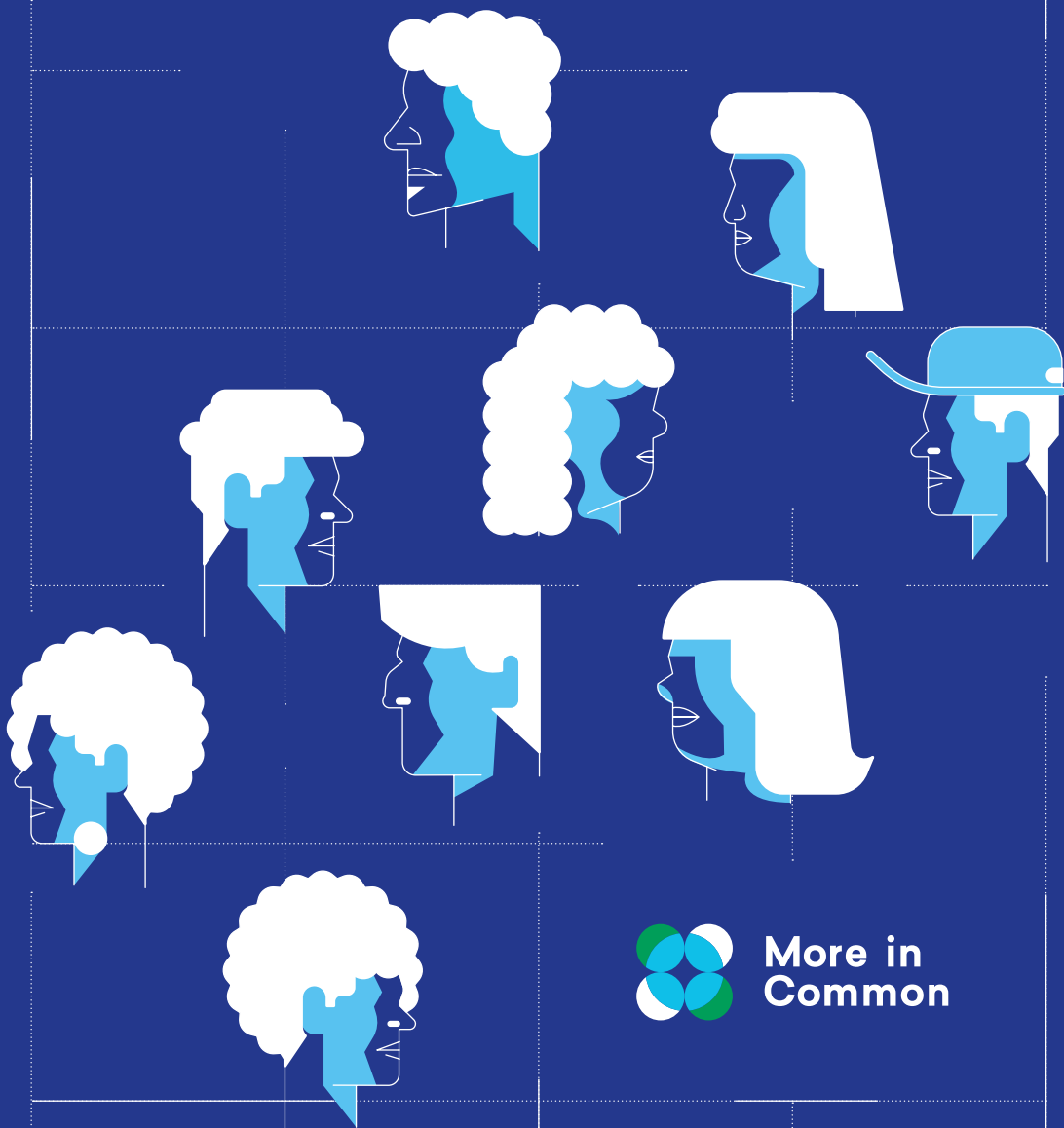


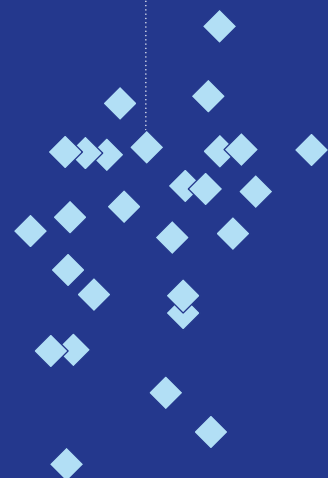
O Brasil Invisível

É comum ouvir que o Brasil está dividido, como se, em cada tema, houvesse dois campos irreconciliáveis. Contudo, ao se escutar o país com atenção, um outro cenário é percebido

1ª EDIÇÃO



More in
Common



5 AGRADECIMENTOS

6 APRESENTAÇÃO

7 INTRODUÇÃO

8 RESUMO EXECUTIVO

9 Apresentação do método

10 Segmentação da sociedade brasileira

14 METODOLOGIA

18 Metodologia de Coleta e Análise de Dados

22 AS DIVISÕES OCULTAS DO BRASIL

24 Progressistas Militantes

26 Esquerda Tradicional

28 Desengajados

30 Cautelosos

32 Conservadores Tradicionais

34 Patriotas Indignados

36 GUERRAS CULTURAIS

38 Gênero e Sexualidade

44 Raça

48 Educação

52 Segurança pública

56 Religião

62 POPULISMO E PROGRESSISMO

64 Progressismo

67 Populismo

70 CONSERVADORISMO E EROSÃO INSTITUCIONAL

76 O PAPEL DOS INVISÍVEIS

80 CONFIANÇA E ATITUDES

81 Confiança no voto e nas instituições

85 Consumo de mídia

90 Meio ambiente e agronegócio

95 Trabalho e empreendedorismo

97 Nacionalismo e xenofobia

100 IDENTIDADES E POLARIZAÇÃO AFETIVA

102 Da opinião à identidade: como explicar a polarização

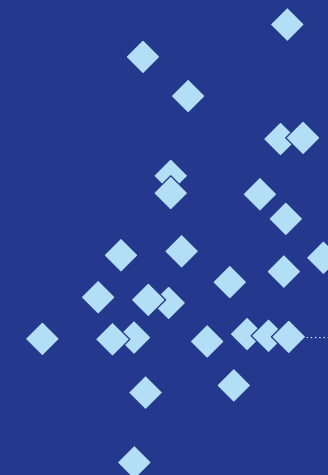
103 Protestos e identidades: do antipetismo difuso ao alinhamento

104 Dos protestos à população toda: identidades e polarização

109 Identidades espelhadas: um estudo na cidade de São Paulo

112 CONCLUSÃO

117 REFERÊNCIAS



Agradecimentos

Este estudo é resultado de um esforço coletivo que começou muito antes da primeira entrevista realizada ou da primeira hipótese de segmentação desenhada. Ele se concretiza graças à visão, ao compromisso e à confiança de muitas pessoas e instituições que acreditaram no potencial de uma More in Common no Brasil.

Agradecemos profundamente aos diretores globais da More in Common – Mathieu Lefevre-Marton, Tim Dixon e Stephen Hawkins – por sonharem conosco. Foram eles que visualizaram e defenderam a presença da organização no Brasil, mobilizando recursos, costurando parcerias e preparando o terreno para que nossa chegada fosse recebida de portas abertas.

Nosso reconhecimento também vai aos financiadores que apostaram na ideia antes mesmo de existirem resultados concretos a mostrar. A cada uma das organizações listadas abaixo, nosso sincero agradecimento por acreditar em nossa missão e sustentar esse trabalho desde os seus primeiros passos: Bezos Earth Fund, Instituto Beja, Instituto Clima e Sociedade (iCS), Instituto de Cultura, Comunicação & Incidência (ICCI), Instituto Galo da Manhã, Luminare, OAK Foundation e Open Society Foundations.

ção & Incidência (ICCI), Instituto Galo da Manhã, Luminare, OAK Foundation e Open Society Foundations.

Às instituições e pessoas que contribuíram diretamente com a execução desta pesquisa, nossa gratidão pelo rigor técnico e pela parceria construtiva ao longo do processo:

à Quaest Pesquisa, ao Monitor do Debate Político (CEBRAP/USP) e à Nuvem Consultoria.

Aos especialistas que generosamente compartilharam seu tempo e conhecimento – Breno Barlach, Carô Evangelista, Gabriela Lotta, João Guilherme Bastos Santos, Luiz Augusto Campos, Máira Berutti, Márcio Astrini, Pedro Rossie e Samira Bueno – nosso muito obrigado por enriquecerem esse trabalho com suas leituras, críticas e provocações.

Por fim, agradecemos a todos os interlocutores que, ao longo de todas as etapas do percurso, nos acolheram para dialogar, tensionar e amadurecer esta pesquisa até que ela se tornasse pública neste relatório. Cada conversa foi essencial para que este material refletisse, com mais precisão e sensibilidade, a complexidade da sociedade brasileira atual.

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

More in Common

DIREÇÃO GERAL

Pablo Ortellado
Stephen Hawkins

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Helena Vieira
Gabriela Feitosa

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Ergon Cugler de Moraes Silva

EDIÇÃO

Letícia Sorg

PESQUISA

Quaest Pesquisa
Monitor do Debate Político (CEBRAP/USP)
Nuvem Consultoria

PROJETO GRÁFICO

Datadot Estúdio
Flávia Marinho
Julio Lapagesse
Otávio Burin
Quintino Andrade

SETOR ADMINISTRATIVO

Letícia Henriques

APOIO

Bezos Earth Fund
Instituto Beja
Instituto Clima e Sociedade (iCS)
Instituto de Cultura, Comunicação & Incidência (ICCI)
Instituto Galo da Manhã
Luminare
OAK Foundation
Open Society Foundations

Apresentação

A pesquisa da More in Common no Brasil apresenta uma nova perspectiva sobre as divisões políticas que ocupam o debate público e afetam a vida cívica e a democracia no país. O estudo foi inspirado em uma abordagem já aplicada em diversos países.

A entidade sem fins lucrativos e não partidária iniciou suas atividades no Brasil em 2024, em um contexto de forte tensão social que impõe obstáculos à construção de políticas públicas de longo prazo e à convivência cotidiana. Seu propósito é compreender, com base em evidências, as forças que afastam grupos sociais e identificar onde existe terreno comum.

No país, há uma percepção generalizada de que a divisão política é real e provoca desentendimentos no trabalho, na família e em outros ambientes. Muitos entrevistados relatam evitar discussões sobre política por receio de agressividade ou de ferir susceptibilidades.

Mapear essas fraturas na estrutura da sociedade, por meio de pesquisas de opinião em grande escala e de instrumentos da ciência política e da psicologia social, é um meio para cumprir a missão da entidade: promover o diálogo, trabalhando de forma colaborativa com atores diversos e aprendendo continuamente com a realidade do país.

Assim, o estudo busca entender como surgem e operam as forças divisivas na sociedade, a fim de identificar pontos de consenso que permitam às pessoas trabalhar juntas na solução dos desafios atuais.

A missão da More in Common é fornecer instrumentos para alcançar sociedades democráticas mais coesas, nas quais as pessoas reconheçam que o que têm em comum é mais forte do que o que as divide.

Introdução

O Brasil vive um período de tensões políticas e sociais que torna indispensável compreender como diferentes grupos enxergam o país e organizam suas prioridades. Este estudo de segmentação social foi concebido para ir além do recorte partidário imediato, por exemplo, a oposição entre “petistas” e “bolsonaristas”, e mapear perfis de valores e visões de mundo presentes na sociedade brasileira.

Ancorada na abordagem da More in Common, aplicada desde 2018 em diferentes países, esta pesquisa busca identificar esses perfis com base em evidências, atualizando o debate sobre polarização no Brasil e oferecendo insumos consistentes para a tomada de decisão em um contexto de divisão. Nossa perspectiva é mais nuançada: evitamos dicotomias simplificadas e propomos uma compreensão mais complexa da realidade brasileira.

Para isso, combinamos pesquisa qualitativa e quantitativa com técnicas de clusterização. Esse desenho permitiu identificar uma estrutura subjacente de atitudes, percepções e valores que organizam as posições públicas no país. O resultado é uma segmentação mais fina do que classificações baseadas apenas em variáveis demográficas (raça, gênero, renda, escolaridade) ou em identidade política declarada.

O ponto de partida foi um questionário extenso e criterioso, fundamentado em ampla revisão de literatura sobre polarização, valores morais, psicologia política e mobilização. A partir desse material, o relatório oferece uma lente mais precisa para a leitura da sociedade brasileira, contribuindo para compreender dinâmicas atuais, identificar zonas de convergência e dissenso e orientar caminhos para reduzir divisões e fortalecer a convivência democrática.

Resumo Executivo

Este estudo mergulha nos valores dos brasileiros para entender a polarização e descobrir pontos de consenso

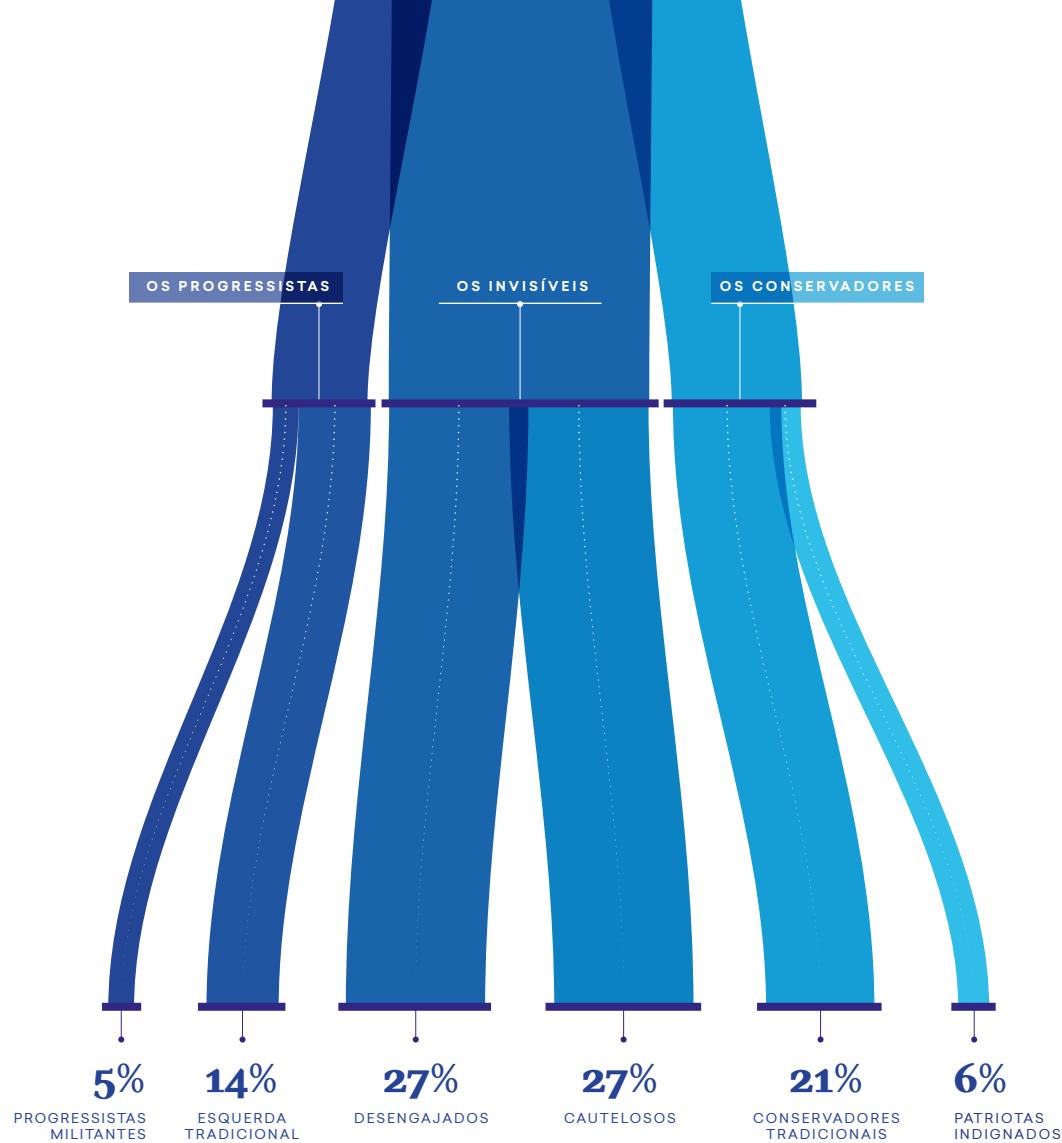


Apresentação do método

O estudo *O Brasil Invisível* busca compreender a estrutura profunda das divisões políticas e morais que fragmentam o espaço público e desafiam a coesão social. A investigação combina métodos quantitativos e qualitativos, ancorados em teorias contemporâneas sobre polarização afetiva (Liliana Mason), fundamentos morais (Jonathan Haidt) e necessidade de caos (Michael Petersen).

O questionário, composto por 168 itens, foi elaborado a partir de revisão bibliográfica, dois pré-testes com mil respondentes cada e análise dos debates em redes sociais e discursos parlamentares. Em vez de medir a aprovação de políticas específicas, o objetivo foi estimar o grau de adesão a argumentos polarizados de esquerda e de direita.

Os dados foram processados por técnicas de clusterização (KMeans++) que encontram padrões de resposta, permitindo identificar seis segmentos ideológicos com coerência interna em valores, atitudes e visões de mundo. Essa estrutura oferece um retrato mais refinado da diversidade política brasileira do que os recortes tradicionais baseados em intenção de voto ou em perfis demográficos.



Segmentação da sociedade brasileira

A segmentação revela uma sociedade organizada em torno de seis grupos relativamente estáveis e previsíveis. Nos polos, os Progressistas Militantes (5%) e os Patriotas Indignados (6%) concentram a militância ideológica e a adesão aos discursos morais. Os primeiros são seculares, engajados e críticos das estruturas de poder; os segundos, religiosos e desconfiados das instituições.

Apoiam esses extremos dois segmentos um pouco mais amplos e um pouco mais moderados: a Esquerda Tradicional (14%), reformista e orientada

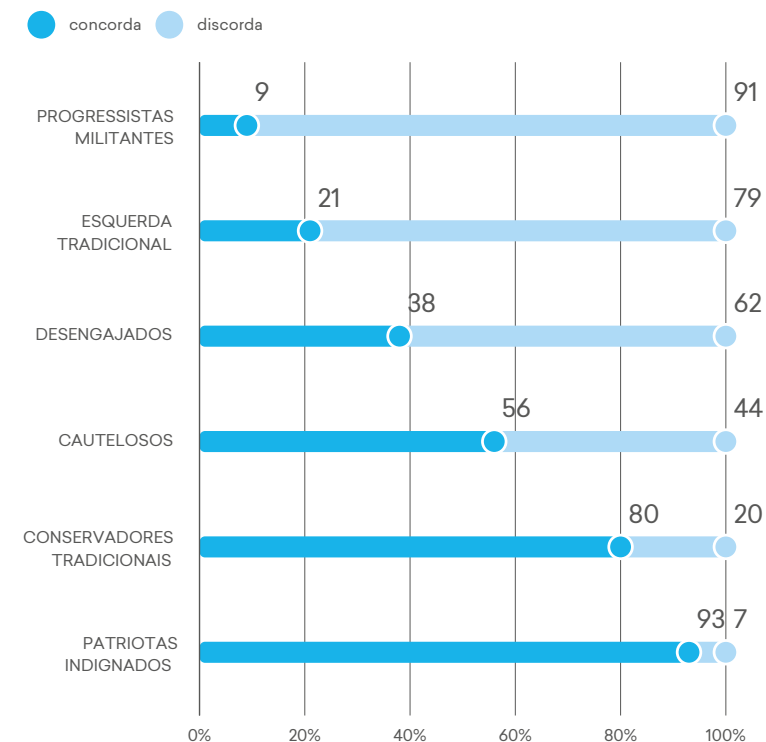
por valores comunitários, e os Conservadores Tradicionais (21%), que valorizam hierarquia, religião e ordem.

Fora desses polos, encontram-se os Desengajados (27%) e os Cautelosos (27%), chamados também de Invisíveis. Essa maioria silenciosa compartilha a desconfiança com o sistema político, mas evita o confronto moral. É pragmática, avessa a disputas ideológicas e interessada em temas concretos, como trabalho, segurança e serviços públicos. Os Invisíveis representam o maior ativo de reconstrução da coesão democrática, embora hoje sejam sub-representados no debate público.

O CIDADÃO DE BEM DEVE TER DIREITO À POSSE DE ARMA

(EM %)

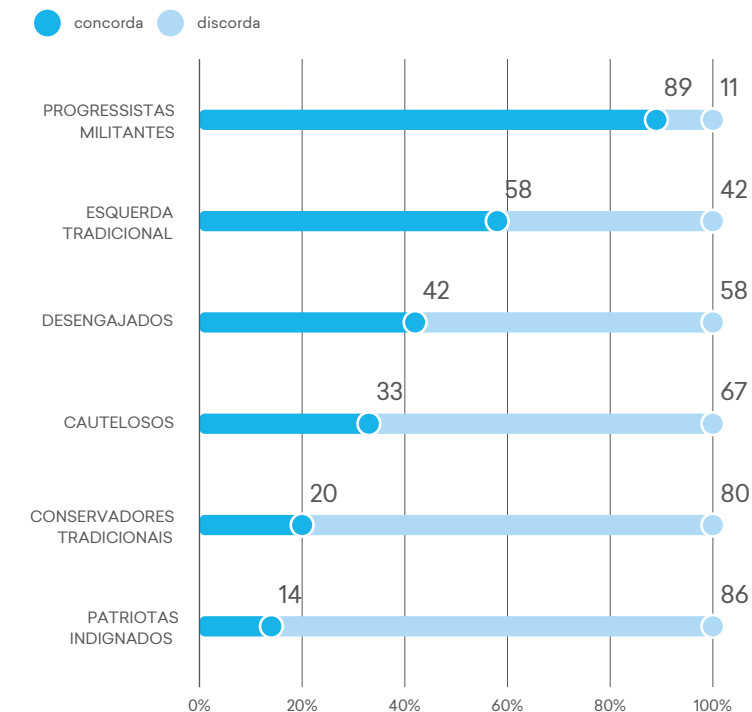
Os segmentos mais conservadores concordam majoritariamente com a ideia de que "cidadãos de bem devem ter direito a posse de arma", enquanto os segmentos progressistas a rejeitam



NA SUA OPINIÃO, O FEMINISMO PROMOVE A IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES

(EM %)

A percepção de que o movimento luta por direitos iguais entre os gêneros é praticamente unânime entre os Progressistas Militantes, mas decresce até ser minoritária entre os Patriotas Indignados

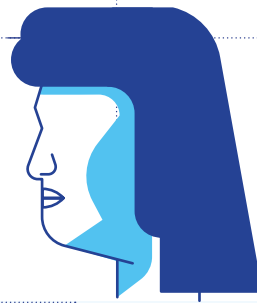


Guerras culturais e os Invisíveis

O debate político brasileiro deslocou-se, na última década, do eixo econômico para o moral – fenômeno conhecido como guerras culturais. Nessas disputas, temas como família, religião, sexualidade, raça e educação substituíram a discussão sobre políticas distributivas e tornaram-se marcadores identitários.

Os extremos – Progressistas Militantes e Patriotas Indignados – protagonizam essas batalhas simbólicas, apoiando-se em seu antagonismo moral. A maioria da população, no entanto, expressa posições intermediárias e combina elementos progressistas e conservadores, o que indica que a polarização ainda está concentrada nos grupos mais engajados.

Os dados mostram também uma ampla concordância sobre princípios de igualdade racial, de gênero e orientação sexual, mas forte divisão quando essas pautas se associam a movimentos sociais específicos. Essa dissociação entre valores e representações – entre pautas e identidades – é o núcleo divisivo das guerras culturais.



Progressismo e Populismo

O populismo é um modo transversal de fazer política no Brasil, marcado pela oposição moral entre um “povo puro” e “elites corruptas”. Todos os segmentos expressam algum grau de adesão a essa lógica, mas, entre os grupos de direita, ela assume predominantemente a forma de populismo cultural: a ideia de que as instituições responsáveis pela reprodução de valores – escolas, universidades, mídia e espaços culturais – teriam sido capturadas por uma elite progressista que imporia sua visão de mundo e silenciaria perspectivas conservadoras.

O isolamento dos Progressistas Militantes tem permitido que seus adversários conservadores os caracterizem como uma elite cultural, alimentado assim o discurso populista. Os Progressistas Militantes distinguem-se demograficamente do restante da sociedade: cerca de 53% têm ensino superior (mais que o triplo da média nacional) e 37% têm renda familiar igual ou acima R\$ 10 mil.

Algumas de suas opiniões também são muito afastadas daquelas dos demais segmentos em temas de educação, direitos humanos e confiança em instituições. Esse afastamento contribui para o isolamento social do progressismo e dificulta a difusão de suas pautas para o conjunto da população.



Corrosão da confiança entre Conservadores

Não é apenas das elites culturais que os Conservadores desconfiam. Os Patriotas Indignados e os Conservadores Tradicionais exibem níveis críticos de desconfiança no Congresso, no Supremo Tribunal Federal (STF), no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e na imprensa, vistos como instituições enviesadas, nas quais sua participação não é tolerada. Essa percepção os empurra a se informar por meio das redes sociais e a desacreditar o sistema de justiça e a democracia liberal.

A erosão da confiança institucional produz uma espiral perigosa. Quanto mais os Conservadores percebem viés e perseguição, mais se consolida neles a convicção de que o sistema é corrompido – e mais radical se torna sua resposta. Por seu lado, quanto mais as instituições percebem esse radicalismo, menos dispostas estão a incorporar as perspectivas conservadoras. Forma-se, assim, um ciclo vicioso de desconfiança e radicalização que pode levar a uma ruptura institucional.

Polarização afetiva: sobreposição e espelhamento de identidades

O principal motor da divisão política contemporânea é a polarização afetiva – a hostilidade dirigida não às ideias, mas às identidades políticas adversárias. À medida que as identidades, como de esquerda/ progressista/ petista ou direita/ conservador/ bolsonarista se alinham de modo coerente, aumenta o sentimento de pertencimento ao grupo e a ojeriza ao adversário.

A pesquisa mostra que a intensidade e o alinhamento dessas identidades preveem o grau de animosidade. Indivíduos com identidades políticas fracas ou desalinhadas exibem baixíssima polarização afetiva; já os que têm identidades fortes e coerentemente alinhadas mostram rejeição quase total ao grupo oposto.

Mais grave, contudo, é a transformação da diferença em contradição existencial: cada lado passa a perceber o outro não apenas como distinto, mas como a negação existencial de si próprio. Essa lógica de identidades espelhadas explica a persistência da hostilidade política mesmo em contextos de relativa concordância factual.

Conclusão

O estudo indica caminhos para a reconstrução da coesão democrática. É preciso reorientar o debate público para a maioria não polarizada – os Invisíveis –, cuja disposição ao diálogo e foco em problemas concretos podem servir de base para uma política menos reativa e mais orientada a resultados. A melhoria dos serviços públicos e das condições de vida pode constituir uma agenda transversal capaz de reduzir o peso dos conflitos morais das guerras culturais.

Reformas institucionais que ampliem a representação de perspectivas conservadoras em universidades, meios de comunicação e instituições culturais também podem ajudar a recompor a confiança nas instituições. Ao mesmo tempo, é necessário que lideranças conservadoras rejeitem o radicalismo anti-institucional.

Por fim, o fortalecimento da convivência entre grupos de identidades distintas é essencial para mitigar a polarização afetiva e restaurar o tecido social. O horizonte deve ser o pluralismo: a convicção de que a divergência política pode coexistir com o respeito.

A combinação de pesquisa quantitativa e qualitativa com novas bases teóricas possibilita agrupar a população brasileira em seis segmentos com coerência de opinião e identidade



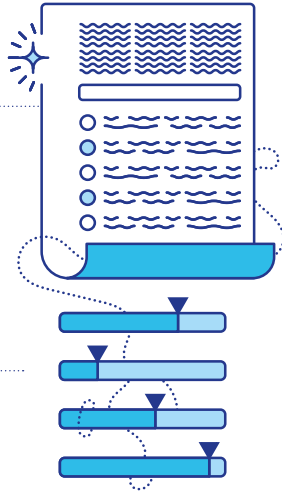
A metodologia usada pela More in Common combina técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa. Primeiro, foi aplicado um amplo questionário a uma amostra representativa da população brasileira. Depois, os padrões de resposta foram agrupados com técnicas de clusterização, produzindo seis segmentos populacionais coerentes. Os grupos focais realizados na sequência ajudaram a contextualizar as opiniões desses segmentos.

Bases Teóricas e Psicológicas da Segmentação

A pesquisa quantitativa foi baseada em um questionário com 168 questões, concentradas em temas politicamente divisivos – determinados pela revisão bibliográfica e por dois pré-testes com mil respondentes. Para cada tema, foram realizadas análises dos debates na mídia social e, em alguns casos, também dos discursos de parlamentares.

Com base nesses elementos, o estudo buscou abarcar os assuntos mais relevantes e representar as posições da esquerda e da direita no debate. Ao adotar questões que expressam os argumentos de cada polo, o objetivo da pesquisa foi compreender o grau de adesão a essas posições polarizadas – e não identificar a opinião da população sobre políticas públicas específicas.

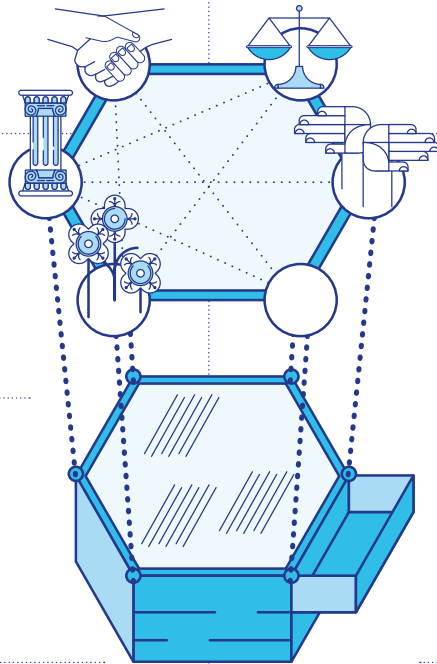
Além disso, um conjunto grande de teorias ligadas à polarização ajudou a contextualizar e a entender os fenômenos retratados neste relatório.



Identities políticas e polarização afetiva

Para compreender o fenômeno contemporâneo que se manifesta como hostilidade crescente em relação a grupos com identidades políticas adversárias, o questionário busca capturar os conjuntos de identidades políticas mais prevalentes no pré-teste: esquerda/ centro/ direita, petista/ bolsonarista e progressista/ conservador. Para cada identidade foi criado um termômetro que mede o gostar/ desgostar.

Com esses elementos, o estudo tem o objetivo de reproduzir os tratamentos estatísticos que medem a polarização afetiva, na tradição inaugurada pelo trabalho da cientista política Liliana Mason. Os dados procuram compreender em que medida o fortalecimento e o alinhamento dessas identidades aumentam a animosidade contra quem adota identidades adversárias.

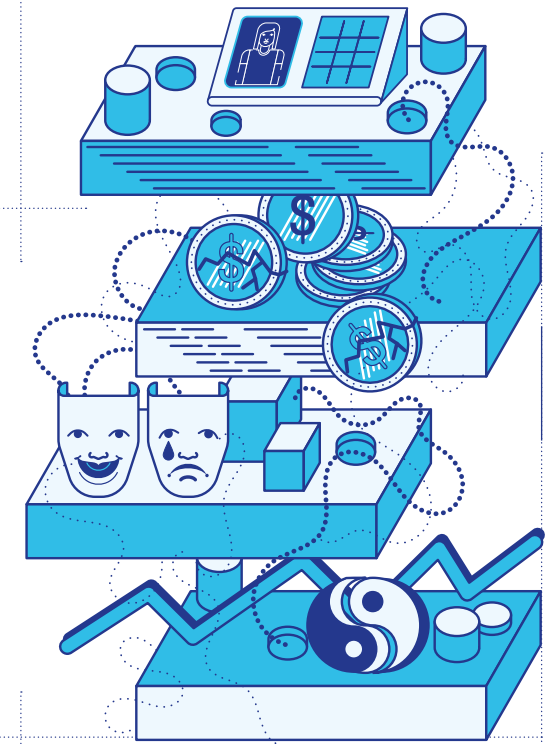


Fundamentos Morais

A pesquisa também inclui uma versão reduzida do questionário da teoria dos Fundamentos Morais elaborada pelo psicólogo social Jonathan Haidt. Essa teoria propõe que esquerda e direita conferem diferentes ênfases a cada um de seis pilares morais universais: Cuidado, Justiça, Lealdade, Autoridade e Santidade (Pureza). A distribuição de peso nos diferentes componentes da moralidade permite compreender os valores de cada um dos segmentos.

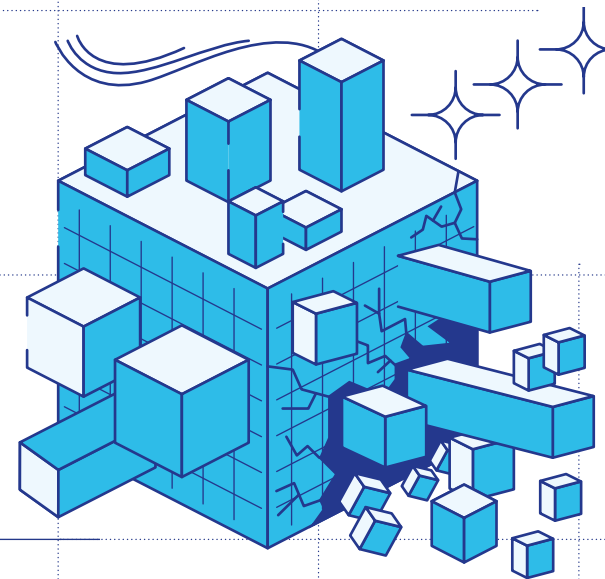
Populismo

O estudo adota uma escala de populismo compilada a partir de algumas das escalas internacionais mais difundidas na literatura. Elas buscam medir as diferentes dimensões do populismo, entendido como a adoção da retórica que opõe um povo puro a elites corrompidas. A escala desta pesquisa busca capturar as dimensões de populismo político, populismo econômico, populismo cultural e do maniqueísmo.



Necessidade de caos

O estudo inclui um questionário que mede a “Necessidade de Caos”, teoria desenvolvida pelo cientista político Michael Petersen e colaboradores. Segundo essa tese, uma pequena parcela da população com baixo status social e alta dominância (agressividade) adota comportamentos nihilistas e destrutivos, buscando destruir a ordem social para recomençar a sociedade “do zero”.



Metodologia de Coleta e Análise de Dados

A metodologia combinou técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa para garantir a representatividade e a profundidade dos dados.

DESENHO DA PESQUISA E AMOSTRAGEM

Foi elaborado um questionário extenso, composto por **168 questões**. Desse total, **61 perguntas** foram aplicadas de forma universal aos **10.002 entrevistados**, com margem de erro de 1 ponto percentual. As demais questões foram divididas em três conjuntos (versões A, B e C), cada um com 3.334 respondentes, com margem de erro de 1,7 ponto percentual.

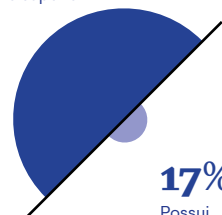
As margens de erro variam conforme o tamanho relativo de cada grupo na população, sendo estatisticamente esperado que segmentos menores apresentem margens mais amplas, enquanto os mais numerosos exibam maior precisão. Por exemplo, entre os Desengajados (27% da população) e os Cautelosos (27%), a margem é de ± 2 pontos percentuais nas questões fixas e ± 3 pontos nas questões Split. Entre grupos menores, como os Progressistas Militantes (5%) e os Patriotas Indignados (6%), as margens são ± 4 pontos nas fixas e ± 7 pontos nas split. Essas variações refletem apenas a proporção amostral de cada segmento, mantendo o mesmo nível de confiança estatística de 95%.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas face a face e domiciliares, entre 22 de janeiro e 12 de fevereiro de 2025, utilizando amostragem probabilística e ponderação por variáveis sociodemográficas como sexo, idade, escolaridade, renda e região.

ESCOLARIDADE

83%

Não possui ensino superior



17%

Possui ensino superior

RELIGIÃO

21%

Não possui religião

5%

Possui outra religião

28%

Evangélico

46%

Católico

<1%
Não quis responder

IDADE

12%

mais de 65 anos

9%

16 a 20 anos

18%

21 a 29 anos

32%

45 a 64 anos

29%

30 a 44 anos

SEXO

48%

Homem

52%

Mulher

COR

<1% Amarela
<1% Indígena

11%

Preta

44%

Parca

44%

Branca

REGIÃO

8%

Norte

26%

Nordeste

8%

Centro-Oeste

43%

Sudeste

15%

Sul

ZONA

87%

Urbana

13%

Rural

REDAÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário foi elaborado por meio de um processo amplo de consulta e pré-testes. Um conjunto de dez especialistas nos temas investigados foi entrevistado em profundidade para compreensão do impacto da polarização política nos diferentes assuntos abordados (educação, meio ambiente, etc.) e consolidação do conhecimento. Depois que uma primeira versão do questionário foi elaborada, os especialistas foram novamente ouvidos para validação do desenho da pesquisa.

De outubro a novembro de 2024, foi realizada uma fase de pré-testes. Primeiro, foi feito um pré-teste online conduzido pela Quaest, com uma amostra representativa de mil brasileiros. Depois, um segundo pré-teste com mil pessoas, com aborda-

gem face a face em pontos de fluxo, com uma amostra representativa de moradores de São Paulo, conduzida em parceria com o Monitor do Debate Político (CEBRAP/USP). Finalmente, foram feitos mini-testes via Meta Ads no Instagram. Essa bateria de pré-testes permitiu mais precisão da formulação e um melhor aproveitamento das questões do questionário.



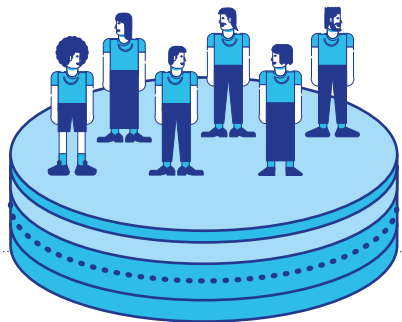
TRATAMENTO DE DADOS E CRIAÇÃO DE ESCALAS

Após a coleta, as respostas (muitas em escalas Likert – com respostas como “discordo totalmente”, “discordo em parte”, “concordo em parte” e “concordo totalmente”) foram convertidas para valores numéricos e normalizadas para garantir a coerência.

Foram desenvolvidas 88 escalas agregadas, a partir das bases teóricas e psicológicas mobilizadas, que combinaram respostas de múltiplas perguntas, como “Necessidade de Caos”, “Punitivismo”, “Autoritarismo” e “Populismo”. O uso dessas escalas visa a reduzir o ruído estatístico e revelar padrões mais robustos de comportamento e valores.

GRUPOS FOCAIS E ANÁLISE QUALITATIVA

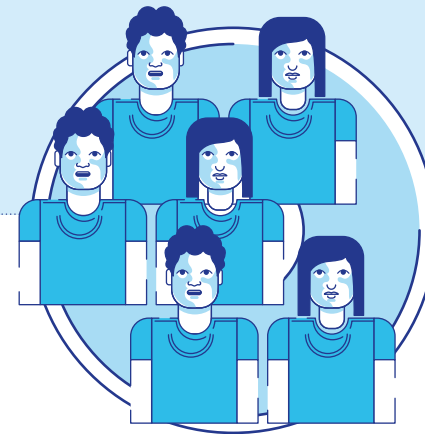
A fase qualitativa da pesquisa foi conduzida entre maio e outubro de 2025 com a realização de treze grupos focais. Cada grupo reuniu sujeitos de um dos seis segmentos e o perfil dos participantes refletiu perfis demográficos típicos de cada um deles. Ao longo do relatório, trechos e citações de entrevistados são utilizados para exemplificar ou qualificar dados e afirmações relativas à pesquisa.



SEGMENTAÇÃO E VALIDAÇÃO

Os segmentos foram construídos com base em técnicas estatísticas de agrupamento de respostas, chamadas de “clusterização”, que encontram conjuntos coerentes. As variáveis usadas medem valores, opiniões e identidades para a posterior clusterização com base no algoritmo KMeans++.

A definição do número de grupos levou em conta o quanto cada variação explicava as tendências de opiniões e atitudes, o grau de diferenciação entre eles e a clareza interpretativa dos perfis formados. Para reproduzir a segmentação em novos



INTERPRETAÇÃO

Após a definição dos segmentos, foram realizadas rodadas de validação com diferentes grupos, incluindo pesquisadores, lideranças políticas, organizações da sociedade civil, jornalistas e especialistas em comunicação.

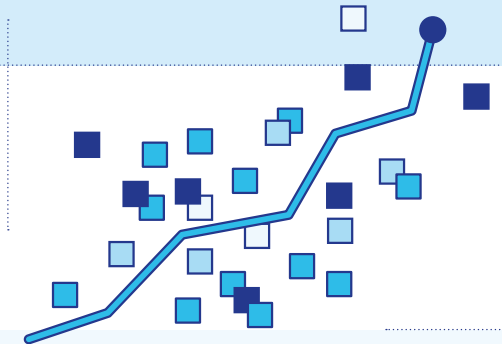
As apresentações serviram tanto para testar a ressonância dos nomes e das descrições dos segmentos quanto para colher interpretações alternativas, críticas e sugestões de aprimoramento.

conjuntos de dados, foi utilizado um modelo supervisionado de árvore de decisão.

Ao examinar as atitudes da população, o estudo revelou que os níveis de concordância variavam em gradientes mais complexos (e não em dois blocos opostos), capturando melhor a estrutura da variância. É o que se pode ver na questão sobre a posse de armas, que varia de 9% no segmento mais progressista até 93% no mais conservador.

O resultado final foi a identificação de seis segmentos, nomeados com base em suas características predominantes: Progressistas Militantes, Esquerda Tradicional, Desengajados, Cautelosos, Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados.

A descrição das características de cada grupo, bem como a motivação para nomeação de cada um deles, será o objeto do próximo capítulo.

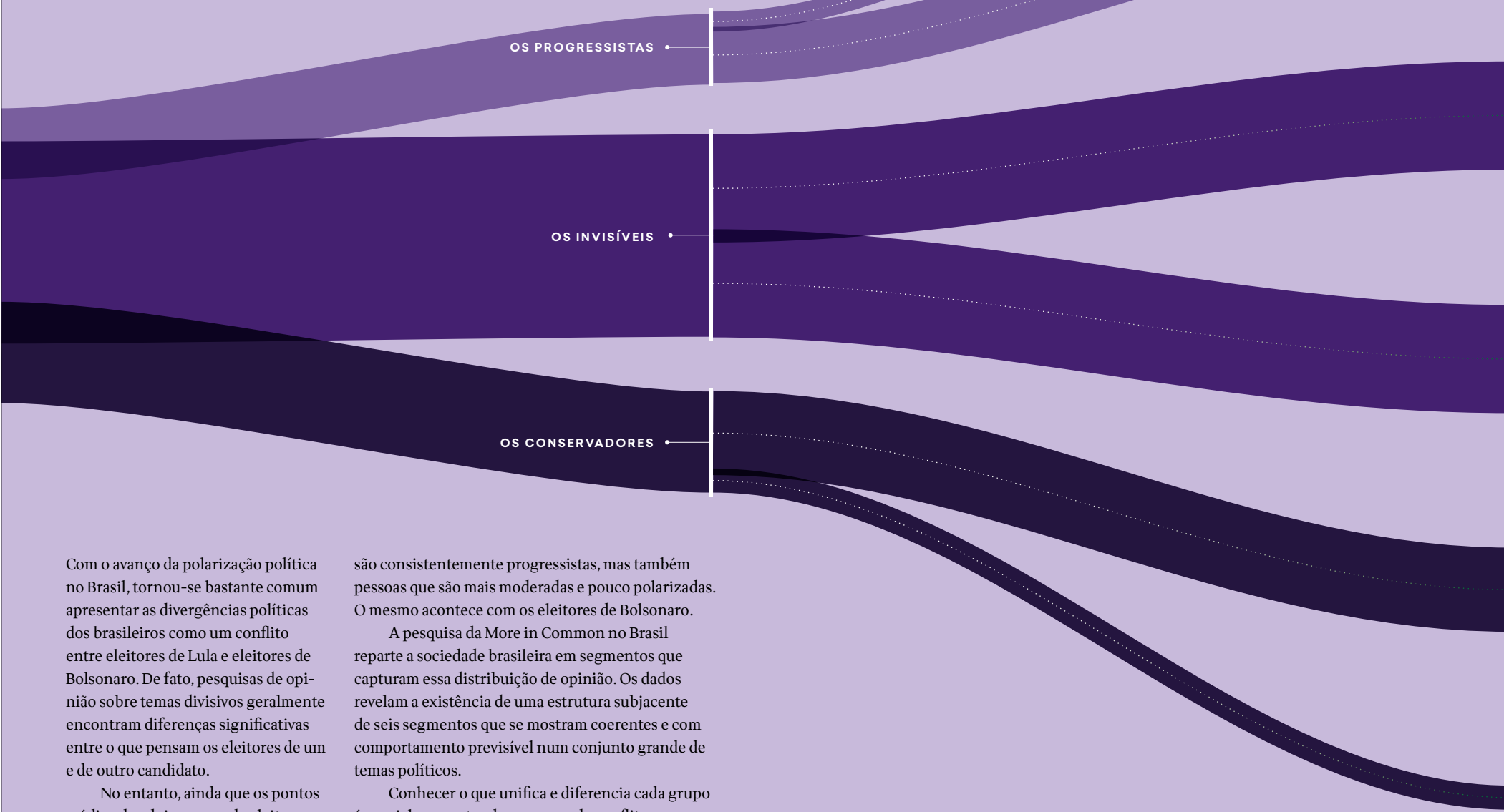


Paralelamente, a investigação foi aprofundada com grupos focais representativos de cada segmento, que ajudaram a interpretar suas motivações, linguagem e valores.

Esse processo de escuta ativa foi fundamental para consolidar o modelo interpretativo que sustenta este relatório. Os perfis identificados refletem dinâmicas reais da sociedade brasileira, com alto potencial explicativo e aplicabilidade prática em políticas públicas, comunicação institucional e iniciativas de engajamento social.

As divisões ocultas do Brasil

Os seis segmentos definidos por atitudes e valores morais vão além da tradicional leitura por perfil demográfico e opção de voto



Com o avanço da polarização política no Brasil, tornou-se bastante comum apresentar as divergências políticas dos brasileiros como um conflito entre eleitores de Lula e eleitores de Bolsonaro. De fato, pesquisas de opinião sobre temas divisivos geralmente encontram diferenças significativas entre o que pensam os eleitores de um e de outro candidato.

No entanto, ainda que os pontos médios dos dois grupos de eleitores sejam distantes, dentro de cada grupo, a opinião não é uniformemente distribuída. Entre os eleitores de Lula, por exemplo, escondem-se pessoas que

são consistentemente progressistas, mas também pessoas que são mais moderadas e pouco polarizadas. O mesmo acontece com os eleitores de Bolsonaro.

A pesquisa da More in Common no Brasil reparte a sociedade brasileira em segmentos que capturam essa distribuição de opinião. Os dados revelam a existência de uma estrutura subjacente de seis segmentos que se mostram coerentes e com comportamento previsível num conjunto grande de temas políticos.

Conhecer o que unifica e diferencia cada grupo é crucial para entender as zonas de conflito e as possíveis convergências, com oportunidades de diálogo na sociedade brasileira. Os principais valores de cada segmento, além de suas características demográficas, serão detalhados a seguir.

5%

PROGRESSISTAS MILITANTES

Altamente engajados, combativos, críticos do status quo, defensores da justiça social e equidade, e contrários às diferentes formas de opressão;

14%

ESQUERDA TRADICIONAL

Reformistas, cívicos, orientados por valores comunitários e religiosos, defensores da justiça social por meio do fortalecimento do Estado e da proteção dos mais vulneráveis, com menor identificação com pautas identitárias e menor adesão ao confronto político;

27%

DESENGAJADOS

Moderados, pessimistas, pragmáticos, avessos a conflito, moralistas, cansados;

27%

CAUTELOSOS

Populistas, desmobilizados, céticos, conspiracionistas, desconfiados, moralistas;

21%

CONSERVADORES TRADICIONAIS

Engajados, moralistas, conspiracionistas, valorizam ordem e costumes;

6%

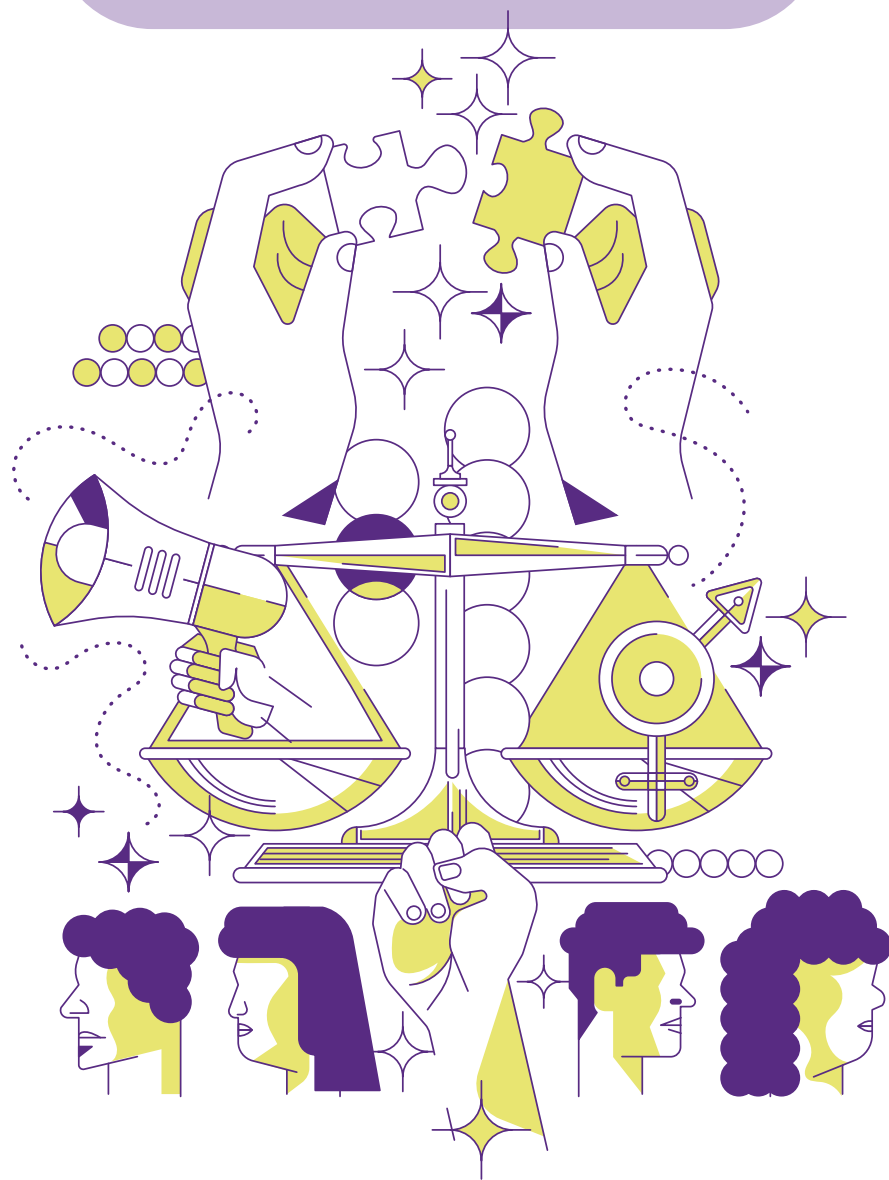
PATRIOTAS INDIGNADOS

Mobilizados, patriotas, moralistas, revoltados, conspiracionistas.



O Brasil nasceu como? Ele foi invadido. Essa história toda que a gente não quer contar na escola, mas que aí depois a gente vem a saber. Nascendo disso, nascendo de tanta corrupção, de tanto roubo, de tanta escravidão, de tanta morte e miséria, é claro que tem um pessoal que ficou esquecido.”

MULHER DE 42 ANOS, SÃO JOÃO DE MERITI/RJ,
PROGRESSISTA MILITANTE



1 A variável utilizada corresponde à renda familiar mensal total, conforme a pergunta "Olhando neste cartão, você poderia me dizer qual é, mais ou menos, a sua renda familiar mensal?", e não se refere a renda individual nem per capita. As categorias foram definidas em faixas baseadas em múltiplos do salário mínimo vigente. Nas análises, as expressões "renda maior que R\$ 10 mil" e "renda menor que R\$ 5 mil" são aproximações operacionais: a primeira contempla rendas acima de R\$ 10.626,00, correspondentes às faixas superiores a 7 salários mínimos, e a segunda abrange rendas inferiores a R\$ 4.554,01, até 3 salários mínimos. Essa correspondência decorre dos intervalos fixos de categorização por múltiplos do salário mínimo, que utilizam limites padronizados distintos dos valores de referência em reais.

O grupo mais à esquerda entre os seis segmentos reúne 5% da população – praticamente o mesmo tamanho do segmento no extremo oposto, os Patriotas Indignados, com 6% dos brasileiros.

Os Progressistas Militantes são indivíduos altamente engajados, combativos e críticos do status quo. Têm também maior porcentagem de pessoas com ensino superior, maior renda familiar¹, e maior predominância de brancos, se comparado à média nacional. São ainda o grupo mais secular e menos cristão.

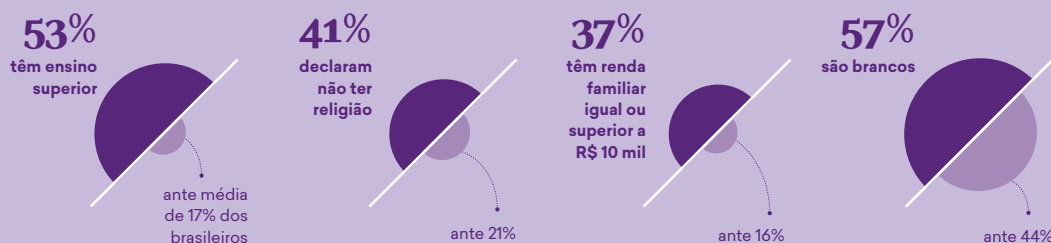
O segmento tem posições ideológicas firmes e grande envolvimento com causas sociais. Seus integrantes são frequentemente ativos em redes coletivas e sentem responsabilidade pessoal em promover mudanças. É o único grupo que se define como progressista (78%). Essa identidade, junto com o alto nível de mobilização, justifica a nomeação do grupo como Progressistas Militantes.

Embora representem uma parcela pequena da população, têm presença marcante no debate público. Eles estão mais mobilizados – 71% consideram importante participar de manifestação política, ante 49% dos Patriotas Indignados –, compartilham mais notícias sobre política nas redes sociais – 38% ante 29% do grupo mais à direita – e conversam mais sobre política com família e amigos – 69% ante 47% dos Patriotas Indignados.

De maneira geral, os Progressistas Militantes rejeitam discursos conciliatórios que, para eles, normalizam injustiças históricas. Enxergam as estruturas de poder como excludentes e se mantêm céticos quanto à possibilidade de reforma sem mobilização social intensa. Valorizam movimentos sociais, desconfiam de lideranças tradicionais e são críticos da direita e da esquerda institucional.

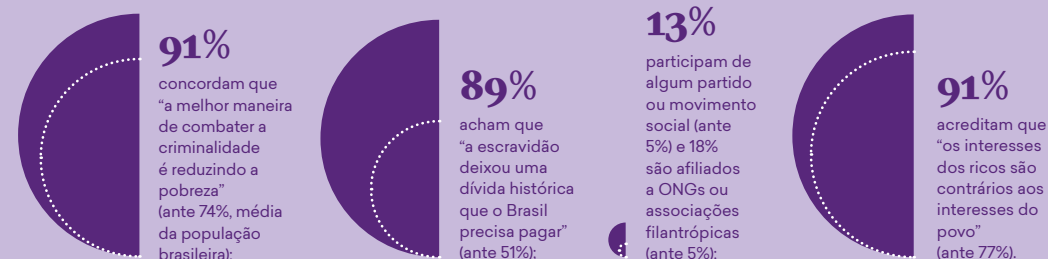
QUEM SÃO OS PROGRESSISTAS MILITANTES?

Na comparação com a média da população brasileira



CRENÇAS E VALORES

Na comparação com o brasileiro médio





A Esquerda Tradicional vem na sequência dos Progressistas Militantes no espectro, e congrega 14% da população brasileira. São indivíduos definidos como reformistas, cívicos, orientados por valores comunitários e religiosos, defensores da justiça social por meio do fortalecimento do Estado e da proteção dos mais vulneráveis.

O segmento tem menor identificação com pautas identitárias e menor adesão ao confronto político. Acreditam no papel do Estado como garantidor de direitos e preferem mudanças graduais ao confronto.

A Esquerda Tradicional valoriza conquistas históricas da democracia brasileira, como a universalização da educação e o Sistema Único de Saúde (SUS). Está ligada também a valores tradicionais de família e fé. O segmento se diferencia dos Progressistas Militantes por ser mais religioso e conservador nos costumes, com menor identificação com a defesa de grupos minorizados, especialmente em pautas de gênero e sexualidade.

Seu nome está atrelado à tradição da esquerda popular brasileira, com raízes na teologia da libertação, nos movimentos comunitários urbanos e rurais e nas experiências sindicais e eclesiais de base – “a esquerda que nasceu da igreja”.

Com o clima de polarização e o confronto por questões morais, o grupo dá sinais de fadiga e risco de desmobilização. Apesar de 32% acharem importante participar de manifestações, só 4% o fizeram no último ano. O segmento também compartilha menos notícias sobre política (8%, ante 38% dos Progressistas Militantes) e fala menos com amigos e família sobre o assunto (21%, ante 69% do grupo mais à esquerda).



O que eu nunca gostei na direita eram essas pautas de comportamento. Eu acredito que a gente usa a política pra promover a saúde, pra promover melhoria pra população em geral. Tem que proporcionar pra você a sua segurança. Hoje em dia a gente não consegue mais ir na rua, tomar uma cerveja, voltar pra casa bem, em segurança.”

HOMEM DE 38 ANOS,
SÃO MIGUEL PAULISTA/SP
ESQUERDA TRADICIONAL



Eu acho que [a gente] deveria se unir a favor dos mais pobres, né? Porque os ricos são ricos e os pobres estão cada vez mais com dificuldade de viver. Em questão de emprego, tem emprego, mas o que falta é a pessoa dar oportunidade de a gente trabalhar.”

MULHER DE 28 ANOS,
SALVADOR/BA,
ESQUERDA TRADICIONAL

QUEM É A ESQUERDA TRADICIONAL?

Na comparação com a média da população brasileira



CRENÇAS E VALORES

Na comparação com a média da população brasileira





Os Desengajados são 27% da população e, junto com os Cautelosos (27%), representam o grupo majoritário da sociedade brasileira. Compõem os chamados Invisíveis, porque formam uma maioria silenciosa no meio de grupos polarizados.

São indivíduos moderados, pessimistas, pragmáticos e avessos a conflitos. Os Desengajados distinguem-se pela baixa participação política formal e pelo desinteresse declarado por disputas ideológicas.

No entanto, isso não significa que sejam alienados: possuem opiniões políticas claras e capacidade de argumentação, ainda que em espaços privados e protegidos, fora de arenas públicas.

São céticos em relação aos partidos, às lideranças políticas e ao debate polarizado. Percebem a direita como via restauradora dos valores morais fundantes do brasileiro. Porém, são mais simpáticos às políticas sociais da esquerda. Em comparação com os Cautelosos, são um pouco mais moderados no conservadorismo em questões relacionadas à família e à sexualidade.

Os Desengajados evitam confrontos, sobretudo nas redes sociais e na família, e se sentem coagidos pela polarização. Valorizam a tranquilidade, a segurança e o respeito mútuo. Para eles, a política é vista mais como fonte de conflito do que de soluções. É comum o relato de que é melhor não falar sobre política para não provocar discussões ou ferir suscetibilidades. Por isso o nome do segmento.

O grupo é marcado por uma perspectiva prática da vida – o que importa é “o que funciona” no dia a dia – e anseia pela volta a uma “normalidade” social e política. Sua desconfiança em relação aos extremos e sua visão pragmática os colocam em uma posição de audiência central, exigindo que, para ser eficaz, o debate público abandone a agressividade e o conflito polarizado.

“As pessoas querem que você tenha uma posição, obrigam você a ter essa posição. E, se tiver três ou quatro pessoas que são petistas, quer que a gente siga essa manada. E se a gente pensar diferente... Isso deixa a gente extremamente sem democracia de escolha.”

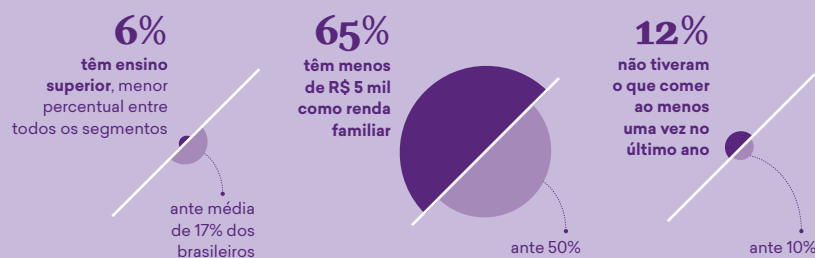
MULHER DE 41 ANOS,
RECIFE/PE,
DESENGAJADA

“A gente enfrenta uma grande dificuldade até mesmo sobre relacionamento no trabalho, familiar, por opiniões diferentes. Ficou uma rivalidade. Nem pensam em nós, brasileiros, no melhor do Brasil.”

MULHER DE 43 ANOS,
PORTO VELHO/RO,
DESENGAJADA

QUEM SÃO OS DESENGAJADOS?

Na comparação com a média da população brasileira



São os que menos participaram de manifestações no último ano (2%), compartilham notícias (3%) ou falam de política com familiares ou amigos (9%). Também têm o menor engajamento com partidos (3%) e ONGs e associações filantrópicas (4%);

CRENÇAS E VALORES

Na comparação com a média da população brasileira





Os Cautelosos representam 27% da população brasileira – mesma proporção dos Desengajados. Somados, os segmentos compõem a parcela majoritária da população, chamada de os "Invisíveis", porque não participam dos polos da disputa política e formam uma maioria silenciosa.

A pesquisa mostra que são indivíduos que expressam desconfiança generalizada em relação à política, à mídia, aos partidos e às instituições – nos segmentos à direita e à esquerda, a desconfiança é mais seletiva.

Embora estejam frustradas com o sistema e sejam sensíveis à retórica populista, essas pessoas não canalizam essa insatisfação em engajamento coletivo. Sentem-se "cansadas" e "enganadas" pela política, mas buscam uma terceira via que defenda a ordem e o respeito. Sua desconfiança, atrelada à sua desmobilização, justifica a nomeação do segmento.

Na comparação com os Desengajados, os Cautelosos se distinguem por sua inclinação conservadora na moral, alinhando-se um pouco mais aos grupos à direita. Apesar disso, 26% deles simpatizam com o PT.

O discurso dos Cautelosos é marcado por um pragmatismo moralista. Em geral, essas pessoas misturam críticas ao "excesso de direitos" com um sentimento de abandono e exclusão. Não se percebem como radicais, preferem lideranças que "falam a linguagem do povo" e defendem ordem, trabalho e autoridade, mesmo que critiquem o sistema como um todo.

Essa percepção de baixo status social e de exclusão dos Cautelosos conecta-se diretamente à sua inclinação populista. A percepção preponderante de que há uma dicotomia entre "o povo decente e as elites corruptas" reforça a leitura de frustração existencial e o ressentimento social desse segmento.



O que eu não sabia é que muitos dos professores de universidade que eu tive, a maioria é bem de grana, bem de vida. Eles querem que as pessoas continuem burras, sem saber de nada."

MULHER DE 30 ANOS
SÃO PAULO/SP
CAUTELOSA

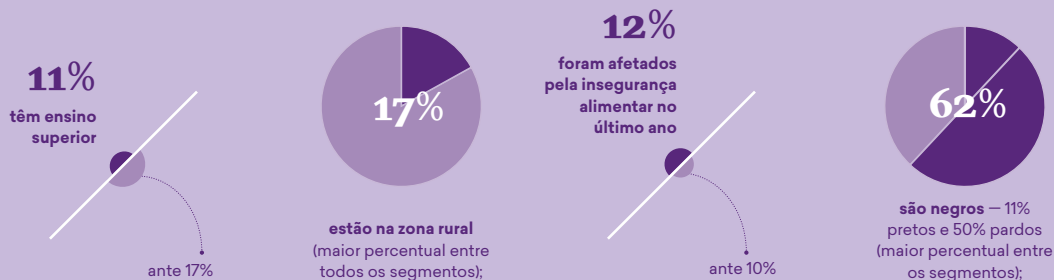


Eu me identifico mais com a direita, mais do que com os outros. A direita acho que é um pouco mais equilibrada. Eu acho que não gosto da esquerda pela ideologia deles, pelo que eles defendem – para mim não rola mais pelos valores."

MULHER DE 29 ANOS
RIO DE JANEIRO/RJ
CAUTELOSA

QUEM SÃO OS CAUTELOSOS?

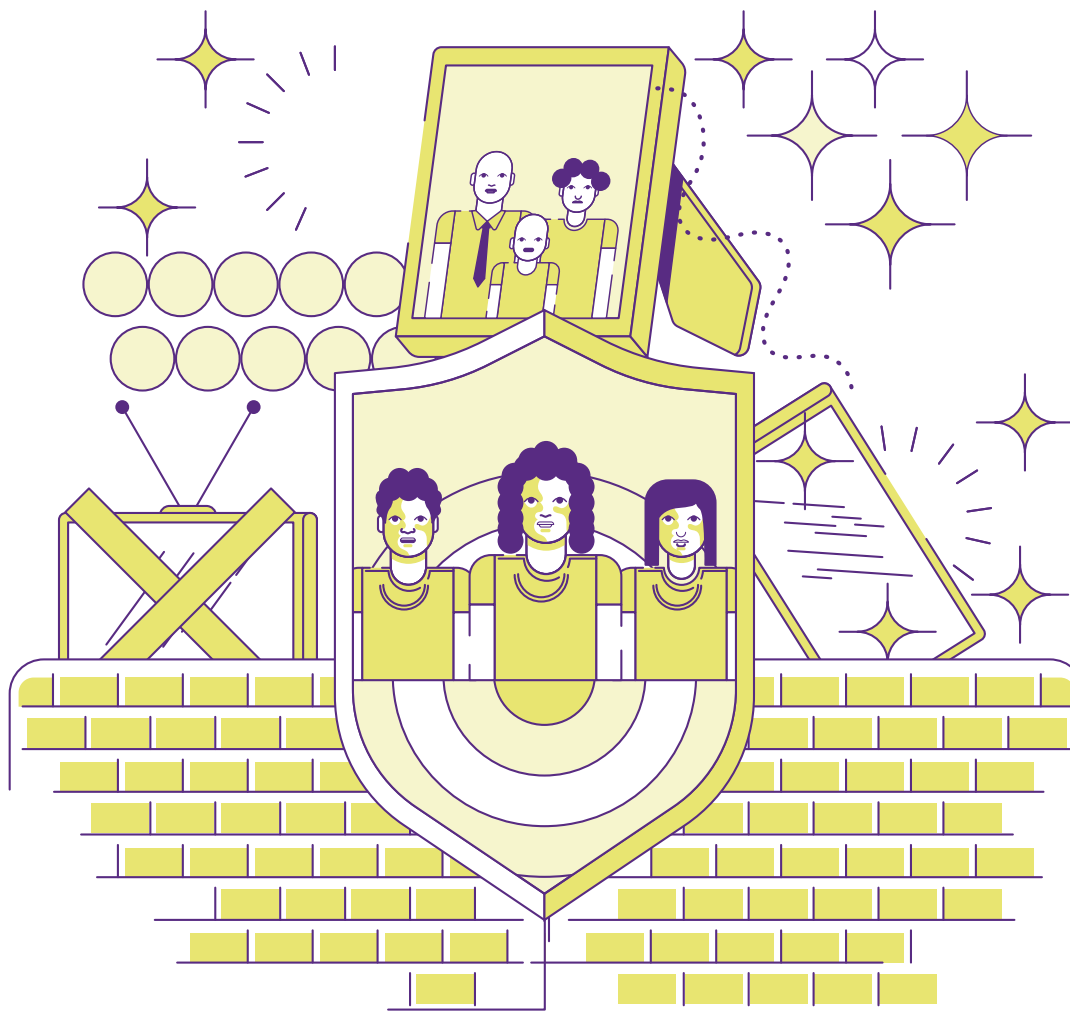
Na comparação com a média da população brasileira



CRENÇAS E VALORES

Na comparação com a média da população brasileira





Os Conservadores Tradicionais representam 21% da população brasileira. Valorizam a família, a religião, a autoridade e a ordem como pilares centrais da vida social. São engajados politicamente dentro de uma lógica moralista e nacionalista em que o Brasil ideal é aquele que protege valores considerados “naturais” ou “de raiz”, daí serem nomeados como Conservadores Tradicionais.

O discurso dos Cautelosos é marcado por afirmações contundentes, com frequência amparadas por teorias conspiratórias e visões populistas. Demonstram orgulho do país, especialmente em relação ao trabalho e à disciplina.

As falas dos Conservadores Tradicionais demonstram seu foco na ordem e na família e sua luta contra o que percebem como inversão de valores na sociedade atual.

O segmento tem forte desconfiança da mídia, da universidade pública e de movimentos sociais, vistos como instrumentos de doutrinação ou ameaça à moral. Os Conservadores acreditam, de forma geral, que a esquerda busca destruir valores cristãos e distorcer a educação.



Quando você entrava para uma federal, você era inteligente, um orgulho. Hoje, as pessoas preferem que se faça uma universidade privada por conta da doutrinação. Muitos jovens entram na universidade de um jeito e saem de outro. Eles não estão ali para estudar a matéria que escolheram, estão ali para fazer politicagem. Puxando mais para um lado, para doutrinar as pessoas que estão ali. Quem é cabeça fraca acaba sendo doutrinado.”

MULHER DE 33 ANOS
OSASCO/SP
CONSERVADORA TRADICIONAL

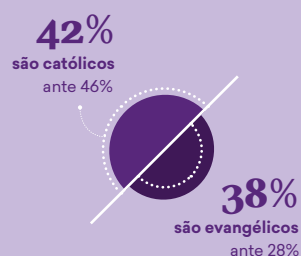


Eu me identifico como de direita desde quando comecei a me aprofundar e entender o que cada grupo defendia. Debater com uma pessoa que pensa completamente diferente é complicado. A gente escuta que a direita é extremista, defende Hitler, é contra os direitos humanos. E não. Eu defendo o lado que é o certo. Por exemplo, eu sou cristã, acredito na minha religião que fala que o aborto é errado.”

MULHER DE 33 ANOS
OSASCO/SP
CONSERVADORA TRADICIONAL

QUEM SÃO OS CONSERVADORES TRADICIONAIS?

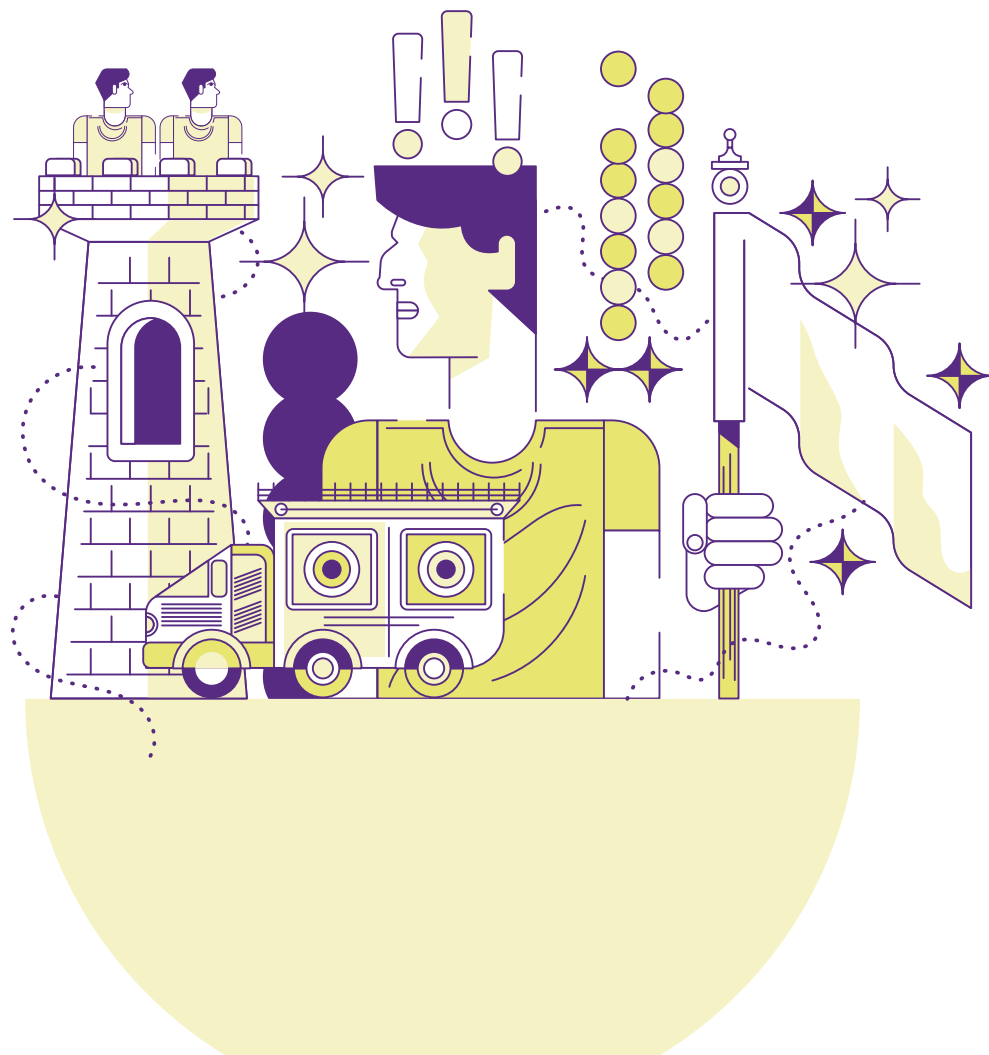
Na comparação com a média da população brasileira



CRENÇAS E VALORES

Na comparação com a média da população brasileira





Os Patriotas Indignados, o segmento mais à direita no espectro, são definidos por um engajamento político intenso e um sentimento de traição por parte das instituições. Cultivam um discurso de revolta contra elites políticas, culturais e acadêmicas, que consideram infiltradas por ideologias destrutivas.

O segmento mais à direita no espectro é também o mais masculino e o mais evangélico. São descrentes das instituições políticas (61% não confiam no Congresso e 71% não confiam no STF) e profundamente desconfiados do sistema, acreditando que há manipulação midiática, corrupção estrutural e ameaças ideológicas infiltradas em escolas, universidades e na cultura. Informam-se sobre política predominantemente pelo WhatsApp (58%) e pelo Youtube (59%).

São mais mobilizados do que a média da população – 6% participaram de ao menos uma manifestação no último ano, ante 4% – e 47% costumam conversar com familiares e amigos sobre política, ante uma média de 22% da população. Uma parcela maior (29%) também compartilha notícias de política nas redes sociais, ante 10% dos brasileiros em geral.

Apoiam lideranças que falam “a linguagem do povo” e prometem restaurar a ordem. Frequentemente se apoiam em mensagens de teor conspiratório e alimentam desconfiança ativa contra “os de cima”.

Apesar de admitir que há discriminação no Brasil – 86% acreditam que “o racismo ainda é uma ferida aberta na sociedade brasileira” –, são contrários às cotas como meio de reparação. Também veem menos correlação entre a pobreza e a violência – uma divergência com os demais segmentos –, e são resistentes aos movimentos pelos direitos de negros, mulheres e pessoas LGBT+.

“A direita tem mais princípios, tem mais família, tem Deus. E a esquerda já é mais assim, pela pá virada. A esquerda quer destruir a base (familiar).”

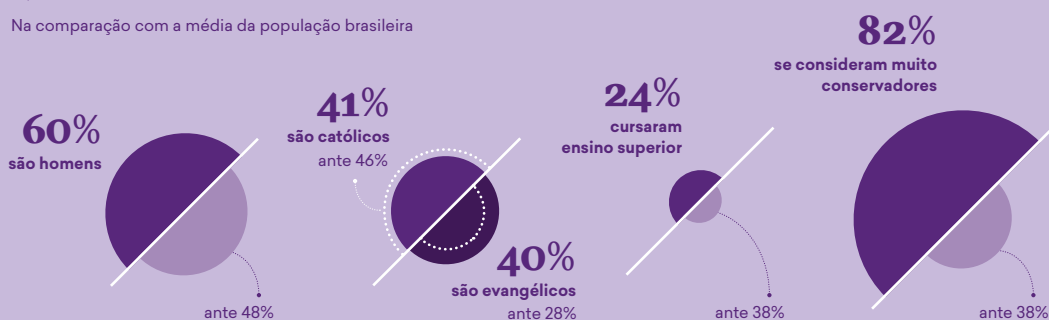
MULHER DE 31 ANOS,
CURITIBA/PR,
PATRIOTA INDIGNADA

“Eu acho que esses movimentos mais excluem do que incluem. Porque não tem diferença entre mim e uma pessoa negra. Não tem diferença entre mim e um homossexual.”

MULHER DE 33 ANOS
CURITIBA/PR,
PATRIOTA INDIGNADA

QUEM SÃO OS PATRIOTAS INDIGNADOS?

Na comparação com a média da população brasileira



CRENÇAS E VALORES

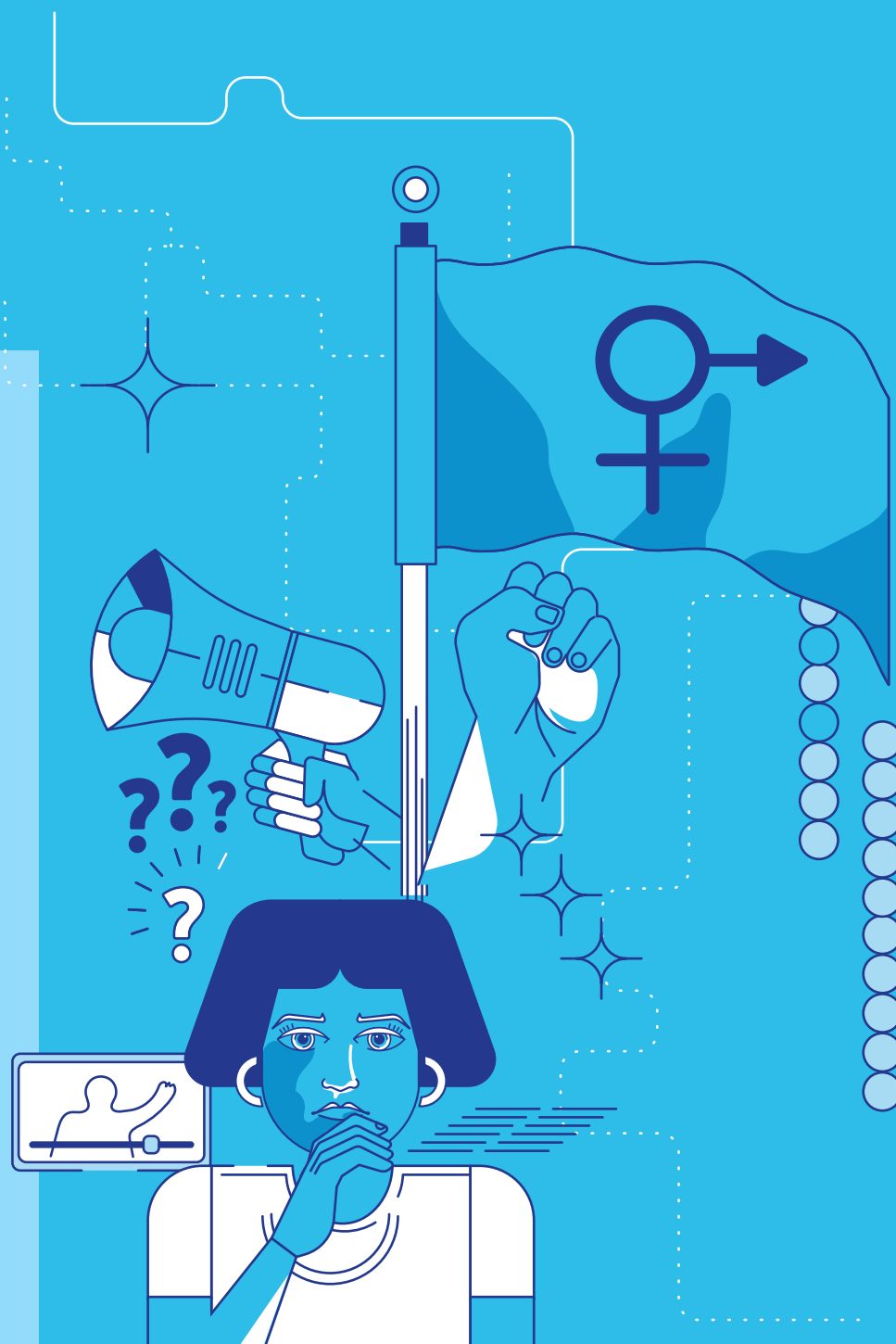
Na comparação com a média da população brasileira



Guerras Culturais

Gênero, raça, educação, segurança pública e religião – a carga moral e afetiva das disputas políticas no Brasil

Guerras culturais são o deslocamento do eixo do debate público de temas predominantemente econômicos e políticos para conflitos de natureza moral e de costumes, envolvendo educação, gênero e sexualidade, família, religião, drogas, segurança, arte e memória. Nessas disputas, a ênfase recai menos sobre o desenho técnico de políticas e mais sobre linguagem, símbolos e fronteiras do aceitável, o que se pode ensinar, exhibir, financiar ou proibir. A arquitetura das plataformas digitais amplia a atuação de grupos altamente mobilizados, intensifica controvérsias e sustenta um clima de conflito contínuo. No plano institucional, os efeitos manifestam-se em pressões por vetos, boicotes e condicionantes administrativos que orientam ou restringem a circulação cultural. Em síntese, a polarização contemporânea organiza-se sobretudo em torno de valores e modos de vida.



Nos últimos anos, o debate político no Brasil se concentrou nas disputas sobre temas morais, no que se convencionou chamar de “guerras culturais”. A disputa é cada vez menos centrada em políticas econômicas e sociais e mais em questões sobre família, sexualidade, raça e segurança – que têm pouco impacto material e distributivo.

Para investigar a opinião da população, o questionário buscou capturar os temas mais frequentes do debate político, da maneira como estavam expressos nas mídias sociais e, em alguns casos, no debate parlamentar. São proposições tanto de esquerda como de direita. A pesquisa, então, mediu o grau de concordância (escala de Likert, variando de concordo muito a discordo muito) com essas afirmações.

O que descobrimos é que, embora os temas das guerras culturais sejam bastante divisivos, as posições extremas se concentram nos segmentos mais engajados, dos Progressistas Militantes e dos Patriotas Indignados. E, em menor medida, nos segmentos Esquerda Tradicional e Conservadores Tradicionais. A maioria da população, que está nos segmentos Invisíveis, tem posições moderadas e independentes, ou seja, combinando posições às vezes um pouco mais progressistas, às vezes um pouco mais conservadoras.

Embora os segmentos Progressistas tendam a atribuir aos Conservadores posições machistas e racistas, há pouca divisão em questões sobre o direito das mulheres, dos negros e da população LGBT+. Porém, quando as questões envolviam avaliar os movimentos que representam essas minorias ou a maneira como esses movimentos implementam suas agendas, a divisão foi bem maior.

As guerras culturais não se limitam ao campo político tradicional. Elas atravessam a mídia, os espaços religiosos, as redes sociais e as relações interpessoais. A polarização tende a ser reforçada por fatores afetivos e identitários, que dificultam o diálogo e produzem reações de defesa e antagonismo.

Por outro lado, a segmentação proposta neste relatório permite observar padrões mais complexos, identificar zonas de ambivalência e captar dinâmicas que não se encaixam nas divisões binárias entre “direita” e “esquerda”.



Eu acho que tem muita coisa que é distorcida. Eu sou cristã, creio em Deus e em Jesus. Mas não abomino o homossexualismo, porque eu não sou fixada em religião. Tenho amigos gays. Tenho um amigo negro e gay e sou apaixonada por ele. E o tanto que ele sofre. Ele sofre o racismo e sofre pelos trejeitos. Esses movimentos deveriam ter um cuidado na abordagem. Tem que existir o movimento LGBT, feminista. Mas sem levantar bandeira de partido, sem radicalizar.”

MULHER DE 39 ANOS
RIO DE JANEIRO/RJ
CAUTELOSA



Essas pautas do meio ambiente, da homofobia, do feminismo, são pautas relevantes em alguns aspectos. Mas não dá para levantar uma bandeira e dizer ‘eu concordo com tudo’, porque, no todo, isso não me representa.”

MULHER DE 44 ANOS
SALVADOR/BA
DESENGAJADA

Gênero e Sexualidade

Na última década, temas de gênero e sexualidade vêm ocupando lugar central no debate público brasileiro. Em 2014, a TV Globo exibiu o primeiro beijo gay em novelas. No mesmo ano, vereadores e deputados estaduais de partidos de direita se mobilizaram por projetos que excluía a educação sexual do currículo do ensino público, seguindo as diretrizes do Escola sem Partido. Em 2015, o movimento culminou com a decisão em plenário da Câmara dos Deputados de retirar as menções a “gênero” do Plano Nacional de Educação.

No Poder Judiciário, o foco foram os direitos das pessoas LGBTQ+. Em 2018, o Supremo Tribunal Federal reconheceu o direito de pessoas trans de alterar o nome e o registro civil sem necessidade de cirurgia ou decisão judicial. Em 2019, a mais alta Corte criminalizou a homofobia e a transfobia, equiparando-as ao crime de racismo.

O reconhecimento de identidades de gênero não-normativas, a presença de temas LGBTQ+ na mídia e na educação e a atuação de movimentos feministas e trans contribuíram para transformar esses assuntos em vetores das guerras culturais. As disputas não dizem respeito apenas à política, mas a visões distintas sobre normalidade, moralidade, autoridade e convivência.

A pesquisa da More in Common permite perceber que há alguma concordância com propostas básicas como igualdade entre homens e mulheres. Mas, em outras questões específicas sobre gênero e sexualidade, Progressistas Militantes e Patriotas Indignados têm visões opostas e coerentes, enquanto os grupos intermediários apresentam zonas de transição e revelam a complexidade do cenário brasileiro.

É possível notar ainda uma maior resistência, em todos os seis segmentos identificados, aos direitos das pessoas transexuais. Esse dado parece refletir o tempo de atuação desse movimento – as demandas são as mais recentes no cenário brasileiro, na comparação com outros grupos – e a menor visibilidade dessa pauta no debate público.

Os dados não têm como propósito validar ou rejeitar qualquer posicionamento, mas oferecer um diagnóstico preciso das percepções existentes atualmente na sociedade. Ao identificar consensos, divergências e zonas de ambiguidade, o estudo da More in Common no Brasil busca contribuir para a construção de pontes, ampliando o espaço para o diálogo e o reconhecimento mútuo em um campo frequentemente marcado por tensões.

FEMINISMO: DIREITOS IGUAIS E PERCEPÇÃO DO MOVIMENTO

A pesquisa mostra que a maioria da população brasileira, em todos os segmentos, concorda com a igualdade entre homens e mulheres. Questionados se “os homens são superiores às mulheres”, apenas 6% dos Progressistas Militantes concordam. A parcela sobe para 15% na Esquerda Tradicional; 23% entre Desengajados; 31% dos Cautelosos; 26% dos Conservadores Tradicionais e 24% dos Patriotas Indignados.

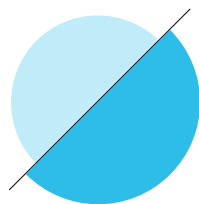
Mas, se a ideia de igualdade é aceita por uma parcela majoritária de todos os segmentos, o movimento feminista – definido historicamente pela luta por igualdade de direitos – enfrenta rejeição fora da esquerda. Trata-se de um exemplo de **dissociação entre os valores declarados e as identidades políticas**.

Nos segmentos Progressistas, a associação é de que o feminismo promove a igualdade. Já nos segmentos Conservadores, a percepção é inversa: o movimento feminista é visto como promotor do ódio aos homens.

NA SUA OPINIÃO, O FEMINISMO:

(CONCORDAM, EM %)

Os segmentos mais conservadores acreditam que o movimento feminista promove as mulheres em detrimento dos homens, visão rejeitada pelos Progressistas. A percepção de que o movimento luta por direitos iguais é praticamente unânime entre os Progressistas Militantes, mas decresce até ficar minoritária



54%

da população brasileira concorda que “Sexualidade é assunto a ser tratado somente pela família, não pela escola”

Na mesma direção, a frase “a ideologia feminista ameaça a família” encontra concordância crescente fora dos segmentos Progressistas.

A percepção de que o movimento feminista não busca promover a igualdade, mas uma inversão da ordem estabelecida, aparece com força nos segmentos mais à direita do espectro. Essa visão se expressa, por exemplo, na frase “hoje em dia parece que os direitos das mulheres valem mais do que os direitos dos homens”, que é completamente rejeitada pelos Progressistas Militantes (0%), mas encontra níveis crescentes de concordância à medida que se caminha para a direita no espectro: 11% na Esquerda Tradicional, 31% entre Desengajados, 51% entre Cautelosos, 63% entre Conservadores Tradicionais e 83% entre Patriotas Indignados.

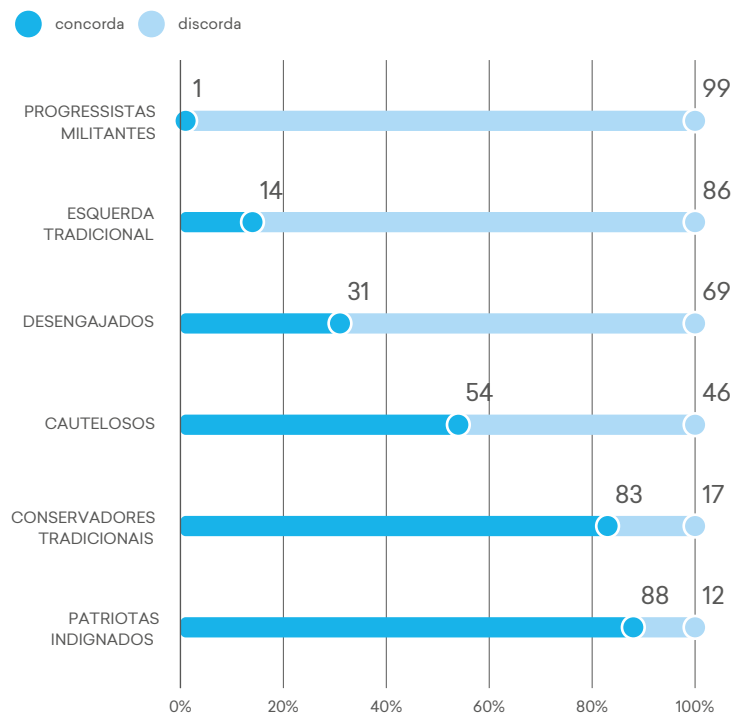
A compreensão mais tradicional das dinâmicas familiares prevalece entre os segmentos invisíveis e conser-

O uso do termo “ideologia feminista” no questionário buscou refletir a linguagem tal como circula no debate público e nas redes sociais. De maneira que, ao testar essa frase, a pesquisa buscou identificar níveis de rejeição ou adesão à visão crítica do movimento feminista no contexto das guerras culturais, e compreender como diferentes segmentos populacionais interpretam o feminismo no Brasil contemporâneo. Trata-se, portanto, de uma escolha metodológica fundamentada na escuta da linguagem cotidiana e no esforço de mapear sentimentos, afetos e disputas simbólicas que moldam o debate cultural no país.

A IDEOLOGIA FEMINISTA É UMA AMEAÇA PARA A FAMÍLIA BRASILEIRA

(EM %)

A afirmação ligada a grupos Conservadores no país é rechaçada pelos Progressistas Militantes, mas tem adesão crescente até a ampla maioria dos Patriotas Indignados



ADORES. A frase “os papéis de homens e mulheres na sociedade são e devem ser diferentes” tem concordância de 23% dos Progressistas Militantes, de 30% da Esquerda Tradicional, de 36% dos Desengajados, de 53% dos Cautelosos e dos Conservadores Tradicionais e de 56% dos Patriotas Indignados.

O mesmo gradiente de opiniões se manifesta sobre a frase “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”. A afirmação é rejeitada por quase todos os Progressistas Militantes (apenas 6% concordam) e conta com apoio de 18% da Esquerda Tradicional. Os demais segmentos mantêm a maioria de rejeição, mas com uma concordância crescente: 29% dos Desengajados concordam com a frase, 34% dos Cautelosos, 40% dos Conservadores Tradicionais e 45% dos Patriotas Indignados.

Esses padrões indicam que uma parcela majoritária da população brasileira incorporou ideias de igualdade entre homens e mulheres e concorda com a necessidade de intervenção em casos de violência no âmbito familiar.

DIREITOS LGBT+: RECONHECIMENTO E LIMITES

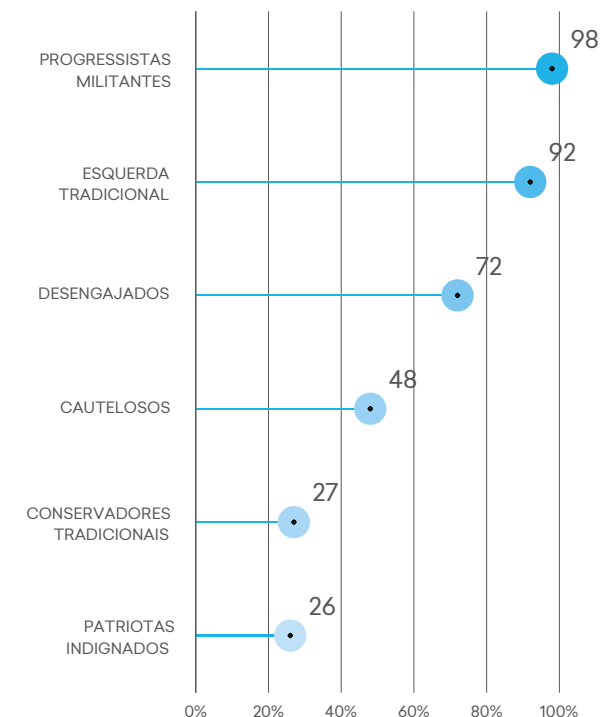
A maioria dos segmentos reconhece o direito de adoção de crianças por casais gays**, ainda que em níveis diferentes. A aprovação é unânime entre Progressistas Militantes (98%), muito alta na Esquerda Tradicional (92%), majoritária até entre Desengajados (72%) e significativa entre Cautelosos (48%). Já entre Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados, o apoio é minoritário (27% e 26%, respectivamente).

A pesquisa revela, porém, um padrão de aceitação condicional para os direitos LGBT+. Fora dos segmentos Progressistas, a tolerância parece estar condicionada à discriminação. A frase “a homossexualidade deve ser vivida entre quatro paredes” é rejeitada por quase todos os Progressistas Militantes (apenas 3% concordam) e por boa parte da Esquerda Tradicional (34%

CASAIS GAYS DEVEM TER O DIREITO DE ADOTAR CRIANÇAS

(CONCORDAM, EM %)

Enquanto os segmentos Progressistas apoiam quase unanimemente a adoção de crianças por casais homoafetivos, a concordância cai progressivamente quanto mais à direita no espectro ideológico. Ainda assim, um quarto dos segmentos mais conservadores manifestam concordância



A expressão “casal gay” foi adotada como atalho de comunicação para o conjunto LGBT+ a fim de maximizar a compreensão pública da pergunta no questionário e facilitar a leitura no gráfico. Nos pré-testes, o termo apresentou maior reconhecimento imediato e menor ambiguidade do que siglas extensas, reduzindo ruído de interpretação entre respondentes de diferentes escolaridades e faixas etárias. Nas análises, foi adotada a denominação LGBT+ e, quando o tema envolve identidade de gênero, foram usadas as expressões pessoas trans/travestis, mulheres e homens trans.

res. Entre os Desengajados, o apoio cai para 30%; entre os Cautelosos, para 11%; e entre os Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados, para 2%.

O mesmo padrão de forte rejeição nos segmentos Conservadores se repete quando o tema é o custeio pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de cirurgias de redesignação de gênero.

ZONAS DE ESCUTA

Em síntese, os temas de sexualidade e gênero revelam divergências de opinião e configurações morais distintas no Brasil. A desconfiança com o feminismo como movimento e a aceitação condicional da homossexualidade, além da rejeição à transexualidade em políticas públicas, revelam, em cada caso, diferentes graus de divergência e consenso.

A segmentação proposta permite identificar padrões internos de coerência, tensões e limites e propor zonas de escuta possíveis, respeitando certas linguagens, formas e ritmos de abordagem.



Eu não tenho nada contra LGBTQI. Não tenho problema nenhum. Mas, assim, se eu sou uma trans e tenho o órgão masculino, ou a sociedade faz um terceiro banheiro para essas pessoas, ou eu não iria me sentir confortável de ter um trans no banheiro. A gente, mulher, pode estar lá, levantar o vestido ou qualquer outra coisa, e tem uma trans lá. Não iria me sentir confortável, por mais que ela não tenha opção sexual pelo meu gênero.”

MULHER DE 41 ANOS, RECIFE/PE, DESENGAJADA

Nenhum Progressista Militante concordou com a frase. Na Esquerda Tradicional, só 4% dão razão à afirmação que desconsidera LBGT+ como pessoas normais. O percentual sobe para 24% entre Desengajados, 57% entre Cautelosos, 80% entre Conservadores Tradicionais e 87% entre Patriotas Indignados.

DIREITOS TRANS: PONTO DE RUPTURA

As questões relacionadas à população trans configuram um ponto de ruptura na sociedade brasileira. A rejeição, nesse caso, não segue o padrão gradual observado em outros temas, ativando valores estruturais relacionados à corporalidade e à naturalização do gênero.

O apoio ao uso do banheiro feminino por travestis é mais alto entre Progressistas Militantes (84%) e na Esquerda Tradicional (61%), mas é marginal nos segmentos mais conservado-

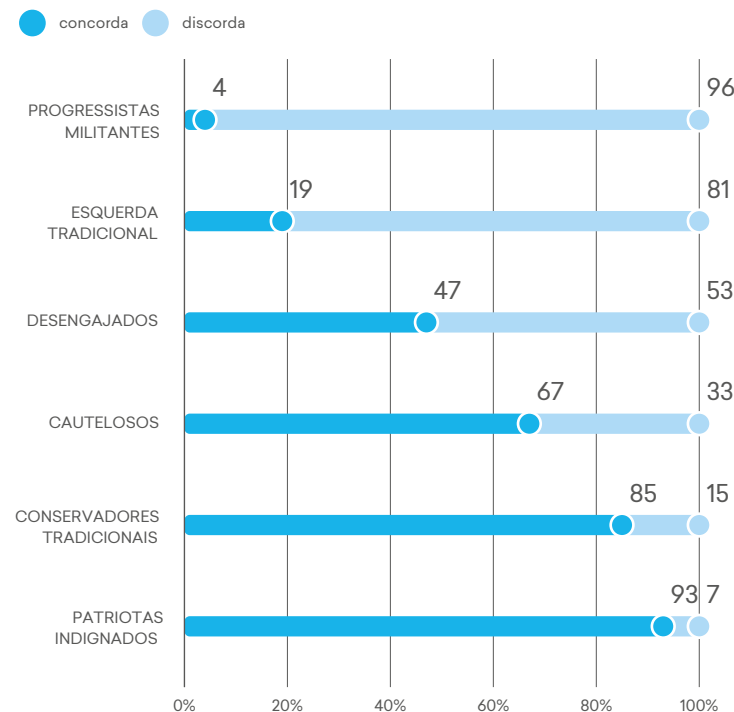
concordam), mas é amplamente aceita entre os demais: 59% dos Desengajados, 77% dos Cautelosos, 92% dos Conservadores Tradicionais e 78% dos Patriotas Indignados.

Os mesmos quatro segmentos também concordam, em grau crescente, que “sexualidade é assunto a ser tratado somente pela família, não pela escola”. Os dados reforçam o caráter privado do tema para a maioria dos brasileiros e uma rejeição dos esforços dos movimentos para fazer avançar a educação sexual na escola.

Em uma proporção semelhante, os segmentos menos progressistas percebem uma espécie de “privilegio gay”. Os entrevistados foram questionados sobre a afirmação “hoje em dia parece que os direitos dos gays valem mais do que os direitos das pessoas normais”. A frase foi usada para compreender quem enxerga pessoas heterossexuais como “normais”, em contraposição à da comunidade LBGT+.

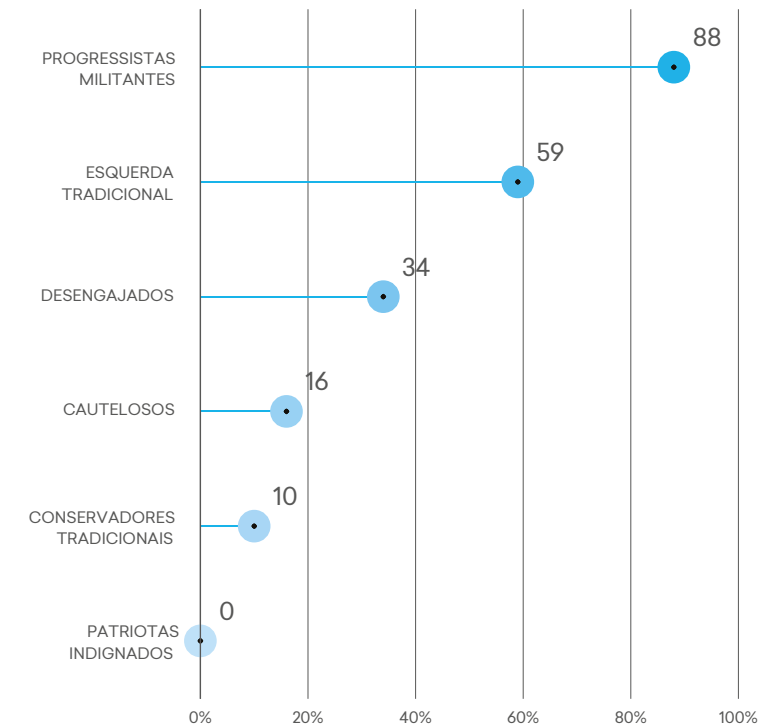
SEXUALIDADE É ASSUNTO A SER TRATADO SOMENTE PELA FAMÍLIA, NÃO PELA ESCOLA

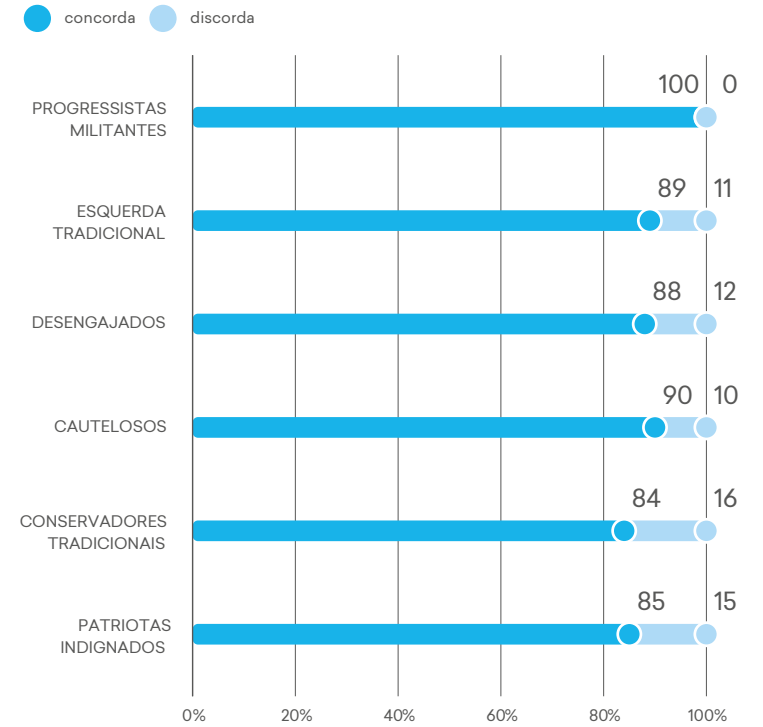
(EM %)
Quando o assunto é a educação sexual no currículo escolar, há um gradiente de opinião. Os Progressistas apoiam majoritariamente a proposta, que gera cada vez mais discordância de acordo com o grau de conservadorismo



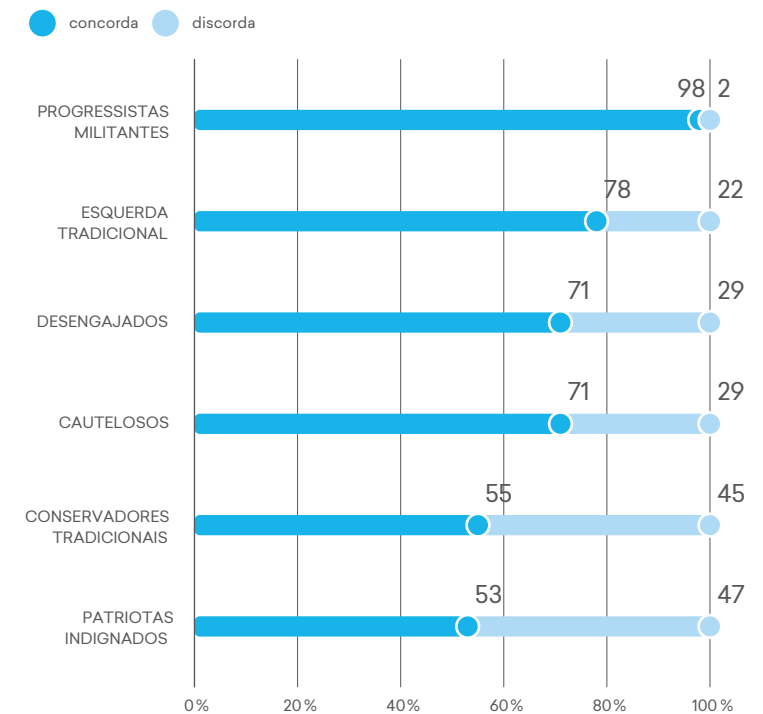
O SUS DEVE PAGAR PELAS CIRURGIAS DE MUDANÇA DE SEXO

(CONCORDAM, EM %)
Questões relacionadas à população trans são um desafio dentro das pautas LBGT+. A rejeição, nesse caso, não segue o padrão gradual observado em outros temas: é mais alta mesmo entre os segmentos invisíveis da sociedade.

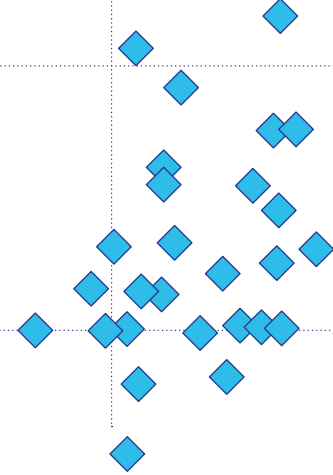




Todos os segmentos da população brasileira, independentemente do espectro político-ideológico, reconhecem que a discriminação racial continua sendo um problema no país. A concordância, ainda que levemente menor, também é notável entre os Conservadores Tradicionais e os Patriotas Indignados.



Uma parcela significativa dos segmentos mais conservadores reconhece o papel do racismo na alta mortalidade de pessoas negras em ações policiais. A concordância é ainda mais majoritária entre Cautelosos, Desengajados e na Esquerda Tradicional, até chegar à unanimidade entre Progressistas Militantes.



Raça

Os brasileiros reconhecem que o racismo é uma realidade com consequências sociais para o país. A percepção já foi mapeada por diversas pesquisas de opinião nos últimos anos – as mais recentes os levantamentos do Datafolha e do Ipec. A segmentação apresentada pela More in Common reforça essa conclusão e adiciona um elemento importante: **o reconhecimento de que o racismo é um problema presente na sociedade brasileira é transversal a todos os segmentos** – como mostram os altos índices de concordância com a afirmação “o racismo ainda é uma ferida aberta na sociedade brasileira”.

A grande maioria da população brasileira também reconhece a influência do racismo na alta taxa de mortalidade de jovens negros em ações policiais. Metade dos Patriotas Indignados e 59% dos Conservadores Tradicionais concordam com essa percepção.

Entre os segmentos, os Progressistas Militantes são o grupo que mais reconhece a existência de uma dívida histórica deixada pela escravidão (89%) que deve ser enfrentada pela geração presente. Os demais grupos – da Esquerda Tradicional aos Patriotas Indignados – demonstram um nível de adesão que diminui progressivamente até os Patriotas Indignados.



Quando a gente fala de cotas, eu acho que quem deveria estudar nas faculdades públicas deveriam ser os alunos que já começaram na rede pública. Aqui, a gente faz o inverso.”

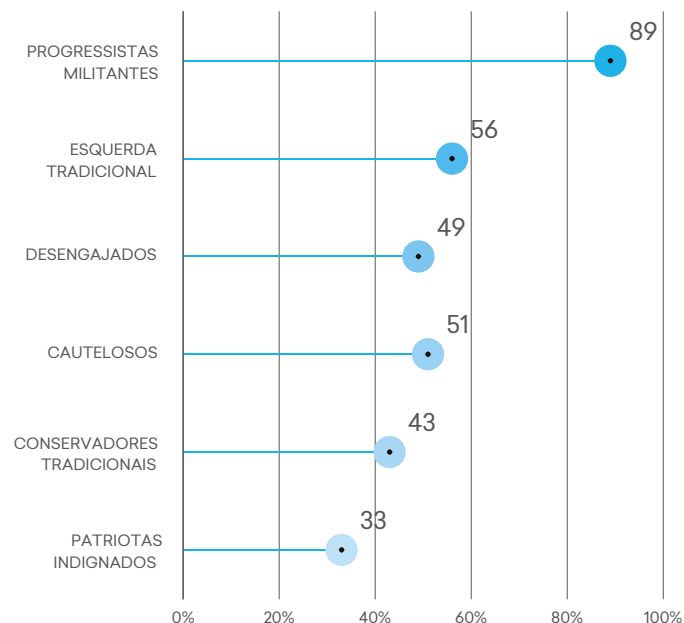
HOMEM DE 49 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ,
ESQUERDA TRADICIONAL



A ESCRAVIDÃO DEIXOU UMA DÍVIDA HISTÓRICA QUE O BRASIL PRECISA PAGAR

(CONCORDAM, EM %)

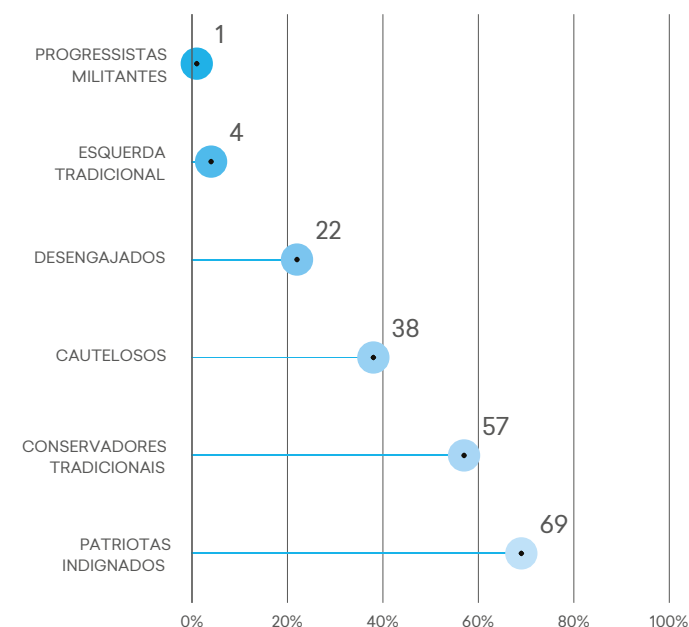
A percepção de que o racismo é um problema atual atravessa todos os segmentos, mas a noção de que a dívida com a população negra deve ser paga tem menos apoio entre Cautelosos, Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados, um desafio para a proposição de medidas reparatórias



HOJE EM DIA PARECE QUE OS DIREITOS DOS NEGROS VALEM MAIS DO QUE OS DIREITOS DOS BRANCOS

(CONCORDAM, EM %)

As conquistas do movimento negro — tipificação do crime de racismo, cotas em universidades e concursos públicos — passaram a ser alvo de narrativas que as associam a assimetrias injustas entre brancos e negros. Salvo entre os segmentos mais progressistas, há uma percepção de que os direitos da população negra passaram a valer mais do que os dos brancos



Os dados mostram que o racismo é percebido como um problema com implicações atuais pela maioria dos brasileiros, com repercussões, inclusive, em como a população negra é tratada pela polícia. Mas revela que as abordagens de enfrentamento da discriminação são divisivas.

Com a redemocratização, há um avanço na criação de políticas reparatórias. Em 1988, a Constituição estabelece o racismo como crime inafiançável. Em 2010, o Estatuto da Igualdade Racial estabelece o dever do Estado de combater às desigualdades. Em 2012, a Lei de Cotas nas universidades públicas é aprovada e, em 2014, a política passa a ser aplicada também para concursos públicos.

Ao mesmo tempo, as propostas de políticas reparatórias, como as cotas raciais, passaram a ser alvo de críticas e um ponto desagregador no debate sobre racismo no Brasil. A segmenta-

ção demonstra que, sobretudo entre os Conservadores, há uma concordância com a afirmação de que os direitos da população negra passaram a valer mais do que os dos brancos — a concordância média do Brasil é de 29%. Mesmo entre os Invisíveis, essa noção ganha alguma tração.

Essa percepção se acentua quando se trata das cotas raciais. Um terço (32%) da Esquerda Tradicional concorda com a ideia de que cotas raciais são uma forma de racismo. Os demais segmentos endossam amplamente essa opinião. A única exceção são os Progressistas Militantes. Vale notar que a pesquisa da More in Common buscou medir o grau de concordância em relação a uma afirmação de valor sobre as cotas raciais. O levantamento do Datafolha que tradicionalmente mostra um apoio majoritário às cotas procura captar a percepção da medida como política pública.

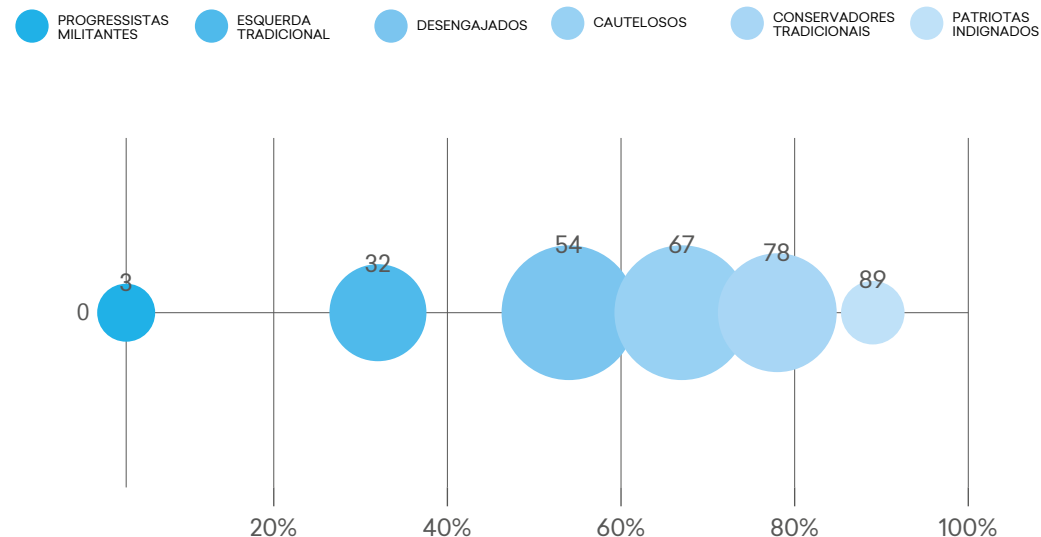


Eu já não vivo essa história de racismo com tanta veemência. Já tive questões pontuais, mas, por conta de um posicionamento que eu sempre tive, sempre soube me defender. Para mim, é mais fácil. Mas o meu filho é músico, ele tem o cabelo crespo mesmo. Ele já sofreu muita coisa, de ser abordado por policiais de uma forma muito discriminatória. Viveu o livramento porque realmente Deus é bom e ele pôde, com toda a educação que tem, também se salvar na hora dessa aflição. Mas acho que também tem esse lado do mimimi, tem muita gente se vitimizando e colocando o branco também em situações desrespeitosas, por não saber avaliar a fala do outro. Tudo é racismo, tudo machuca, tudo dói.”

MULHER DE 44 ANOS,
SALVADOR/BA,
DESENGAJADA

COTAS RACIAIS SÃO UMA FORMA DE RACISMO (CONCORDAM, EM %)

O racismo é um problema no Brasil, mas uma das soluções propostas para repará-lo, as cotas raciais, são vistas como uma ação discriminatória até mesmo por uma parcela relevante da Esquerda Tradicional. Os demais segmentos, à exceção dos Progressistas Militantes, endossam amplamente essa opinião.



Esse negócio feminista, isso, aquilo, é para lacrar. Para que fazer aquelas coisas todas, igual os LGBTs fazem na rua? Tem necessidade daquilo, para poder defender a pauta deles? Não tem. E sobre os negros, pra mim, não vejo diferença uma pessoa preta ou negra.”

MULHER DE 29 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ - SE,
CAUTELOSA

DISSOCIAÇÃO ENTRE PAUTAS E MOVIMENTOS

Ao longo das diversas questões sobre gênero, sexualidade e raça, observa-se um padrão de dissociação entre as pautas (como igualdade ou direitos civis) e os movimentos que as representam. É possível identificar, por exemplo, ampla aceitação da igualdade entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo, rejeição ao feminismo como ideologia ou movimento. O mesmo ocorre com os direitos civis de pessoas LGBT+, com rejeição à militância, à linguagem inclusiva e à visibilidade pública. No caso das desigualdades raciais, os brasileiros admitem que existe o racismo e o rejeitam, mas parecem também aderir aos argumentos de que as cotas não são o instrumento adequado para combatê-lo.

Essa dissociação sugere que a rejeição não se dirige necessariamente à pauta, mas à forma como ela é apresentada, aos símbolos que a representam e às identidades que a personificam.

Educação

As disputas sobre educação básica e ensino superior assumem centralidade na polarização brasileira porque concentram desacordos sobre autoridade pedagógica, valores morais e o papel do Estado. No debate público, escolas e universidades funcionam como arenas simbólicas nas quais identidades políticas projetam expectativas e receios, aspectos centrais das guerras culturais.

A afirmação “os professores de esquerda estão doutrinando as crianças” organiza um eixo de polarização nítido: Progressistas Militantes e Esquerda Tradicional tendem a rejeitar fortemente a ideia, enquanto Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados exibem alta concordância; Cautelosos e Desengajados oscilam entre os polos. O termo “doutrinação” atua como marcador

moral, definindo fronteiras de identidade, mais do que um desacordo estritamente pedagógico.

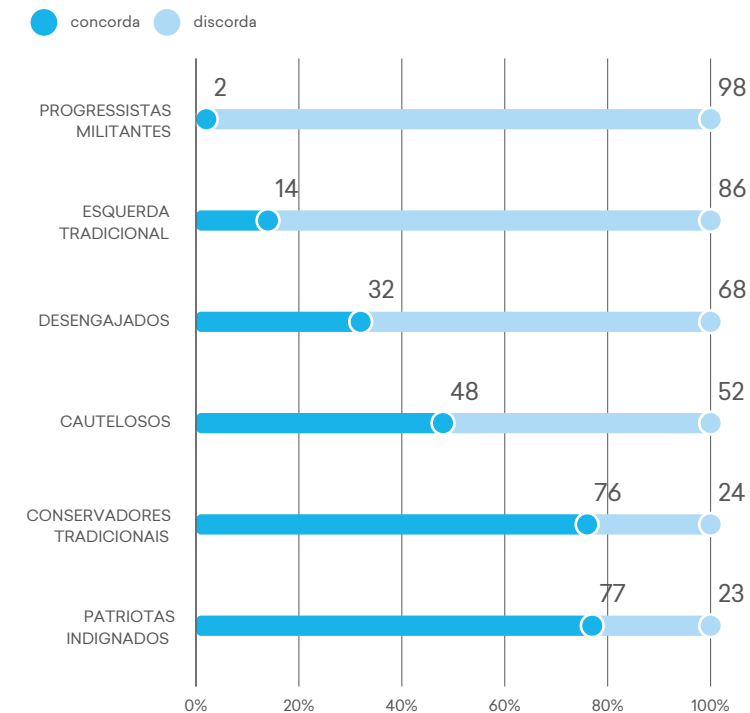
No tema das escolas militares, enquanto os segmentos Progressistas tendem a perceber os riscos de uma doutrinação das crianças para “obedecerem cegamente”, junto aos Conservadores prevalece a percepção de que “as escolas militares promovem disciplina e valores morais necessários para uma educação de qualidade”. Os dois enunciados delineiam um contraste espelhado: onde uns veem uniformização de condutas, outros veem formação cívica e ordem.

ESCOLA: O PAPEL E SEUS LIMITES

As controvérsias sobre gênero e sexualidade na escola replicam o padrão de clivagem dos polos. A afirmação “a ideologia de gênero confunde a

OS PROFESSORES DE ESQUERDA ESTÃO DOUSTRINANDO AS CRIANÇAS (EM %)

Os segmentos mais progressistas rejeitam a ideia de que os professores incutem uma ideologia em sala de aula, percepção que é majoritária entre os grupos mais conservadores





No meu ensino médio tinha muita militância, muito professor de esquerda, facilmente você podia manipular a cabeça do jovem.”

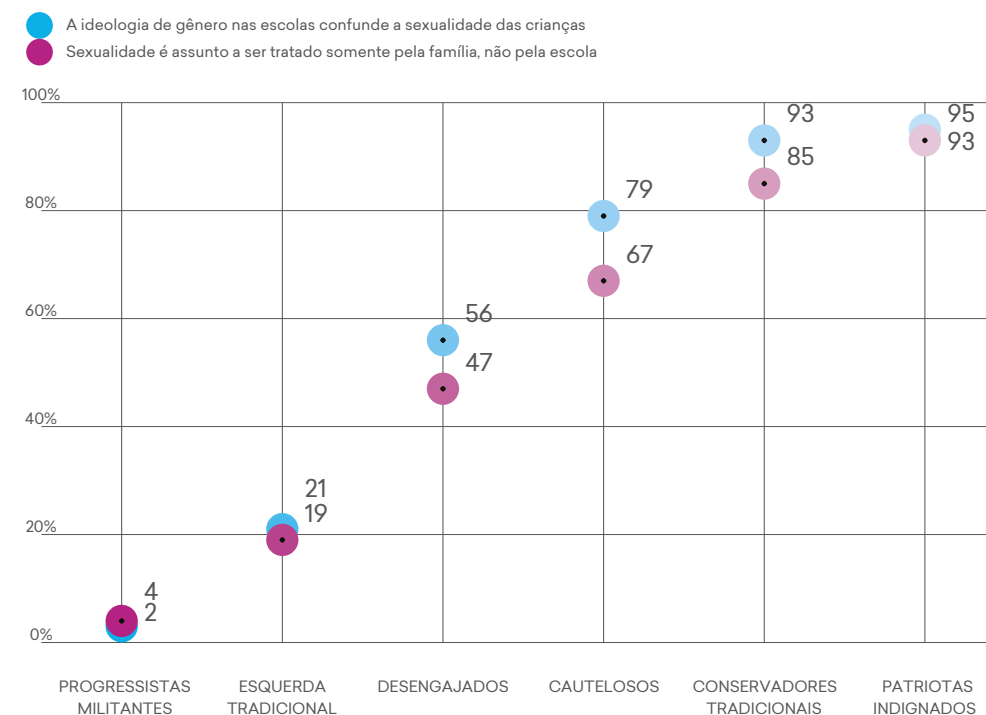
MULHER DE 39 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ,
CAUTELOSA

sexualidade das crianças” é amplamente aceita entre Conservadores e rejeitada entre Progressistas, e a própria expressão “ideologia” sinaliza a disputa cultural. Entre os segmentos Invisíveis, há oscilação.

A ideia “sexualidade é assunto a ser tratado somente pela família, não pela escola” evidencia um atrito específico: a definição de fronteiras legítimas entre família e escola. A percepção de invasão de prerrogativas familiares pesa mais entre Conservadores; entre Progressistas, prevalece o entendimento da escola como lugar de proteção e informação.

No ensino superior, duas leituras organizam a controvérsia. A percepção de que “universidades particulares são melhores que públicas” cresce da esquerda para a direita, possivelmente ancorada em percepções de eficiência, empregabilidade e governança, mas talvez também no sentimento de que o ensino nas universidades públicas foi politizado. A crítica de que “universidades públicas promovem mais ideologia de esquerda do que educação de qualidade” é muito forte entre Conservadores, indicando que a reputação dessas instituições é condicionada por lentes político-morais.

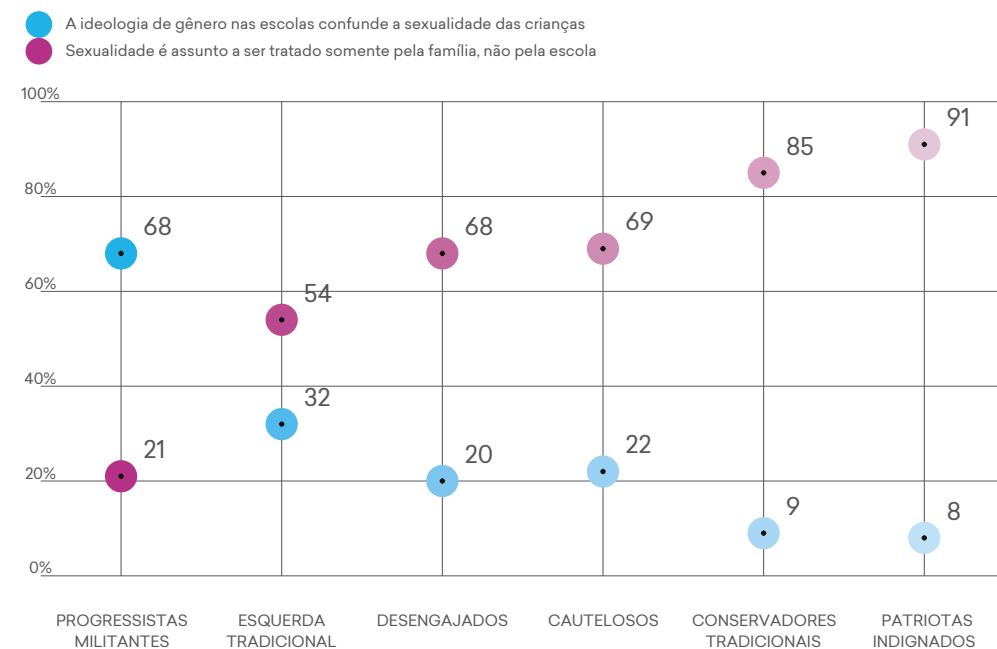
SEXUALIDADE E GÊNERO NA ESCOLA (CONCORDAM, EM %)



PERCEPÇÕES SOBRE AS ESCOLAS CÍVICO-MILITARES (CONCORDAM, EM %)

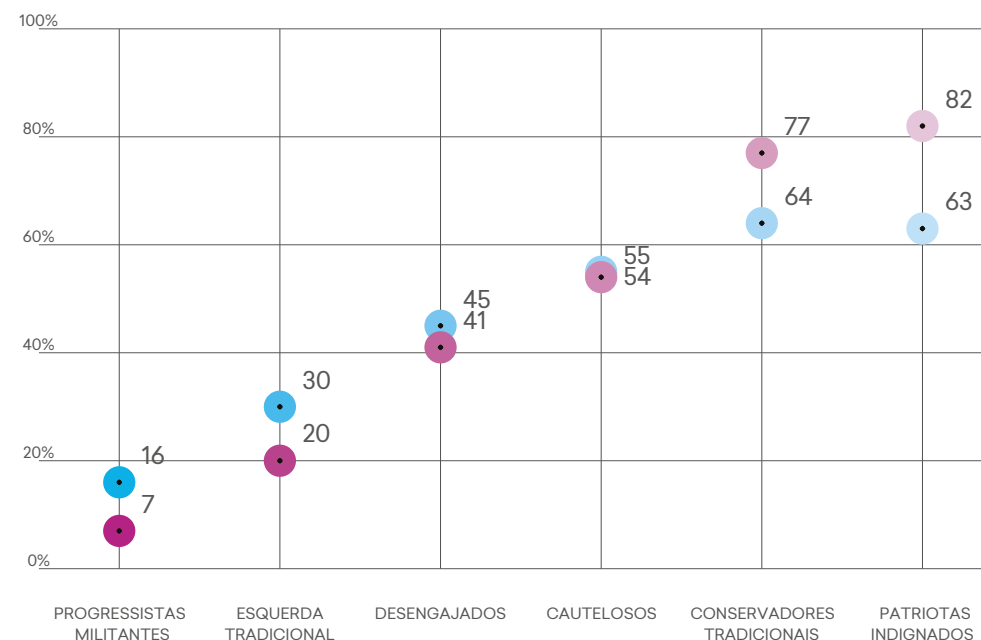
(CONCORDAM, EM %)

Enquanto segmentos Progressistas veem risco de obediência cega, Conservadores aprovam disciplina e valores morais



ENSINO SUPERIOR PÚBLICO, PRIVADO E IDEOLOGIA (CONCORDAM, EM %)

- De maneira geral, as universidades particulares são melhores do que as universidades públicas
- As universidades públicas promovem mais ideologia de esquerda do que educação de qualidade



Segurança pública

A ampliação do direito à posse e ao porte de armas foi tema da campanha eleitoral de 2018 e, depois, de vários decretos da gestão Bolsonaro que alteraram o Estatuto do Desarmamento aprovado em 2003. Algumas medidas que flexibilizavam a compra de armas e munições foram posteriormente invalidadas pelo Supremo Tribunal Federal e, outras, revertidas por decisão do governo Lula. Além das divergências nas políticas de Estado, o tema vem mobilizando a população brasileira.

A concordância com a ideia de que “o cidadão de bem deve ter direito à posse de arma” revela uma das divergências mais marcantes entre os polos da sociedade brasileira. Enquanto a ponta Conservadora concorda quase unanimemente com a afirmação, a ponta Progressista discorda praticamente na mesma intensidade. Os Invisíveis apresentam uma ambivalência diante da questão.

PUNITIVISMO: PRISÃO COMO JUSTIÇA

Outro tema relevante no debate sobre segurança pública é a forma de expressão da justiça, entre o punitivismo de um lado e a justiça restaurativa** de outro. A tendência punitivista perpassa inclusive os espectros Progressistas do país, como mostra a ampla concordância com penas de prisão para menores de idade.

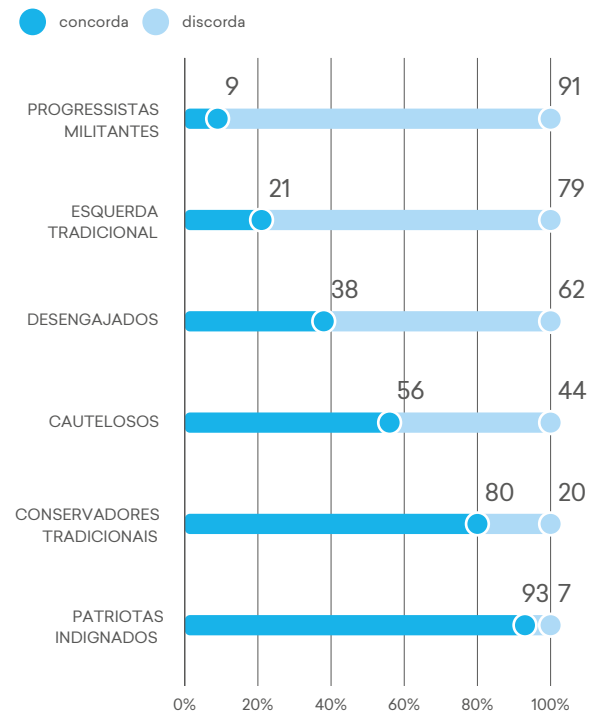
Patriotas Indignados, Conservadores Tradicionais, Cautelosos, Desengajados e mesmo a Esquerda Tradicional têm alta adesão à afirmação, ainda que em percentuais decrescentes.

A exceção são os Progressistas Militantes. Grande parte do grupo sustenta uma visão mais humanista e aposta em medidas socioeducativas, rechaçando a lógica da punição como resposta eficaz à criminalidade juvenil.

A posição dos segmentos Invisíveis mostra que a maioria dos brasileiros não está engajada nesse debate por

O CIDADÃO DE BEM DEVE TER DIREITO À POSSE DE ARMA (EM %)

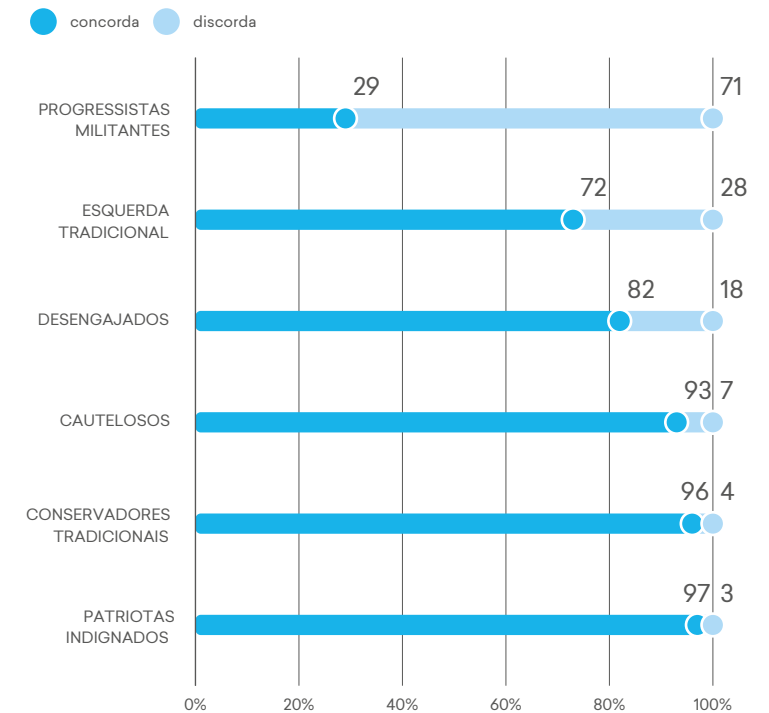
Os segmentos mais conservadores concordam majoritariamente tanto com o direito à posse de arma quanto com o conceito de um cidadão de bem, ideia rejeitada pela maioria dos integrantes dos segmentos mais progressistas



A **Justiça restaurativa** busca solucionar conflitos por meio de diálogo e negociação, com participação de vítimas e ofensores. O principal foco é a reparação dos danos às vítimas e a seus familiares, não somente a punição do ofensor. O punitivismo prioriza a punição como forma central de justiça, frequentemente por meio do encarceramento e do endurecimento de penas. Essa visão enfatiza a responsabilização individual e o castigo como mecanismos de dissuasão e retribuição, mesmo que sem foco na prevenção ou na reintegração social.

MENORES DE IDADE QUE COMETEM CRIMES DEVEM IR PARA A CADEIA (EM %)

O punitivismo, associado aos segmentos mais conservadores, tem adesão também de parcela majoritária da Esquerda Tradicional e percentual significativo dos Progressistas Militantes



viés ideológico. Essa resposta traduz uma demanda social pragmática, permeada por insegurança e falta de alternativas claras.

Um fenômeno semelhante ocorre quando o tema é “os direitos humanos atrapalham o combate ao crime”. Praticamente todos os Patriotas Indignados concordam com a afirmação, sugerindo que a defesa dos direitos humanos é frequentemente associada, neste grupo, à impunidade e à proteção excessiva de criminosos, em detrimento das vítimas e da ordem.

Na outra ponta, os Progressistas Militantes discordam de forma quase unânime. O grupo vê os direitos humanos como inegociáveis e essenciais ao Estado de Direito.

Nos demais segmentos, a ideia tem forte adesão de Conservadores Tradicionais, Cautelosos e Desengajados e ainda encontra eco significativo na Esquerda Tradicional. A maioria

não rejeita os direitos humanos como valor cristão de amor ao próximo. No entanto, esse valor parece atrapalhar o combate ao crime. Esse tipo de avaliação pragmática, sem adesão cega nem oposição dogmática, reforça o papel dos Invisíveis como grupo aberto à escuta e à mediação de ideias.

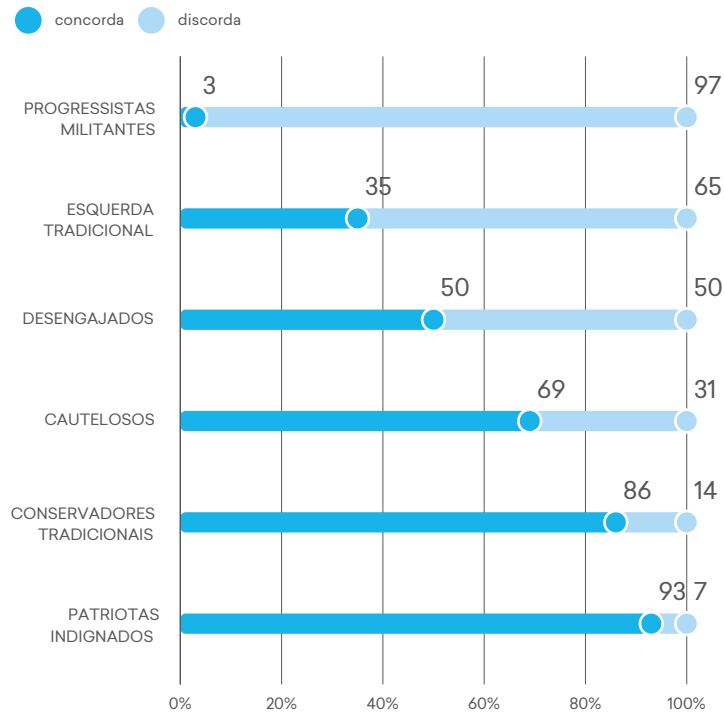
A rejeição desses grupos intermediários à ideia de “fazer justiça com as próprias mãos” mostra que os Invisíveis, mesmo diante da sensação de insegurança, são resistentes à lógica de justiceiros que vigora em boa parte dos Patriotas Indignados. A maioria não se vê autorizada a agir por conta própria, o que sinaliza uma confiança residual na institucionalidade e uma rejeição clara à desordem social.

COMBATE À VIOLÊNCIA

Outro ponto possível de diálogo diz respeito ao papel da redução da pobreza no combate à criminalidade.

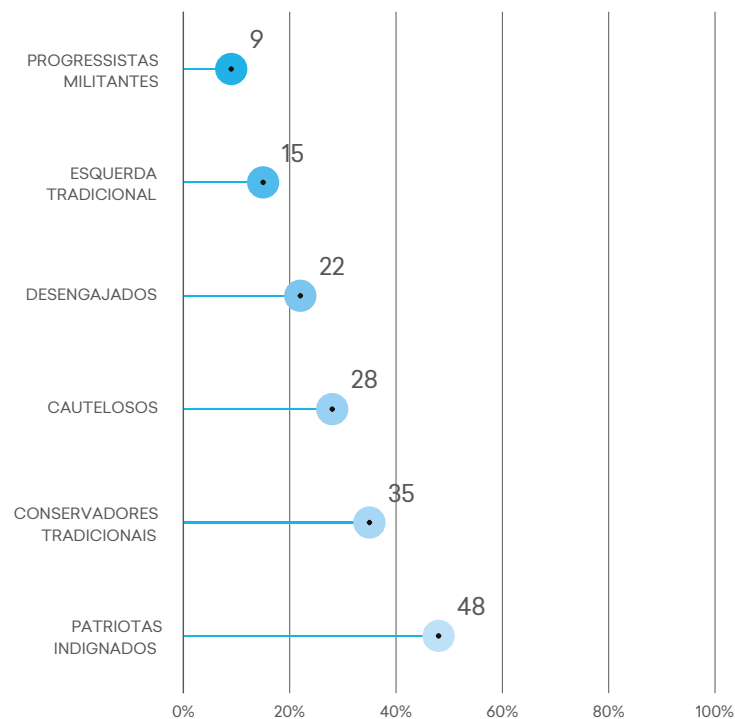
OS DIREITOS HUMANOS ATRAPALHAM O COMBATE AO CRIME

(EM %)
Os Progressistas Militantes isolam-se na rejeição à ideia, que tem adesão crescente a partir da Esquerda Tradicional



SE O GOVERNO NÃO CONSEGUE GARANTIR A SEGURANÇA PÚBLICA, AS PESSOAS TÊM O DIREITO DE FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

(CONCORDAM, EM %)
Mesmo entre os segmentos mais conservadores, a proposição de tomar o poder de justiça individualmente não tem adesão majoritária



A forte adesão transversal, especialmente nos segmentos Invisíveis, mostra que a maior parte dos brasileiros reconhece a violência como um fenômeno social.

Nessa questão, os Patriotas Indignados afastam-se dos demais. Para eles, a criminalidade é muitas vezes interpretada como resultado de desvios morais, e não de desigualdades estruturais da sociedade brasileira.

Nos demais segmentos, há uma visão de que, para reduzir a violência, é necessário ir além da atuação das forças policiais. Ao reconhecerem o papel das políticas sociais, os Invisíveis afirmam apoio a soluções de longo prazo, e manifestam discordância de respostas imediatas ou repressivas.

A legalização das drogas, tida como um possível caminho para debelar a guerra ao tráfico, tem amplo apoio entre Progressistas Militantes e

é rechaçada por Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados.

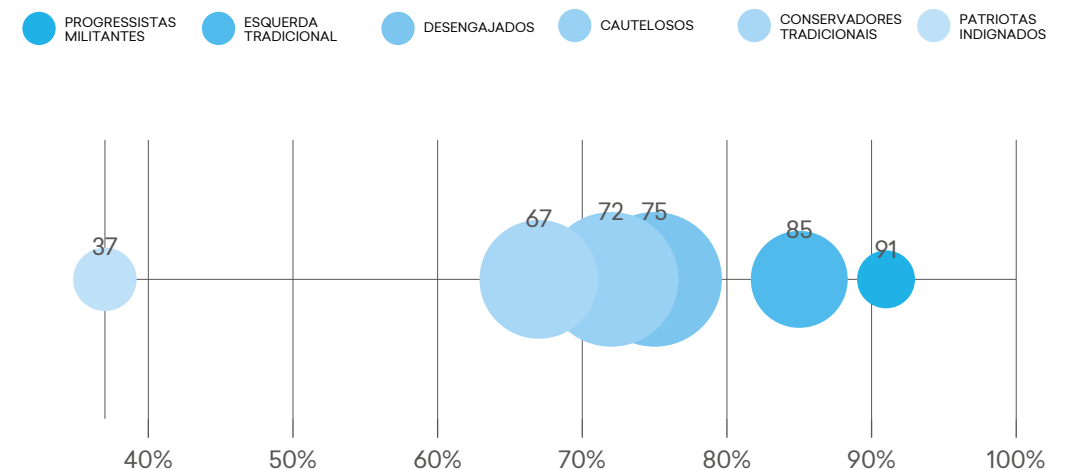
No centro do espectro, uma parcela minoritária, mas significativa, dos Desengajados e dos Cautelosos concorda com a proposta de descriminalização das substâncias hoje ilícitas. Ou seja, a maioria dos Invisíveis ainda tem reservas quanto à legalização das drogas, mas não a rejeita de forma absoluta como as pontas Conservadoras.

Essa posição intermediária pode indicar dúvida, prudência ou falta de clareza sobre os efeitos reais da medida. Também pode refletir a percepção de que a guerra ao tráfico fracassou, mas a legalização ainda é vista como um tabu. O fato de que cerca de um terço do centro social expressa abertura parcial ao tema sugere um espaço importante para o debate qualificado e livre de estigmas.

A MELHOR MANEIRA DE COMBATER A CRIMINALIDADE É REDUZINDO A POBREZA

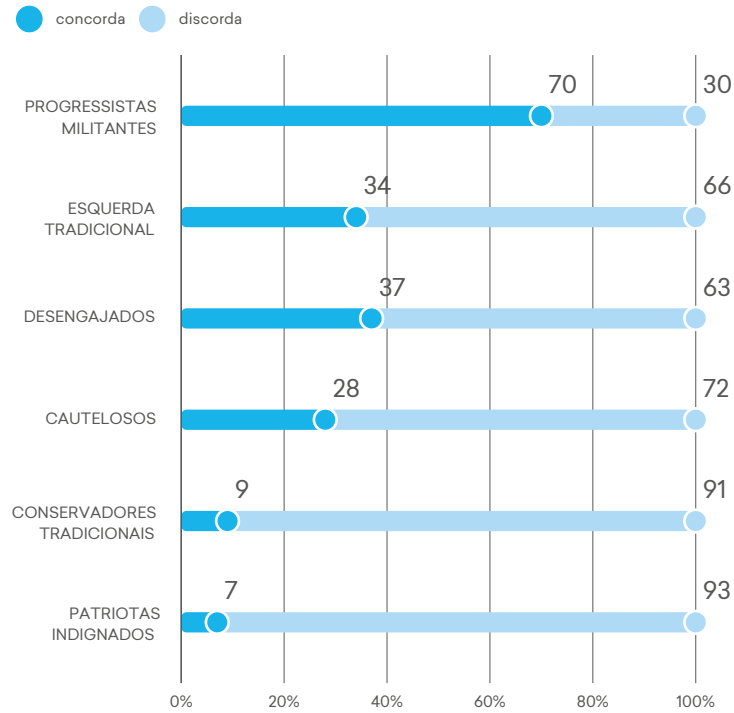
(CONCORDAM, EM %)

Apenas os Patriotas Indignados rejeitam, em maioria, a importância da redução da pobreza para mitigar a criminalidade. Parcelas majoritárias de Conservadores Tradicionais, Cautelosos e Desengajados aproximam-se dos Progressistas

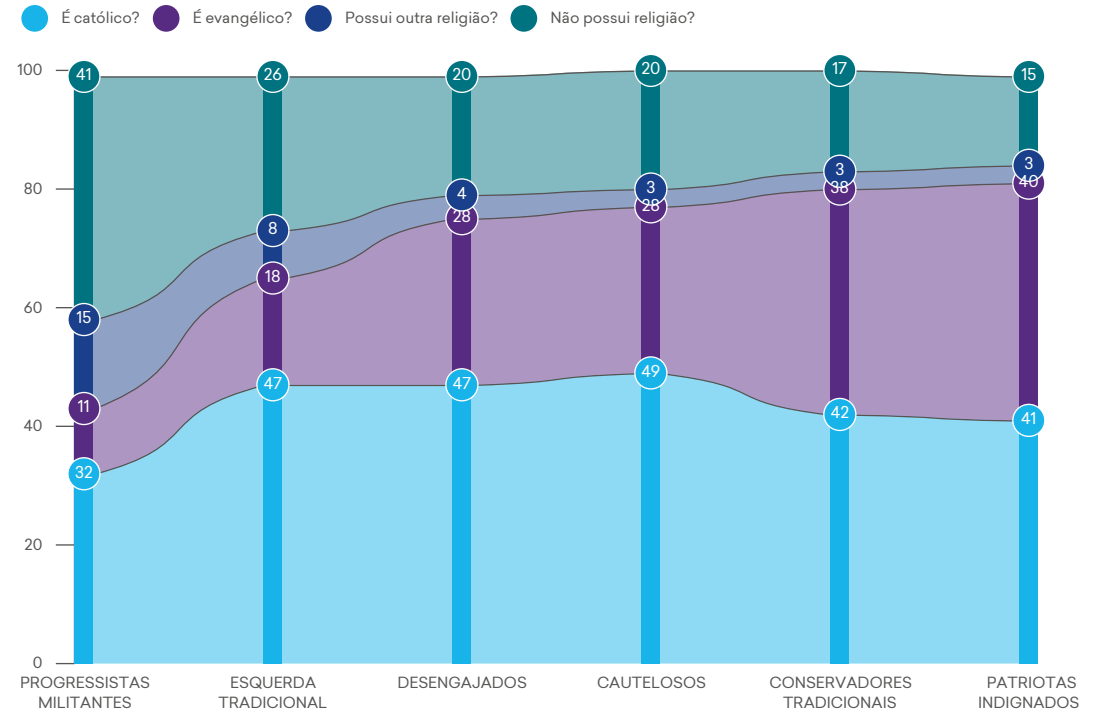


PRECISAMOS LEGALIZAR AS DROGAS PARA ACABAR COM A GUERRA AO TRÁFICO (EM %)

A medida, fortemente rejeitada pelos segmentos Conservadores, encontra alguma abertura entre os Invisíveis e a Esquerda Tradicional



RELIGIÃO - CRENÇAS ENTRE OS SEGMENTOS (EM %)



Eu sou mais conservador. Eu sou do direito da família, de seus filhos serem educados em casa, e na escola tem o estudo, não uma cartilha de sexualidade pra uma criança pequena. Eu sou conservador”.

HOMEM DE 40 ANOS, MARICÁ/RJ, CONSERVADOR TRADICIONAL

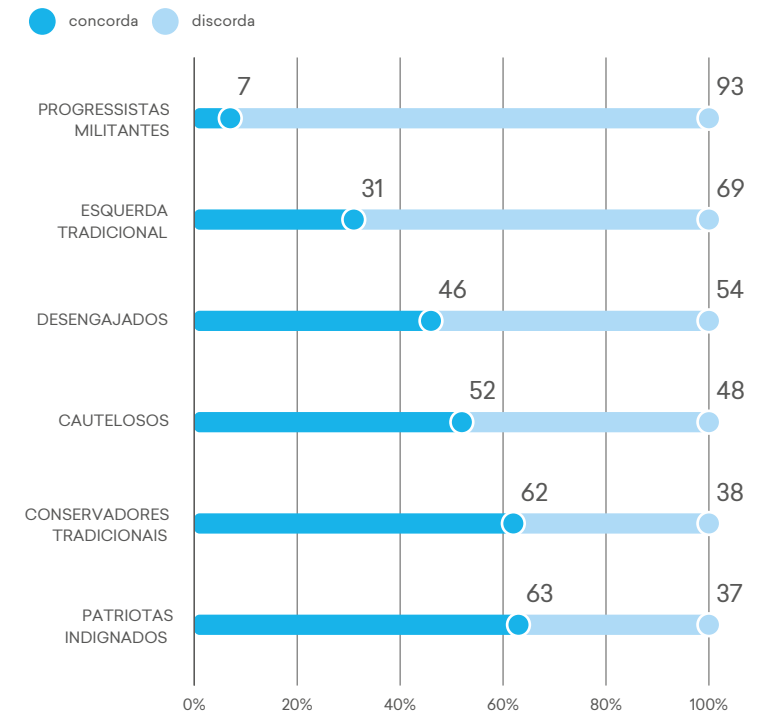
Religião

Sete em cada dez brasileiros têm uma religião e sete em cada dez são cristãos – 46% dos brasileiros se declaram católicos e 28%, evangélicos. Com exceção dos Progressistas Militantes – em que 41% afirmam não ter religião –, a religiosidade prevalece em todos os segmentos, com destaque para católicos entre Esquerda Tradicional, Desengajados e Cautelosos, e evangélicos em proporções crescentes entre os Conservadores (Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados).

Mas, se a fé perpassa a vida da maioria dos brasileiros, é possível notar divergências marcantes na opinião sobre o papel da religião na esfera pública. Uma pequena fração dos Progressistas Militantes e uma parcela minoritária da Esquerda Tradicional concordam que “valores religiosos devem orientar as leis no Brasil”. Entre os Conservadores Tradicionais e os Patriotas Indignados, mais de 60% preferem uma ordem social e legal baseada em valores religiosos e tradicionais. Desengajados e Cautelosos dividem-se nesse apoio.

OS VALORES RELIGIOSOS DEVEM ORIENTAR AS LEIS NO BRASIL (EM %)

Grupo mais laico, os Progressistas Militantes rejeitam fortemente a ideia de que a legislação deva levar em consideração valores religiosos



Os Progressistas Militantes são o grupo que mais percebe que, “**hoje em dia, há uma influência excessiva dos evangélicos na política**”. É interessante notar, contudo, que a concordância dos demais segmentos em relação à afirmação também é majoritária. Isso sugere que esses segmentos, inclusive os Conservadores, notam o aumento da influência evangélica na política e não necessariamente veem o movimento com bons olhos.

Comportamento semelhante pode ser observado quando a afirmação aponta que o “**desejo dos evangélicos é instaurar um Estado cristão**”. Os Progressistas Militantes são os que mais concordam com a afirmação sobre a motivação evangélica, que também é majoritária entre os segmentos Invisíveis e Conservadores.

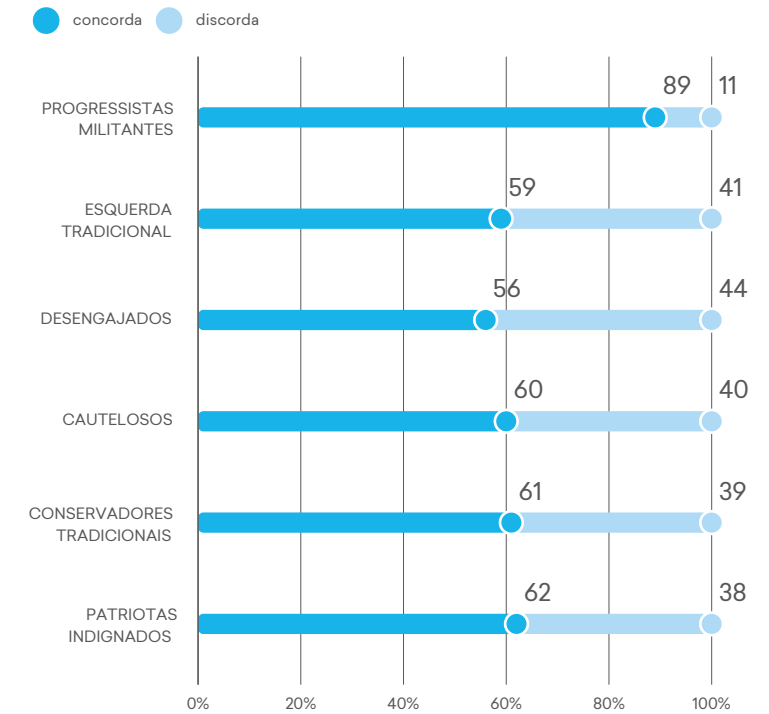
Os Progressistas Militantes descolam-se dos demais na percep-

ção da importância da religião para uma conduta ética. É praticamente unânime no grupo a discordância em relação à afirmação de que “**pessoas sem religião não têm bons princípios morais**”. Nos demais segmentos, uma parcela crescente apoia a proposição, com destaque para os Conservadores Tradicionais. Essa diferença sublinha que, para os segmentos Conservadores e Invisíveis, a religião é um pilar moral essencial, enquanto que, para os Progressistas, a moralidade é independente da fé.

A questão em que os Progressistas Militantes mais se aproximam dos outros segmentos é a que aborda a existência de **preconceito contra os cristãos**. Uma parcela considerável, ainda que minoritária (30%), do grupo mais à esquerda concorda que o problema existe, abrindo uma oportunidade para um diálogo que transcenda a polarização.

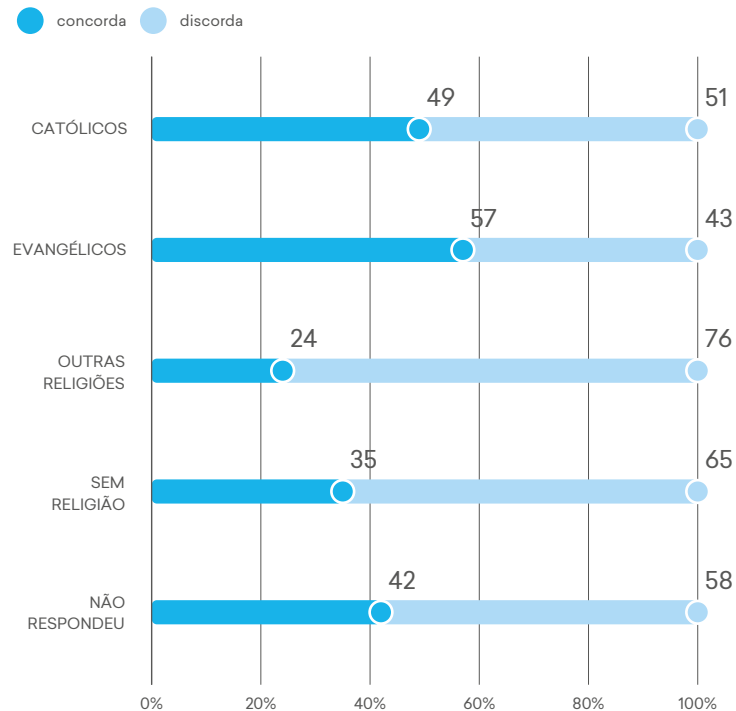
HOJE EM DIA, OS EVANGÉLICOS TÊM INFLUÊNCIA EXCESSIVA NA POLÍTICA (EM%)

A percepção, adotada pela maioria dos Progressistas Militantes, também encontra eco em parcelas majoritárias dos Conservadores



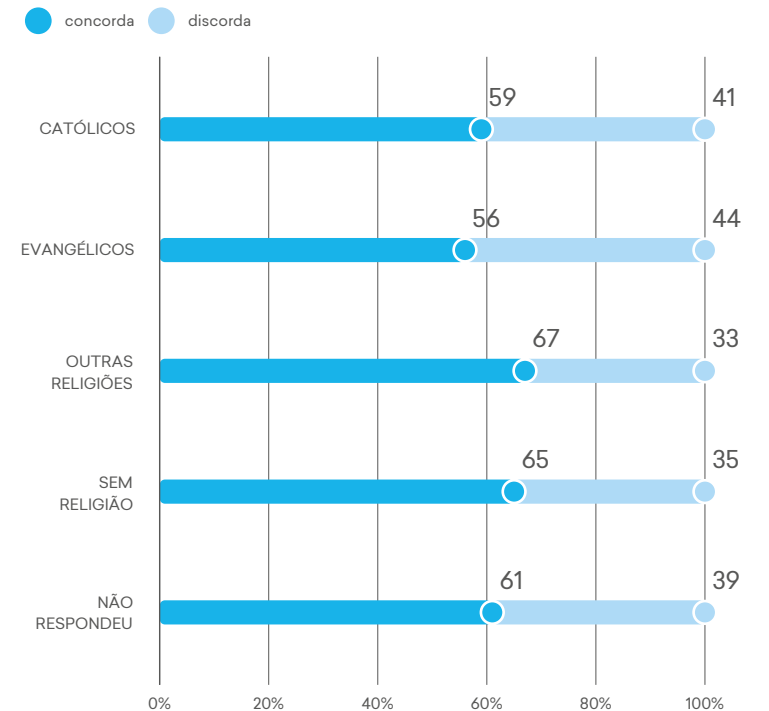
OS VALORES RELIGIOSOS DEVEM ORIENTAR AS LEIS NO BRASIL (EM%)

Os evangélicos são os que mais concordam que valores religiosos devem embasar a legislação, seguidos de metade dos católicos



HOJE EM DIA, OS EVANGÉLICOS TÊM INFLUÊNCIA EXCESSIVA NA POLÍTICA (EM%)

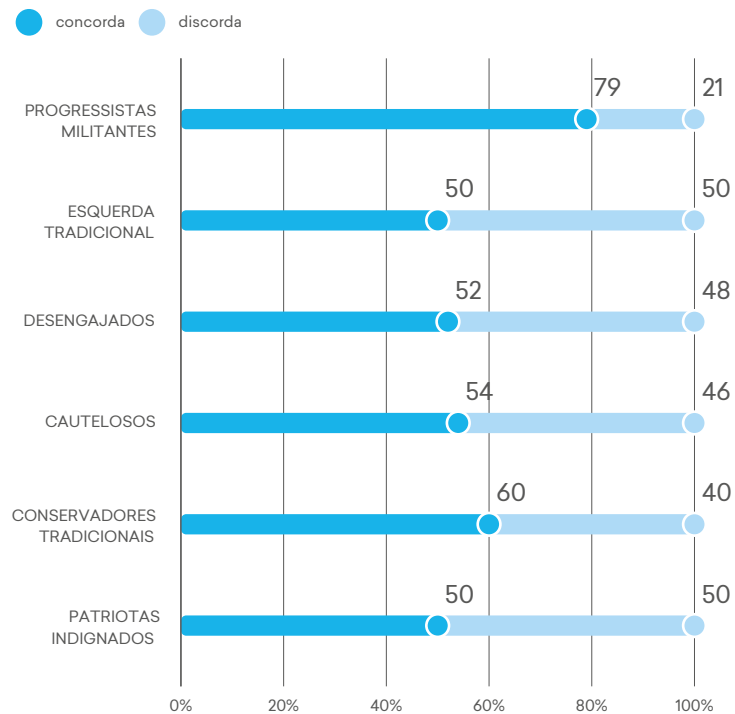
Mesmo entre a maioria dos evangélicos, há uma percepção de que o grupo tem influência excessiva na política brasileira



O DESEJO DOS EVANGÉLICOS É INSTAURAR UM ESTADO CRISTÃO

(EM%)

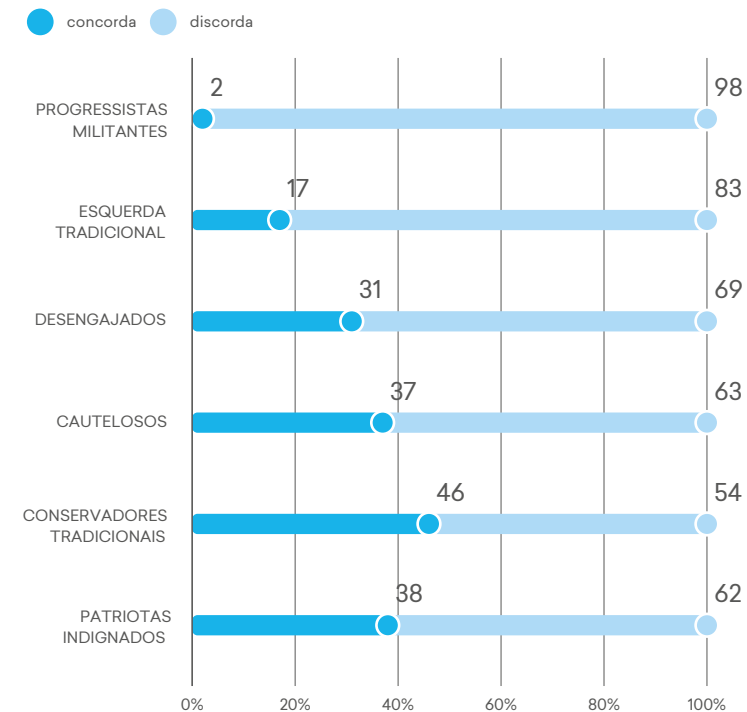
Os Progressistas Militantes, segmento mais laico, são os que mais concordam com a afirmação, que ressoa para metade dos Patriotas Indignados, segmento com maior proporção de evangélicos



PESSOAS SEM RELIGIÃO NÃO TÊM BONS PRINCÍPIOS MORAIS

(EM%)

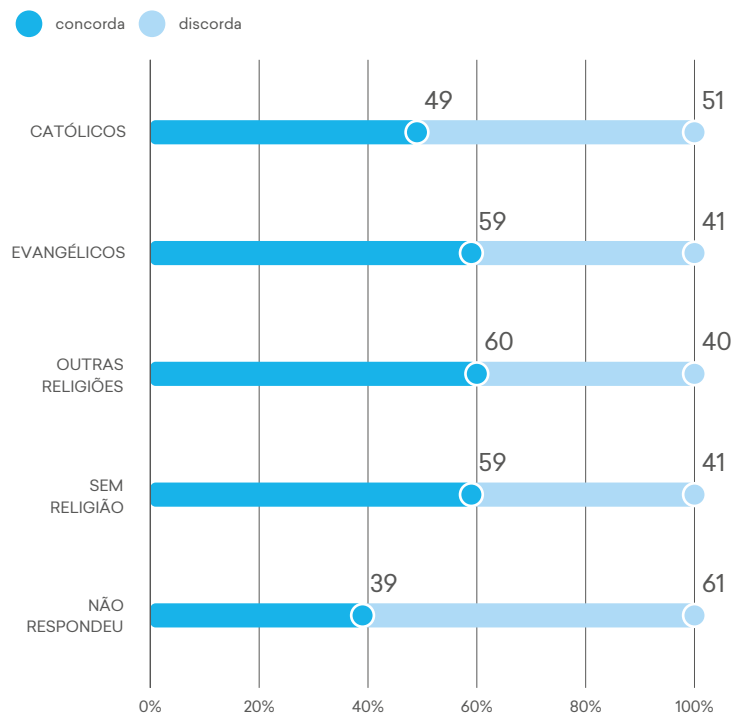
Os segmentos Conservadores associam mais a religião aos princípios morais, o que não acontece nos segmentos mais à esquerda



O DESEJO DOS EVANGÉLICOS É INSTAURAR UM ESTADO CRISTÃO

(EM%)

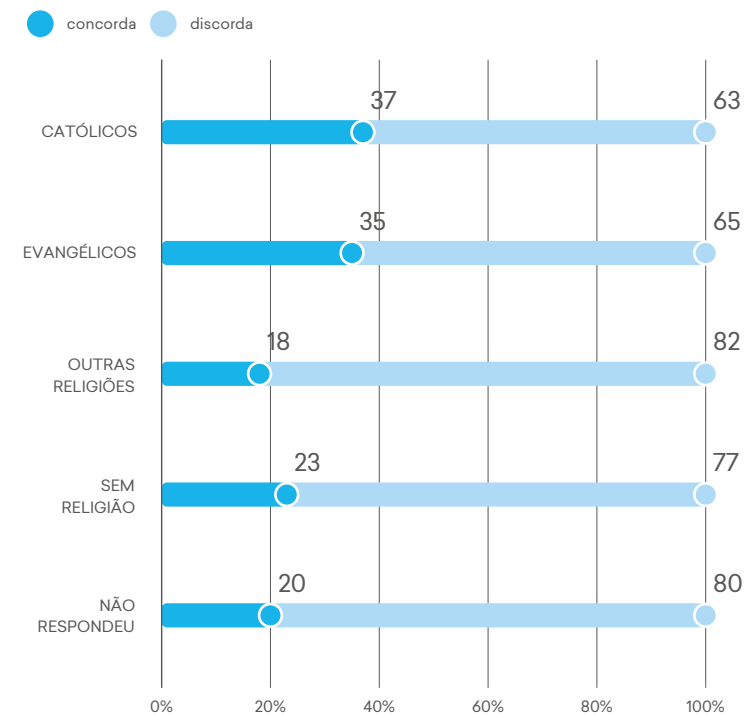
Concordam com a afirmação quase 60% dos evangélicos, dos que não têm religião e têm religião não-cristã



PESSOAS SEM RELIGIÃO NÃO TÊM BONS PRINCÍPIOS MORAIS

(EM%)

Tanto católicos quanto evangélicos associam mais os princípios morais à religião, na comparação com não cristãos e pessoas sem religião



Populismo e progressismo

A lógica de opor uma elite ao povo perpassa todos os segmentos – mas a elite varia de acordo com o campo



O populismo, caracterizado pela lógica de oposição entre o “povo decente” e as “elites corruptas”, manifesta-se em diferentes intensidades e formatos em todos os segmentos da população brasileira. Há o populismo econômico (comum à esquerda, focado na crença de que “os interesses dos ricos são contrários aos interesses do povo”) e o populismo cultural entre Conservadores (Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados) e Cautelosos, que opõe o povo a uma elite ilustrada e a seus valores progressistas.

A perspectiva populista gera um forte consenso de que “**existe uma elite de poderosos que decide em segredo os rumos do mundo**”, demonstrando que, apesar da polarização afetiva entre os segmentos, o senti-

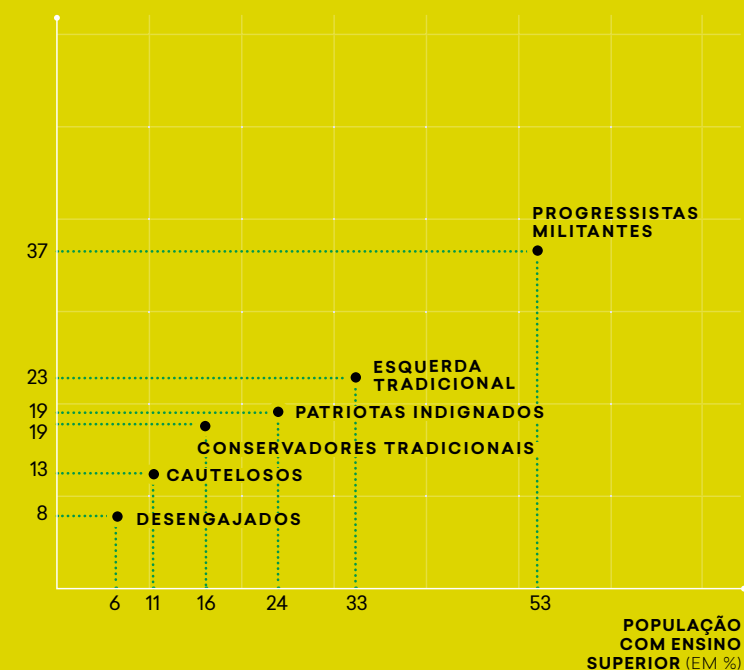
mento transversal de que o povo paga a conta das elites (políticas, econômicas ou culturais) cria uma base de conexão e preocupação social.

O cenário social brasileiro é definido pela interconexão entre progressismo e populismo, em que o primeiro atua como alvo e o segundo, como uma linguagem política transversal. O segmento dos Progressistas Militantes, caracterizado por congregar porcentagem significativa de pessoas com escolaridade e renda acima da média do Brasil, e focado na luta por justiça social e promoção de equidade, é percebido pelas demais fatias da população como uma elite cultural. Essa percepção isola socialmente os Progressistas, tornando seus valores alvo de rejeição, o que alimenta o populismo cultural.

PROGRESSISTAS MILITANTES TÊM MÉDIA DE RENDA E ENSINO SUPERIOR À DOS DEMAIS SEGMENTOS

(EM %)

RENDA FAMILIAR IGUAL OU ACIMA DE R\$10 MIL (EM %)



Progressismo

Os Progressistas Militantes são o segmento que mais congrega indivíduos que destoam das médias demográficas do Brasil. Eles são um segmento que concentra percentual significativo de pessoas com ensino superior e renda familiar igual ou superior a R\$ 10 mil. São também o segmento menos cristão ou mais sem religião. Essas características demográficas contribuem para o seu isolamento social.

Os Progressistas Militantes, como o nome sugere, são muito engajados no debate político e se preocupam com a luta contra as desigualdades e as opressões de gênero e raça. Enquanto que, para os demais segmentos, valores como família e fé são preponderantes, para os Progressistas Militantes, o valor primordial é a justiça social.

Os Progressistas também têm posições singulares, diferentes e iso-

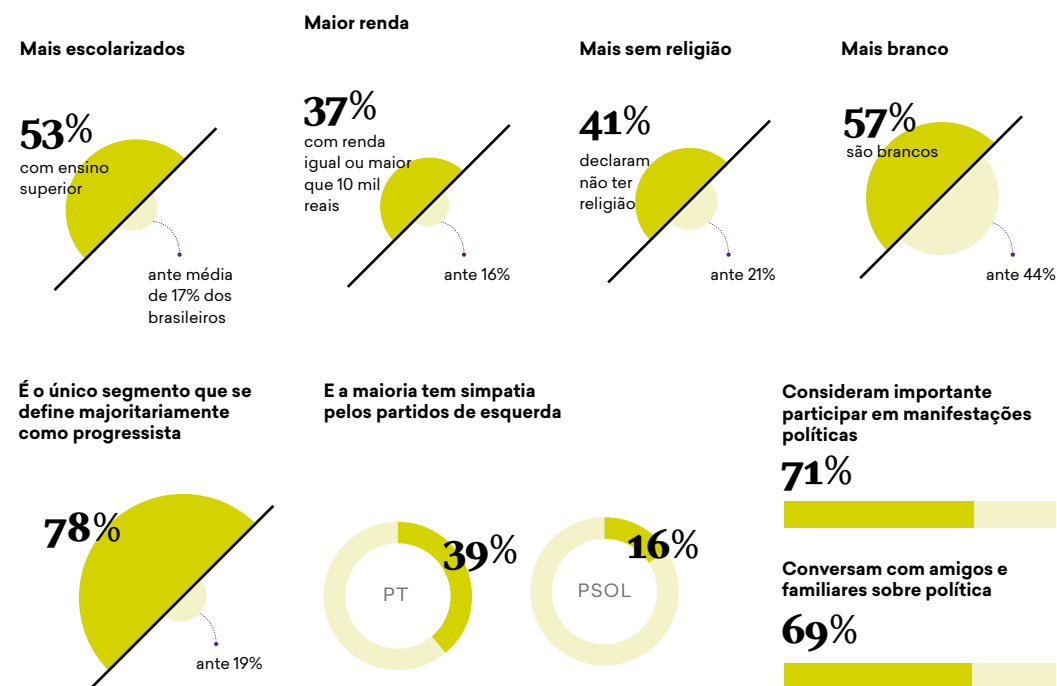
ladas daquelas dos demais segmentos em muitas questões. Esse abismo aparece em temas como educação, direitos humanos e confiança nas instituições.

Esse afastamento social e de valores em relação aos outros segmentos, inclusive da Esquerda Tradicional, permite que seus adversários políticos os apresentem – com algum sucesso – como uma elite cultural. E, como elite (em oposição ao conceito de povo), tornam-se alvo de rejeição dos que aderem a esse argumento.

Essa rejeição a uma elite que seria Progressista é parte do fenômeno mais amplo do populismo, que será explorado na próxima seção. Além do populismo cultural contra os progressistas, há também o populismo econômico, mais forte entre os segmentos de esquerda, e o populismo político que, em maior ou menor grau, perpassa todos os segmentos.

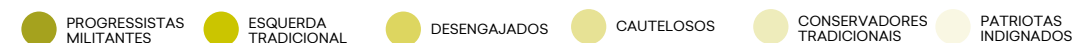
PERFIL DOS PROGRESSISTAS MILITANTES

NA COMPARAÇÃO COM A MÉDIA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA



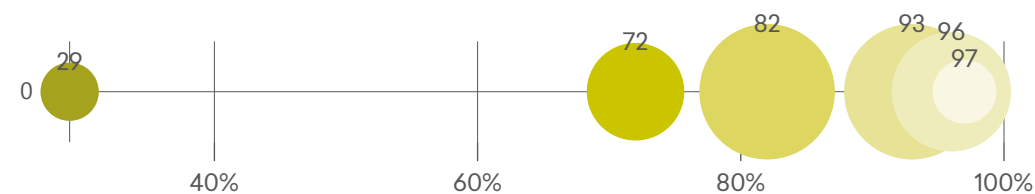
PROGRESSISTAS TÊM POSIÇÕES ISOLADAS

Grupo mais à esquerda se distancia dos outros segmentos em várias questões



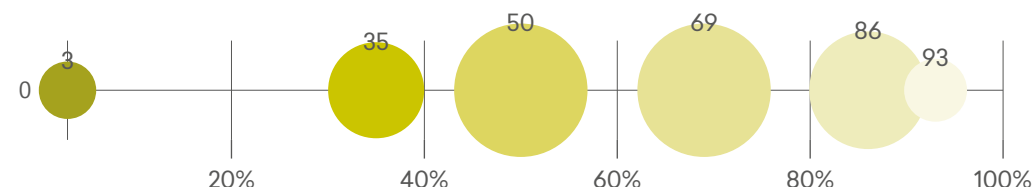
MENORES DE IDADE QUE COMETEM CRIMES DEVEM IR PARA A CADEIA

(CONCORDAM, EM %)



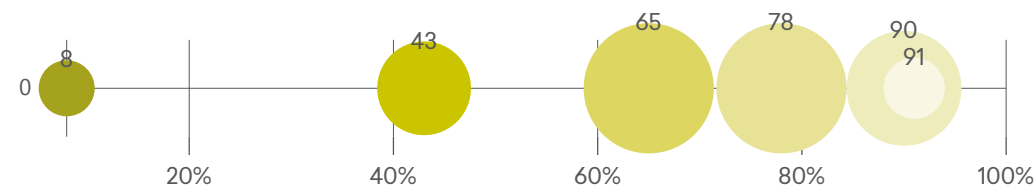
OS DIREITOS HUMANOS ATRAPALHAM O COMBATE AO CRIME

(CONCORDAM, EM %)

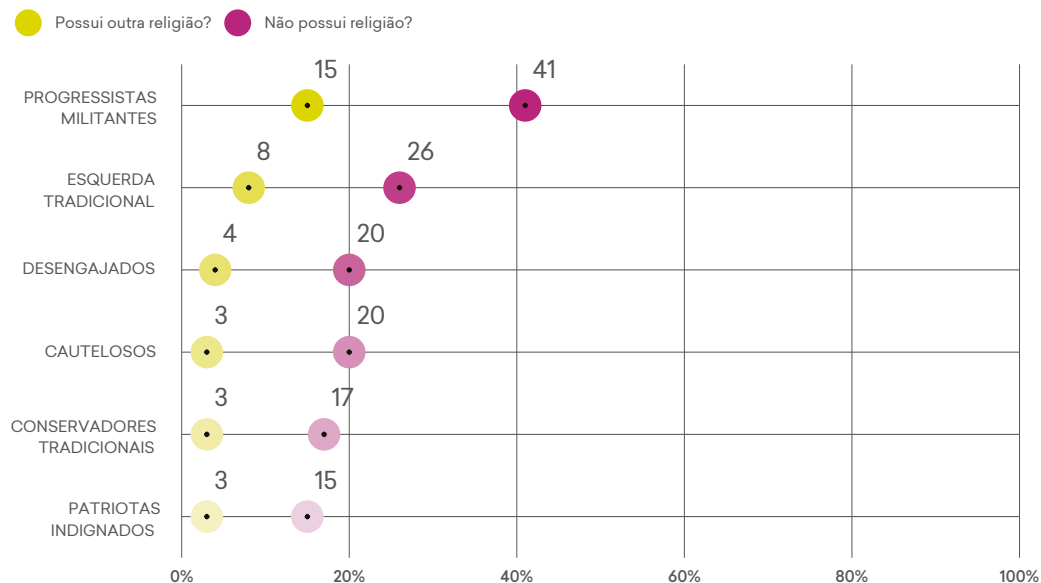


ENTRADA NA UNIVERSIDADE DEVE SER EXCLUSIVAMENTE POR MÉRITO, NÃO POR COTAS

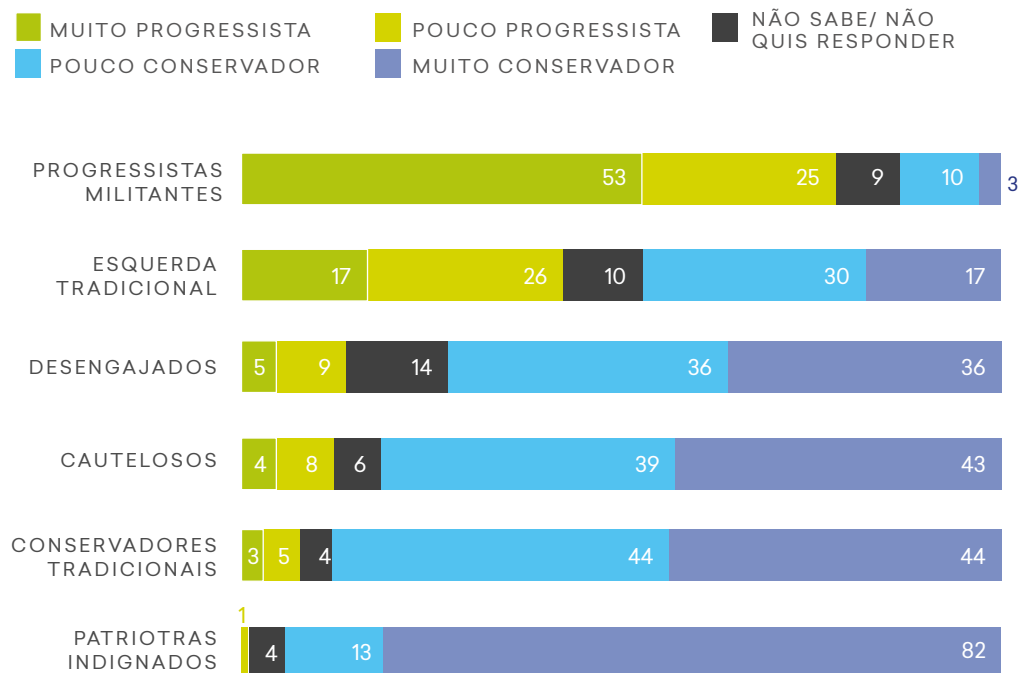
((CONCORDAM, EM %))



NÃO POSSUI RELIGIÃO OU TEM OUTRAS RELIGIÕES (EM %)



COMO VOCÊ SE DEFINE EM RELAÇÃO A QUESTÕES RELACIONADAS À FAMÍLIA E À SEXUALIDADE? (EM %)



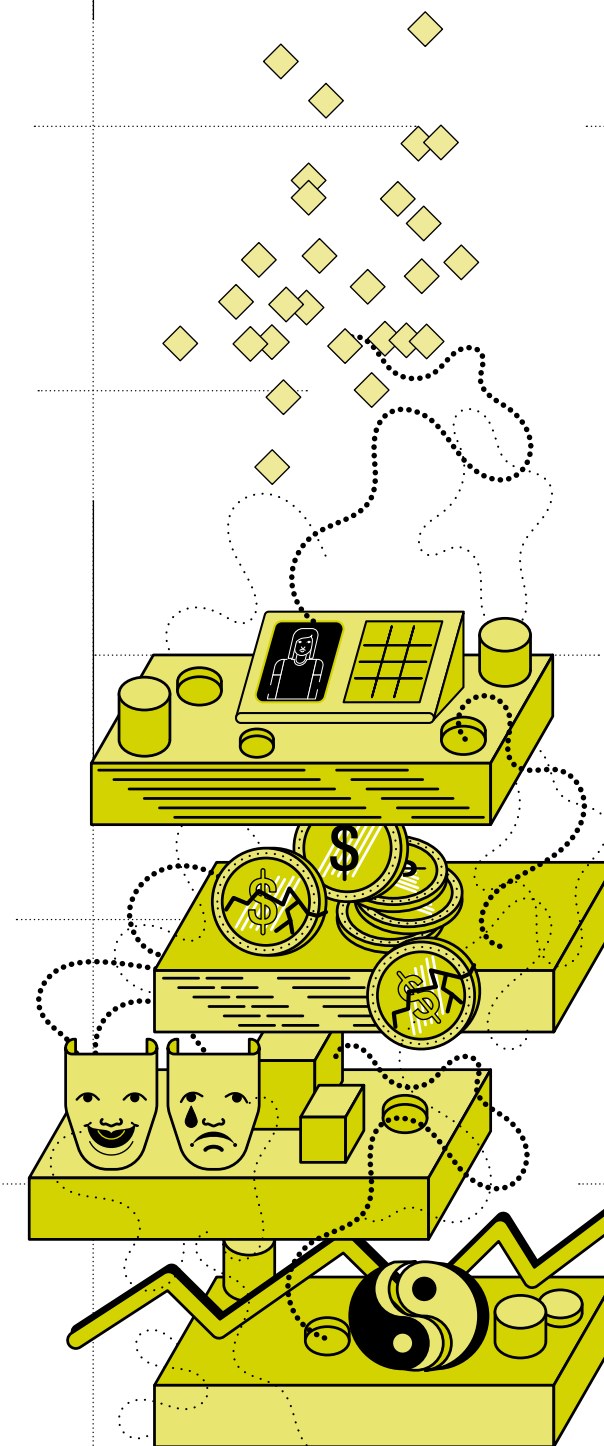
Populismo

Populismo é um modo de fazer política em que lideranças personalistas dizem defender a vontade de um "povo puro" contra "elites corruptas", buscando uma ligação direta com as massas. Esse populismo pode aparecer à esquerda, quando, em geral, o antagonismo é com as elites econômicas, ou à direita, quando, em geral, o antagonismo é com as elites políticas e intelectuais. O estudo da More in Common no Brasil demonstra que o populismo é uma linguagem política transversal no país, embora se manifeste em diferentes intensidades e formatos entre os seis segmentos.

Para medir a adesão ao populismo, foram utilizados itens de escalas internacionais que medem o fenômeno nas suas dimensões de maniqueísmo (oposição estrutural entre povo e elites), populismo político (oposição às elites políticas), populismo econômico (oposição às elites econômicas) e populismo cultural (oposição às elites culturais).

O alto grau de concordância em todos os segmentos com a afirmação de que **"políticos buscam apenas os seus próprios interesses e não os interesses do povo"**, que mede o populismo político, é um exemplo de como essa oposição é aceita por pessoas de todo o espectro ideológico.

Há um forte consenso (82% da população) de que **"os interesses dos ricos são contrários aos interesses do povo"**. É crucial notar, porém, que os Progressistas Militantes têm a maior adesão à afirmação, enquanto os Patriotas Indignados, o menor percentual, mostrando que, para estes, a "elite corrupta" é menos econômica do que cultural e política.



A percepção de uma elite corrupta contrária aos interesses populares está presente mesmo entre os Invisíveis, que têm menos engajamento político. Os Cautelosos lideram em concordância com a afirmação de que “existem apenas dois tipos de pessoas: o povo decente e as elites corruptas”. O segmento também é o que mais concorda que “pessoas que estudaram demais não sabem como o mundo realmente funciona”, que “o povo tem mais bom senso que os especialistas” e que “a vontade da maioria deve estar acima dos direitos das minorias”. O populismo cultural, que coloca em oposição o povo a uma elite ilustrada, é maior entre os conservadores.

POPULISMO CULTURAL E OS PROGRESSISTAS

Dos Progressistas Militantes aos Patriotas Indignados, todos concor-

dam em altos índices que “existe uma elite de poderosos que decide em segredo os rumos do mundo”. Esse dado mostra que, apesar da polarização afetiva e ideológica no Brasil, existe um forte consenso em torno de questões econômicas e sociais. O sentimento transversal é de que o povo paga a conta das elites.

Pautas sociais focadas na dignidade (como saúde e educação), no emprego e no combate à desigualdade podem transcender a polarização afetiva ao atingir a “massa de trabalhadores”.

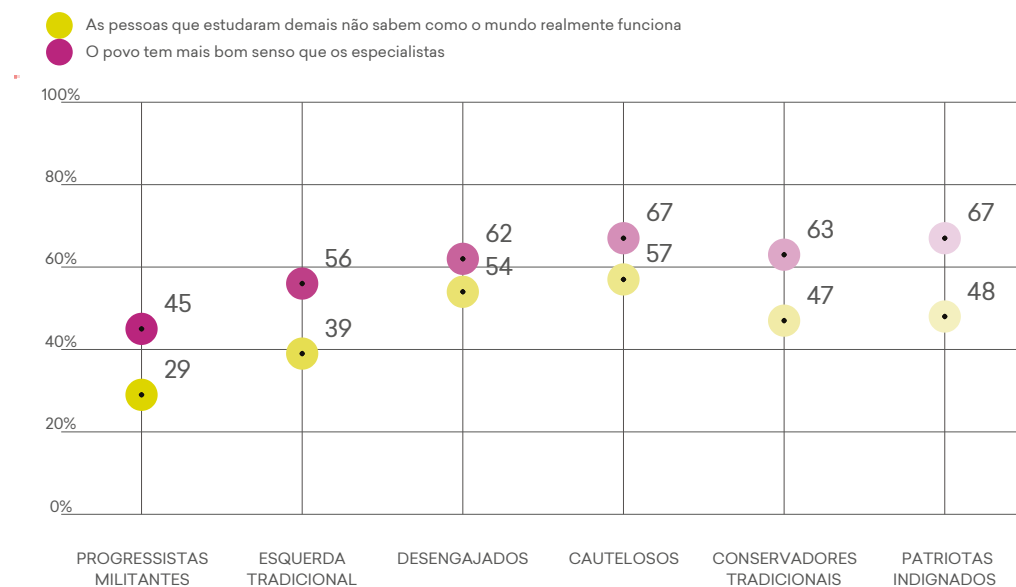
Ainda que o populismo seja transversal à sociedade brasileira, com um elevado grau de concordância em todos os segmentos, o populismo econômico é maior entre os Progressistas e o populismo cultural é mais alto entre os Conservadores.

Embora os Progressistas eventualmente mobilizem o populismo econômico, são os Conservadores que mais sistematicamente colocam no debate público a postura populista, na forma de um populismo político e cultural.

O isolamento social e de opinião dos Progressistas abordado no começo deste capítulo tem permitido aos Conservadores caracterizá-los como uma elite cultural, mobilizando essa forte disposição populista que atravessa o Brasil.

POPULISMO CULTURAL É MAIS BAIXO ENTRE PROGRESSISTAS MILITANTES (CONCORDAM, EM %)

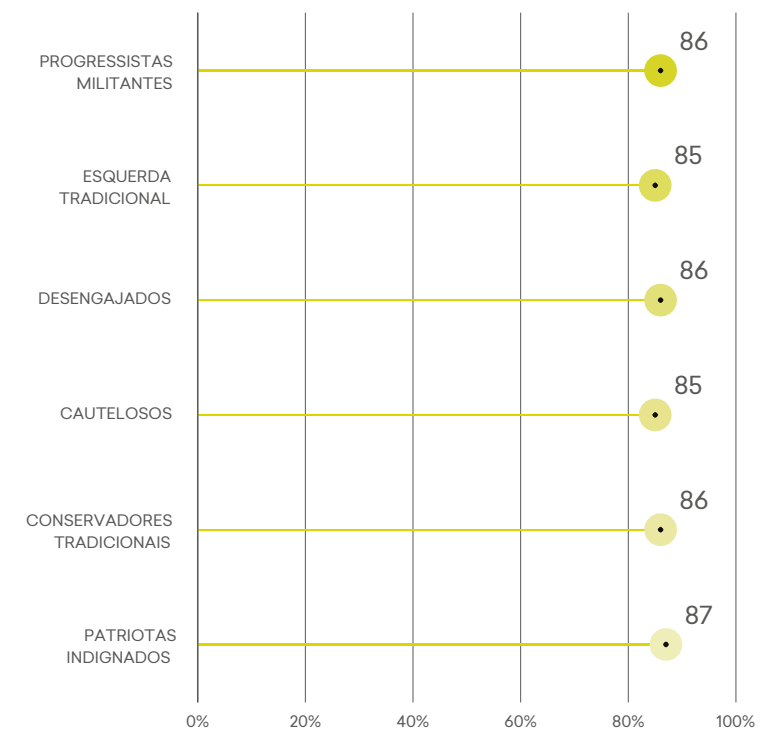
Rejeição a elites intelectuais – como universidades e imprensa – é maior entre segmentos Conservadores



POLÍTICOS BUSCAM APENAS OS SEUS PRÓPRIOS INTERESSES E NÃO OS INTERESSES DO POVO

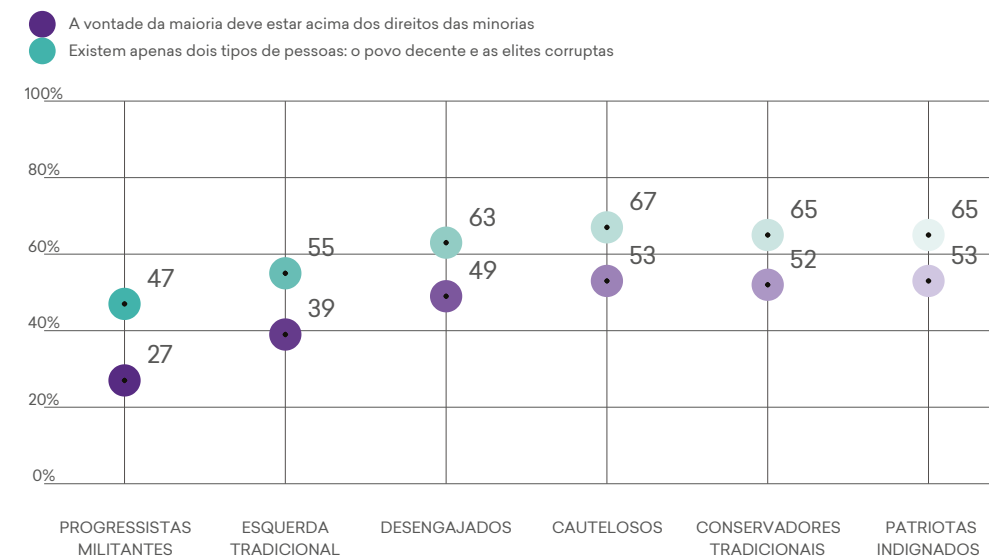
(EM %)

A oposição do povo a uma elite política perpassa o espectro político no Brasil



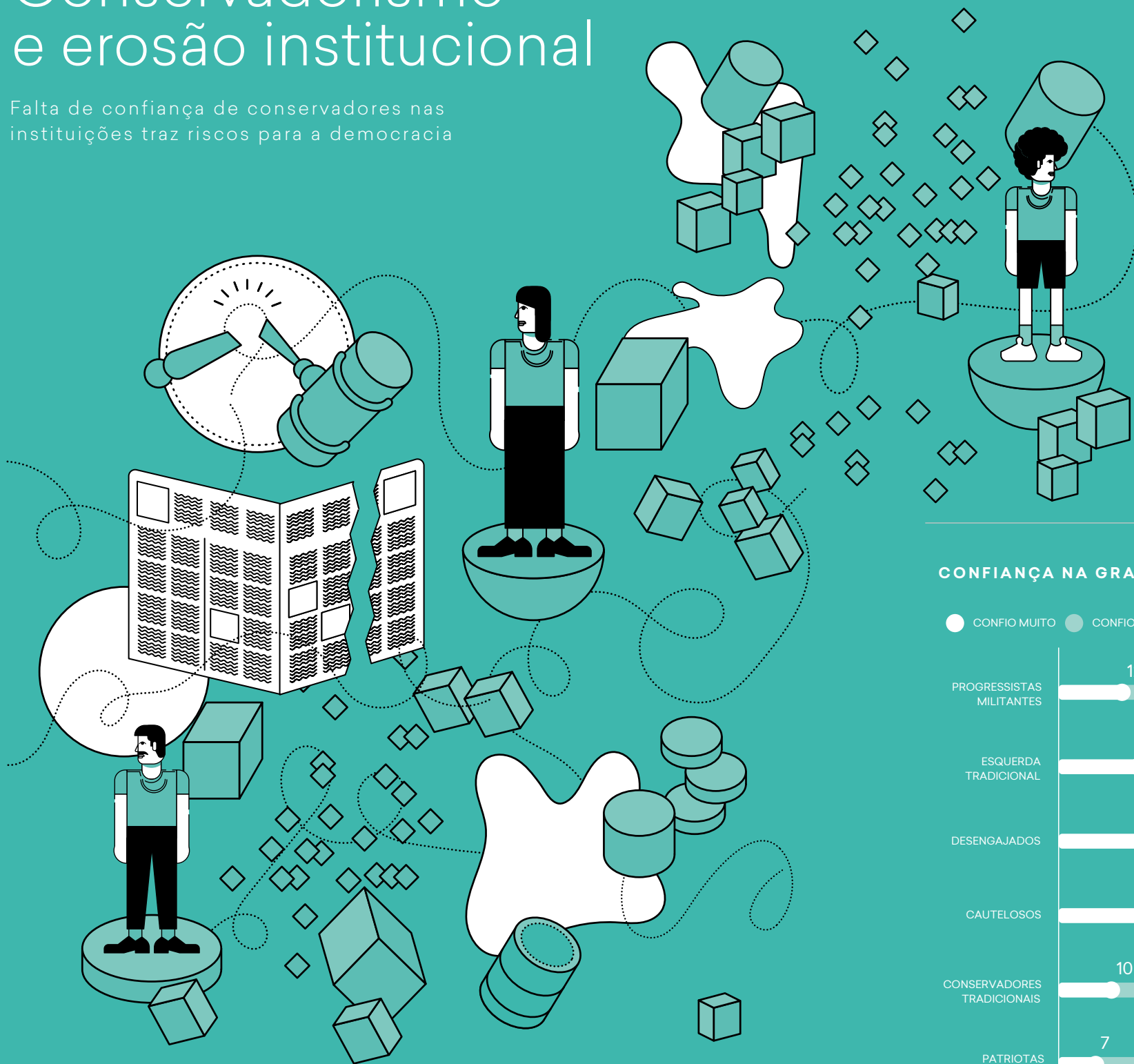
POPULISMO POLÍTICO TENDE A SER MAIOR ENTRE INVISÍVEIS E CONSERVADORES (CONCORDAM, EM %)

Concordância com imposição da maioria também sugere maior simpatia por essa maneira de fazer política



Conservadorismo e erosão institucional

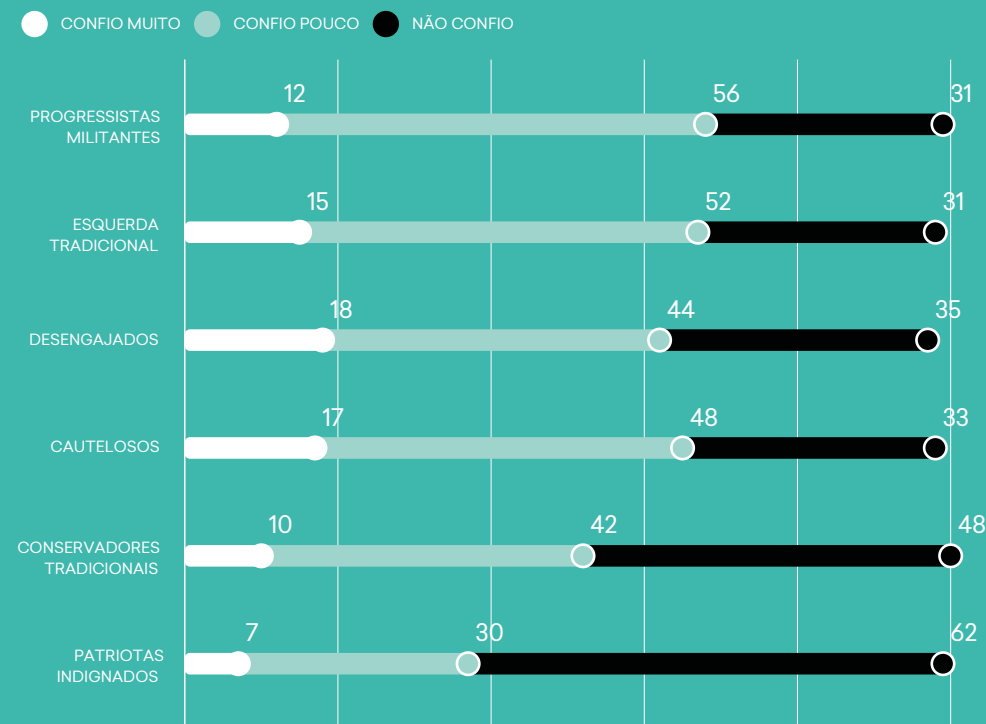
Falta de confiança de conservadores nas instituições traz riscos para a democracia



Entre os segmentos da sociedade brasileira propostos pela pesquisa *O Brasil Invisível*, os Patriotas Indignados (6% da população) são os que têm menor confiança nas instituições. A situação é preocupante porque essa erosão de confiança em pilares do sistema democrático – como o Congresso, o Poder Judiciário, o sistema eleitoral e a imprensa – também é significativa entre os Conservadores Tradicionais (21% da população). Juntos, os dois grupos Conservadores representam mais de um quarto (27%) da população brasileira.

Embora a confiança no Congresso Nacional seja baixa entre todos os segmentos – dos Progressistas aos Conservadores, passando pelos Invisíveis –, os Patriotas Indignados e, em menor medida, os Conservadores Tradicionais, mostram baixo nível de confiança na imprensa tradicional. Enquanto entre Progressistas e Invisíveis o grau de confiança nos veículos profissionais de comunicação está em torno de 70%, entre os Conservadores, o índice cai para metade ou menos, representando um desafio de interlocução na esfera pública.

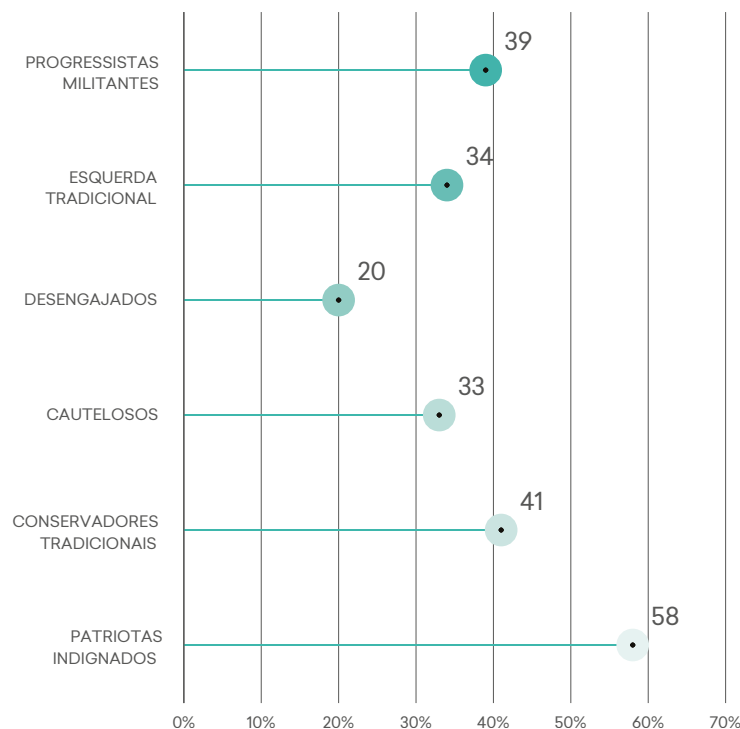
CONFIANÇA NA GRANDE IMPRENSA (EM %)



INFORMA-SE SOBRE POLÍTICA PELO WHATSAPP

(CONCORDAM, EM %)

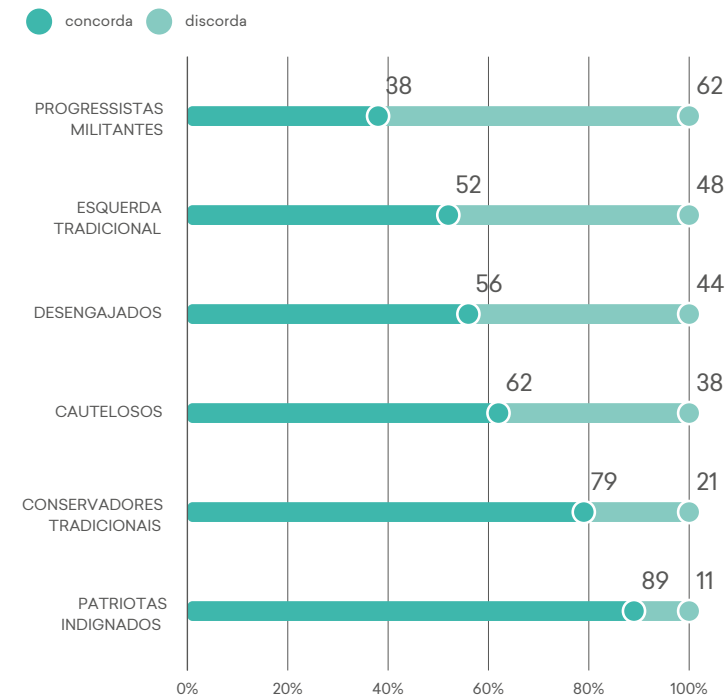
A falta de confiança na mídia tradicional leva os Patriotas Indignados a recorrerem a aplicativos de mensagem para tentar se informar sobre política



A JUSTIÇA ELEITORAL PERSEGUIE CERTOS CANDIDATOS

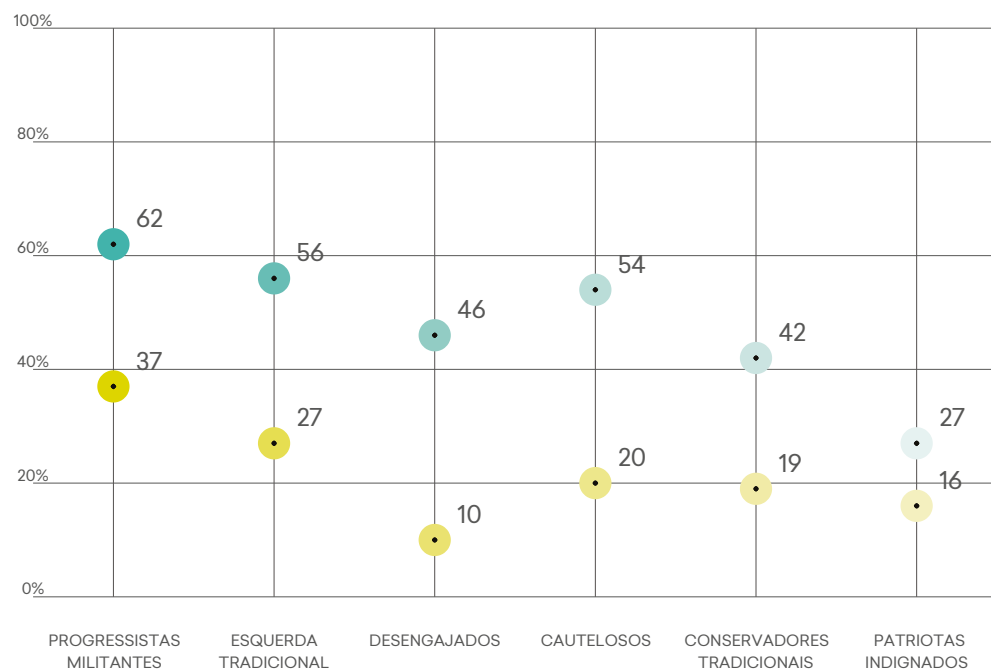
(EM %)

Os Conservadores veem viés das cortes eleitorais nas decisões relacionadas aos candidatos



VEÍCULOS POR ONDE SE INFORMA SOBRE POLÍTICA (EM %)

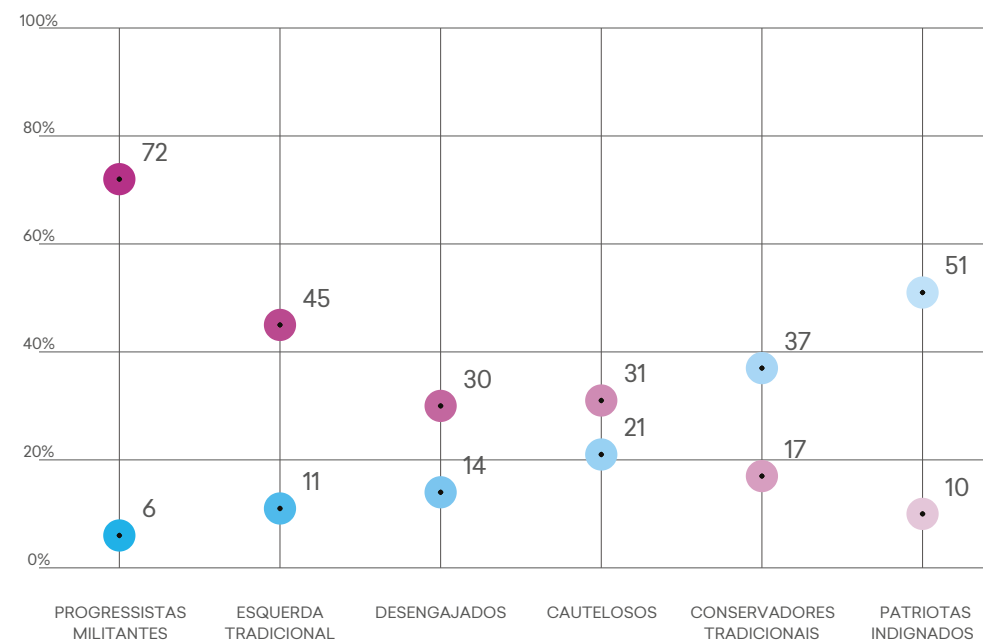
● TV Globo ● Folha de São Paulo



NA SUA OPINIÃO, O 8 DE JANEIRO FOI...

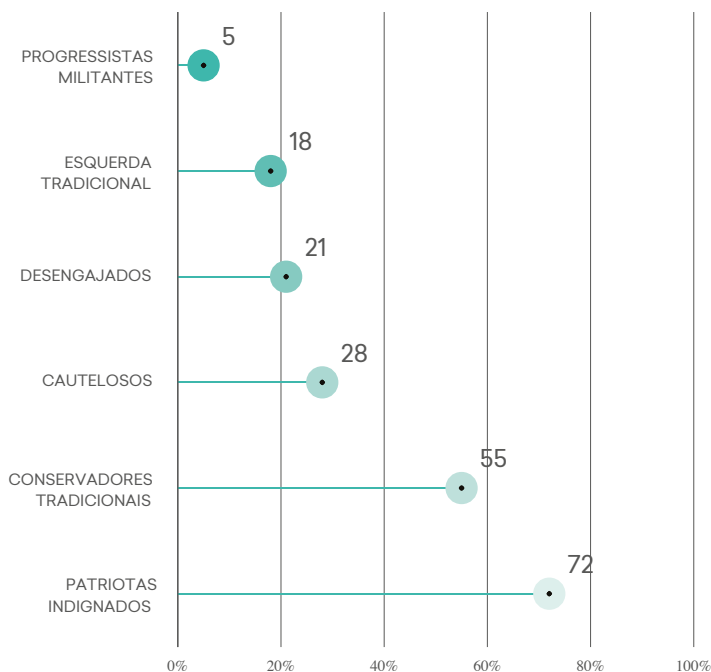
(CONCORDAM, EM %)

● UMA AÇÃO PLANEJADA POR INFILTRADOS DE ESQUERDA PARA PREJUDICAR BOLSONARO
● UMA TENTATIVA DE GOLPE DE ESTADO

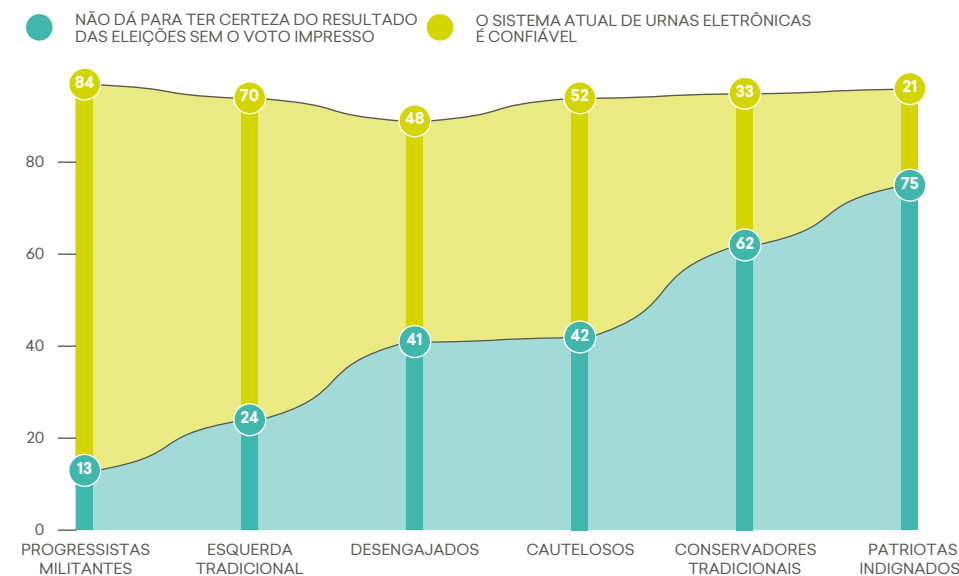


FOI BOLSONARO E NÃO LULA QUEM VENCEU AS ELEIÇÕES DE 2022

(CONCORDAM, EM %)



DESCONFIANÇA NO SISTEMA ELEITORAL (CONCORDAM, EM %)



Os segmentos Conservadores têm um nível significativamente mais baixo de confiança nas instituições democráticas. Essa desconfiança parece estar assentada no entendimento de que as instituições não os abarcam e não os contemplam, por supostamente estarem enviesadas a favor da esquerda e do “establishment”. O Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral perseguiriam os Conservadores em investigações. A grande imprensa, por sua vez, não daria espaço para a perspectiva conservadora, o que empurraria os segmentos com essa ideologia a se informarem sobre política nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens privadas.

Essa desconfiança nas instituições democráticas se soma à desconfiança em instituições culturais como escolas e universidades, como retratada no capítulo anterior, que os Conservadores acreditam estarem dominadas pela esquerda progressista.

Juntas, essas desconfianças formam um conjunto de convicções populistas amplas que pode vir a se expressar de forma insurrecional ou violenta.

A sociedade brasileira vive um momento de impasse. À medida que a insatisfação dos Conservadores com as instituições aumenta, a resposta a ela se torna cada vez mais radical. Esse radicalismo, por sua vez, motiva um afastamento ainda maior dos grupos Conservadores em relação às instituições, num ciclo vicioso.

A desconfiança em relação à imprensa tradicional leva a uma mudança na forma de se informar dos segmentos Conservadores, sobretudo dos Patriotas Indignados, baseada majoritariamente em plataformas digitais como o YouTube e o WhatsApp.

Os dois segmentos mais conservadores também têm baixíssima confiança no Supremo. O papel central da mais alta Corte do país na investigação e no julgamento das chamadas “mobi-

lizações antidemocráticas” parece ter relação com essa baixa confiança.

Para a maior parte dos Patriotas Indignados, o 8 de janeiro de 2023 – quando as sedes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário foram invadidas e depredadas – foi uma ação de infiltrados de esquerda. Do lado oposto, os Progressistas veem os atos como uma tentativa de golpe de Estado.

Outra instância do Poder Judiciário, a Justiça Eleitoral, é alvo de um grau ainda maior de desconfiança por parte de Patriotas Indignados e Conservadores Tradicionais. Os dois segmentos mais conservadores não confiam no TSE e acreditam que a Corte favorece certos candidatos.

A desconfiança em relação ao TSE se dissemina por todo o sistema eleitoral. Os dois segmentos mais à direita no espectro acreditam que quem ganhou as eleições presidenciais de 2022 foi Bolsonaro, e não Lula, e que, sem voto impresso, não dá para confiar no resultado das urnas.



A Justiça existe pra punir a direita, mas a esquerda faz o que quer e tá tudo bem, né?"

MULHER DE 49 ANOS, ANANINDEUA/PA, DESENGAJADA

O papel dos Invisíveis

A maior parte da população brasileira não está polarizada – e isso representa uma chance de fortalecer a democracia



Tornou-se lugar comum dizer que o Brasil está polarizado entre petistas e bolsonaristas. Essa divisão binária definiria não apenas os votos na eleição, mas também a opinião da maioria dos brasileiros sobre um conjunto grande de temas políticos – como as relações entre homens e mulheres, o porte de armas e a confiança nas instituições.

A pesquisa *O Brasil Invisível* apresenta um panorama mais complexo, revelando uma estrutura subjacente que divide a sociedade brasileira não em dois, mas em seis segmentos ideológicos.

Essa segmentação revela que o antagonismo está concentrado, principalmente, nos dois pequenos segmentos das pontas: à esquerda, os Progressistas Militantes, e, à direita, os Patriotas Indignados – cada um com aproximadamente 5% da população brasileira.

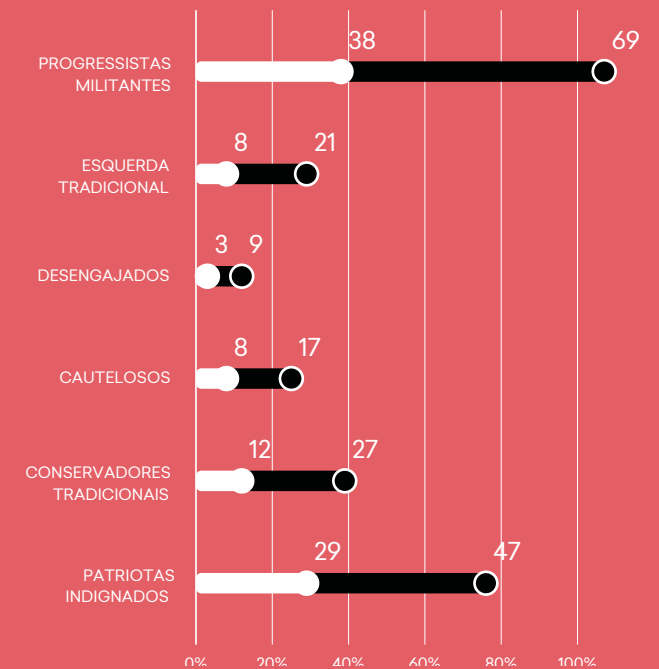
Cada um desses dois segmentos é respaldado por um segmento mais numeroso, mais moderado e menos engajado: a Esquerda Tradicional (14%), de um lado, e os Conservadores Tradicionais (21%), do outro.

À parte desses segmentos estão os Desengajados (27%) e os Cautelosos (27%). Sobre a maioria dos assuntos investigados, esses segmentos têm posições moderadas e independentes, sem o alinhamento automático observado nos segmentos polarizados. Esses grupos reúnem uma maioria de pessoas negras, com renda familiar abaixo de 5 mil reais e sem ensino superior, e compõem pouco mais da metade (54%) da população do país.

São pragmáticos e preocupados com temas concretos como trabalho, serviços públicos e segurança. Seu baixo engajamento não é despolitização, mas uma rejeição do modo polarizado de fazer política. Como participam pouco do debate nas redes, sua voz é abafada pelo ativismo de Progressistas e Conservadores. Por isso, foram batizados de Invisíveis.

ENGAJAMENTO NO DEBATE POLÍTICO (EM %)

- Compartilha notícias sobre política nas redes sociais ou nos aplicativos de mensagens
- Conversa com familiares ou amigos sobre assuntos políticos



É como se a pessoa não tivesse o direito de achar o político que quer votar. As pessoas querem impor em quem você deve votar e que você deve pensar igual a elas.

MULHER DE 29 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ,
CAUTELOSA



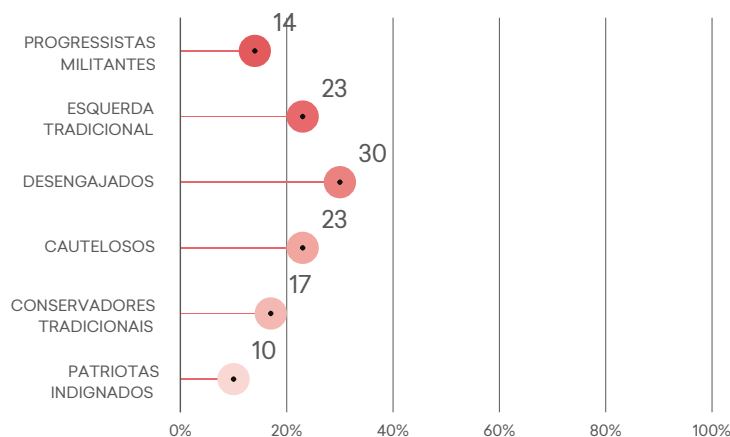
Eu nem sou 100% a favor de Lula, nem sou 100% a favor de Bolsonaro. Para mim, teria que existir a terceira via, mas é como se fosse obrigada a ter que ir junto porque, se você pensar de outra forma, você, sozinha, não dá jeito. Você sozinha dá jeito como?”

MULHER DE 41 ANOS,
RECIFE/PE,
DESENGAJADA

VOTO BRANCO/ NULO /NÃO FOI VOTAR NO PRIMEIRO TURNO PARA A PRESIDÊNCIA EM 2022

(EM %)

Desengajados e Cautelosos têm maior proporção de pessoas que deixaram, de algum modo, de participar das eleições



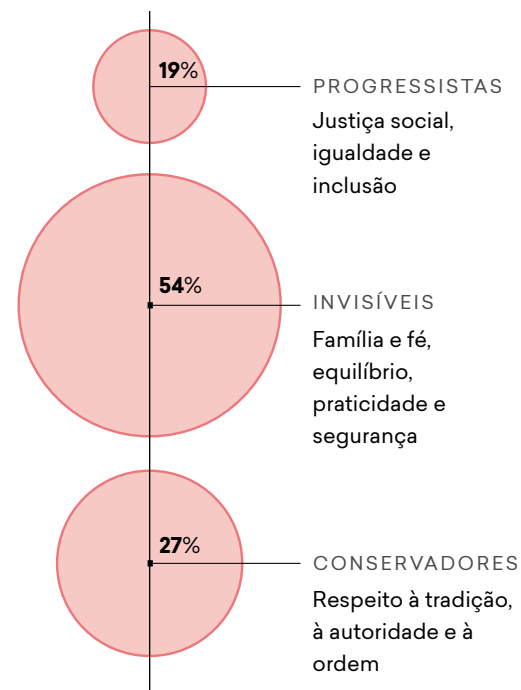
Os Invisíveis também tiveram menos participação na última eleição presidencial, seja deixando de votar ou votando em branco ou nulo.

Eles formam uma maioria silenciosa que acaba assumindo o papel de fiel da balança da política brasileira, por ora pender para a esquerda, ora para a direita. Quase metade (45%) dos Desengajados não se enquadra em esquerda, centro ou direita, e um quinto (19%) dos Cautelosos está na mesma situação. Os demais integrantes desses dois grupos dividem-se entre as orientações ideológicas, com uma prevalência maior da direita entre os Cautelosos.

No entanto, chama a atenção a identificação dos Cautelosos com a identidade conservadora, em termos de sexualidade e família. Os Invisíveis reclamam para si a identidade conservadora, embora rechacem um alinhamento com as identidades de esquerda, direita e centro.

A pesquisa revela ainda diferenças em relação às prioridades de cada grupo, mas a dispersão dos Invisíveis entre esquerda e direita, somada à variação de opiniões sobre diversos temas, abre espaço para construção de consensos na sociedade. O caráter pragmático da maioria silenciosa reforça a possibilidade de diálogo para além das polaridades.

VALORES DEFENDIDOS PELOS SEGMENTOS DA POPULAÇÃO

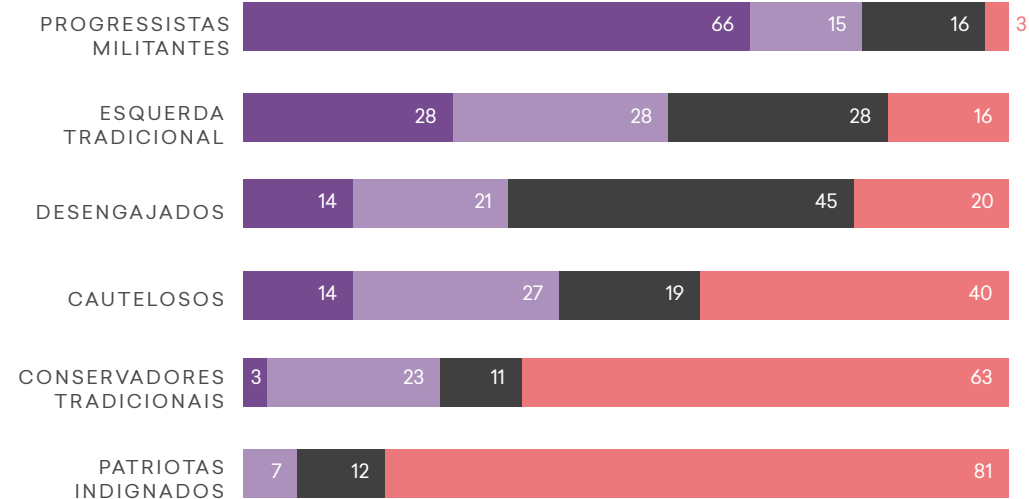


Eu diria que sou centro-direita. Eu não gosto de extremos, entendeu? Acho que o centro está ali entre equilíbrio, enviesado mais para a direita do que pela esquerda. Pelo que a esquerda apresenta, a esquerda daqui não me agrada, as ideologias."

MULHER DE 39 ANOS, RIO DE JANEIRO/RJ, CAUTELOSA

IDENTIDADES POLÍTICAS DOS SEGMENTOS (EM %)

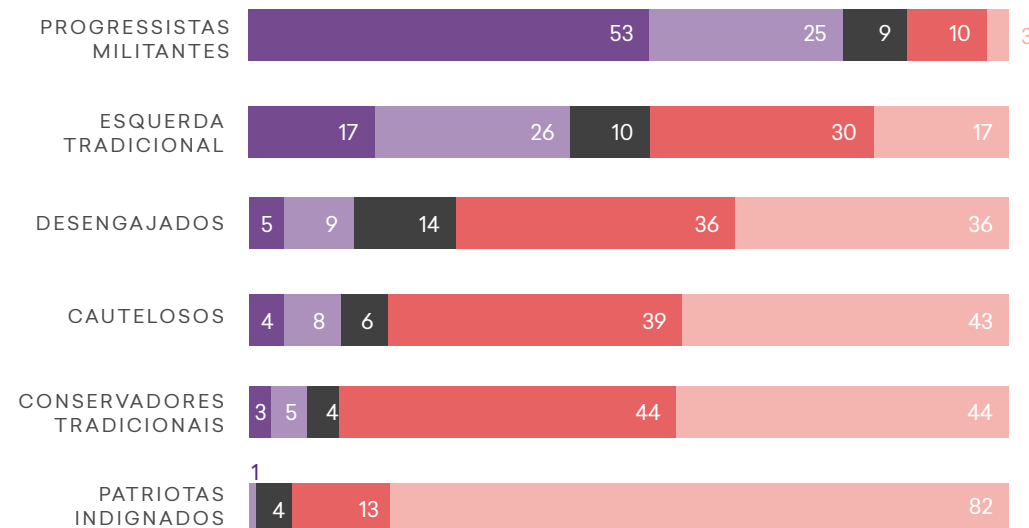
ESQUERDA CENTRO NÃO SABE/ NÃO QUIS RESPONDER DIREITA



IDENTIDADES EM QUESTÕES RELACIONADAS A FAMÍLIA E SEXUALIDADE (EM %)

(EM %)

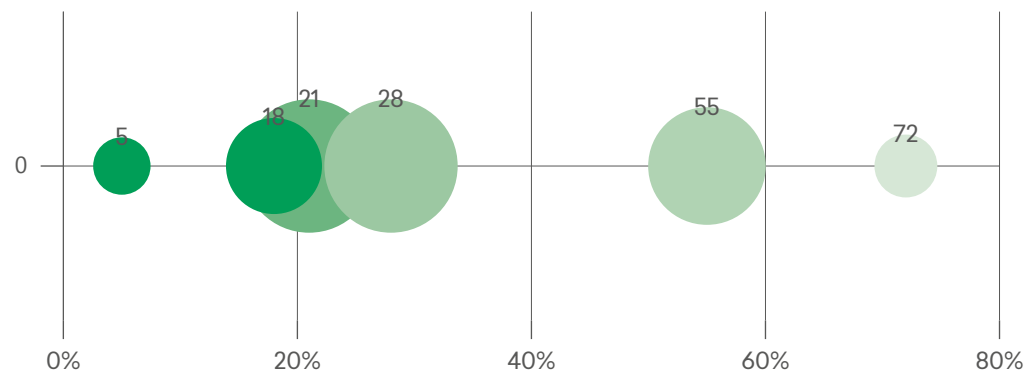
MUITO PROGRESSISTA POUCO PROGRESSISTA NÃO SABE/ NÃO QUIS RESPONDER POUCO CONSERVADOR MUITO CONSERVADOR



FOI BOLSONARO E NÃO LULA QUEM VENCEU AS ELEIÇÕES DE 2022

(CONCORDAM, EM %)

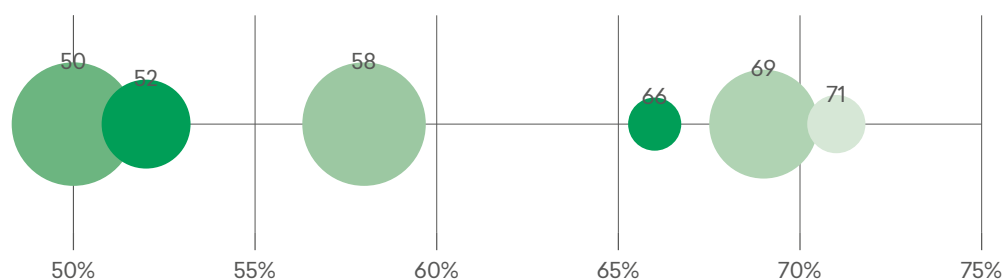
PROGRESSISTAS MILITANTES ESQUERDA TRADICIONAL DESENGAJADOS CAUTELOSOS CONSERVADORES TRADICIONAIS PATRIOTAS INDIGNADOS



AS FAKES NEWS INFLUENCIARAM O RESULTADO DA ÚLTIMA ELEIÇÃO

(CONCORDAM, EM %)

PROGRESSISTAS MILITANTES ESQUERDA TRADICIONAL DESENGAJADOS CAUTELOSOS CONSERVADORES TRADICIONAIS PATRIOTAS INDIGNADOS



Tem muito essa narrativa de que, se o que eu quero não ganha, coloco em xeque se a eleição não foi fraudada, se os dados não foram manipulados. Se você é de direita, você automaticamente é contra a urna eletrônica. Tem essa questão de pertencimento mesmo.”

MULHER DE 36 ANOS, BELO HORIZONTE/MG, PROGRESSISTA MILITANTE



Se a gente, que tem interesse em como vai ficar a situação, não for atrás de fontes confiáveis, ver o que é fake news ou não, vamos tomar uma enxurrada de mentiras e a bomba vai ser esquecida. Não é sendo pessimista, é sendo realista. Tornaram Bolsonaro inelegível, estão mirando no Nikolas [Ferreira (PL-MG)], no Tarcísio [de Freitas (Republicanos-SP)]. Moraes rasgando a Constituição, todo mundo compactuando. Estou ansiosa com os próximos passos do Trump em relação ao Brasil, para ver se colocam o Alexandre no lugar dele.”

MULHER DE 32 ANOS, RIO DE JANEIRO/RJ, CONSERVADORA TRADICIONAL

A mesma polarização é observada na percepção do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), órgão responsável pela integridade do pleito e que, em 2022, estava sob comando do ministro Alexandre de Moraes. Enquanto os segmentos Conservadores desconfiam, os Progressistas, de modo geral, confiam na atuação da Corte.

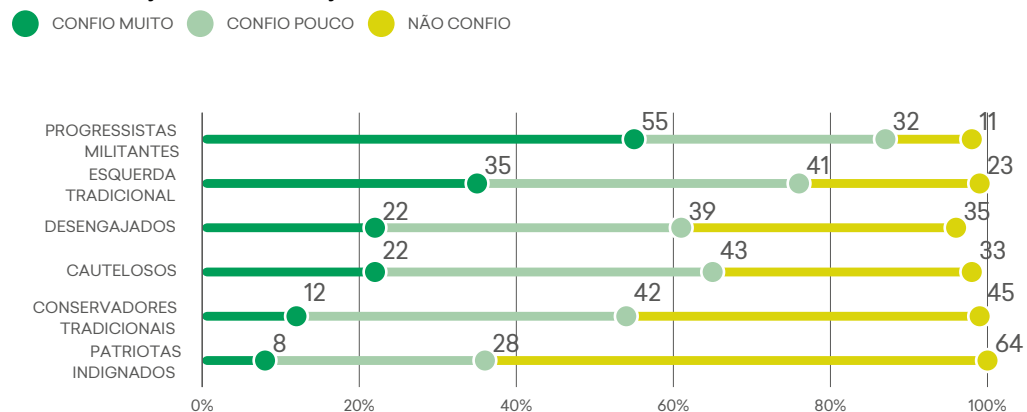
A mesma divisão acontece na avaliação do Supremo Tribunal Federal (STF). Embora, entre os Progressistas, os níveis de confiança da Corte não sejam tão altos quanto os do sistema eleitoral, é marcante a desconfiança dos Conservadores em relação à última instância do Judiciário brasileiro. Os Invisíveis dividem-se na avaliação.

Em relação a outras instituições fundantes na sociedade brasileira – a Polícia Militar, a Igreja, as Universidades Públicas –, é possível observar alguma polarização, não na mesma medida que no caso do STF e do TSE. A PM e a Igreja têm mais confiança dos segmentos Conservadores, e as Universidades Públicas, dos Progressistas, mas os índices de desconfiança não conquistam parcelas tão majoritárias. O menor grau de polarização sugere brechas para o diálogo envolvendo essas instituições.

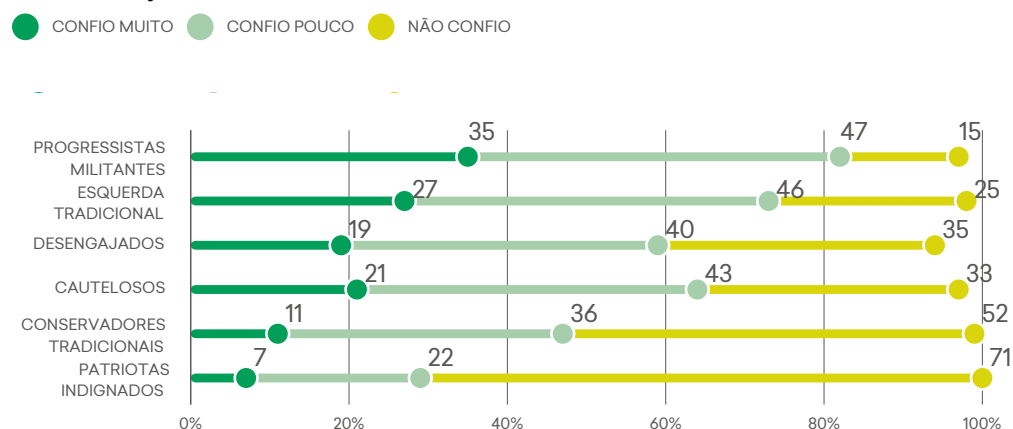
Há também algum consenso, ainda que negativo, sobre o Congresso Nacional. Uma grande maioria dos Patriotas Indignados não confia nos deputados federais e senadores. Nos demais segmentos, a desconfiança gira em torno dos 40%, uma parcela também significativa.

A má avaliação dos políticos também pode ser percebida no alto grau de concordância com a afirmação “Políticos buscam apenas os seus próprios interesses e não os interesses do povo”, que perpassa todos os perfis. Esse fenômeno reforça a tendência populista, observada tanto entre os Progressistas quanto entre os Conservadores, como exposto nos capítulos anteriores.

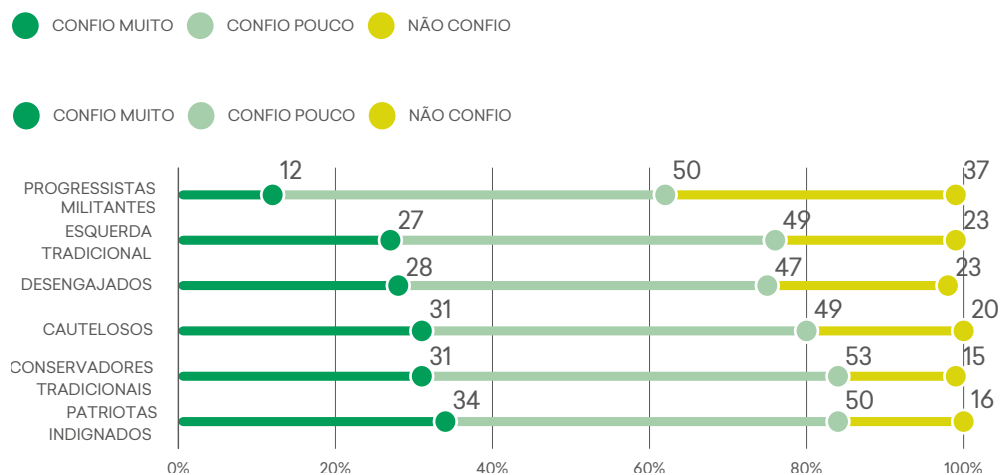
CONFIANÇA NA JUSTIÇA ELEITORAL (TSE) (EM %)



CONFIANÇA NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (EM %)



CONFIANÇA NA POLÍCIA MILITAR (EM %)



Os políticos trabalham para se perpetuar no poder. Existe um projeto do Orleans e Bragança, descendente da Família Real, de candidaturas livres, sem partido. Porque o partido coloca uma coleira na pessoa. Se eu me candidatar sem dinheiro, qual chance tenho de ganhar? Se não for polêmica na internet, não vou ter engajamento. Tem voto de cabresto. Política é muito complicada.”

MULHER DE 39 ANOS,
RIO DE JANEIRO/RJ,
CAUTELOSA



Você não pode mais se posicionar na redes social, é um burburinho, dá preguiça”

MULHER DE 42 ANOS,
SÃO JOÃO DE MERITI/RJ,
PROGRESSISTA MILITANTE

Consumo de mídia

O debate público no Brasil, intensificado a partir da segunda metade da década de 2010, tem sido marcado por um deslocamento das discussões tradicionais, centradas em programas econômicos, para temas ligados a valores e comportamentos cotidianos, as guerras culturais. Nesse cenário, a mídia, tanto a tradicional quanto as redes sociais, transformou-se em um campo de batalha virtual para “disputas de narrativas”.

Os conflitos afetivos gerados pela polarização dificultam o diálogo e produzem reações de ataque e defesa entre grupos. Muitos brasileiros, inclusive, relatam evitar conversas sobre política no dia a dia, no trabalho ou em família, por receio de brigas, agressividade e de ferir suscetibilidades.

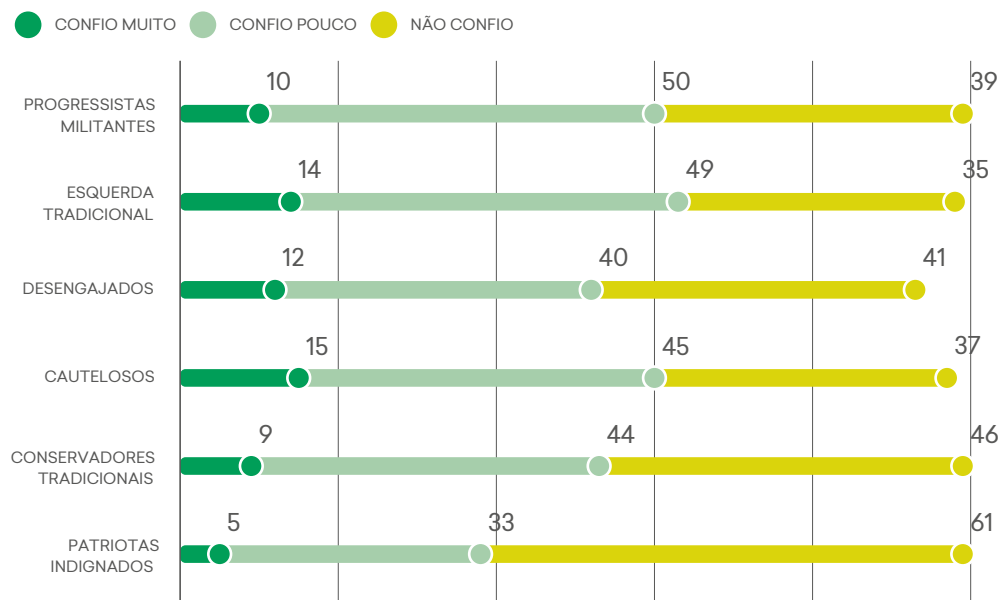
PERCEPÇÕES SOBRE MÍDIA: DESCONFIANÇA E ALTERNATIVAS

Apesar de diferenças no consumo e no compartilhamento de notícias de política entre os diferentes segmentos, existe uma desconfiança significativa em relação aos veículos de comunicação em todos os grupos. Ao menos 30% de todos os segmentos não confiam na grande imprensa – patamar que dobra entre os Patriotas Indignados.

As redes sociais também não são percebidas como uma opção segura para se informar sobre política. Parcela majoritária de todos os grupos concorda que as plataformas digitais “espalham fake news e não possuem filtro para o que é publicado”.

Apesar da desconfiança, as redes são o principal meio de informação sobre política para Progressistas Militantes, Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados. A diferença é que os primeiros também tendem a buscar notícias em grandes jor-

CONFIANÇA NO CONGRESSO NACIONAL (EM %)



Antes era só a Globo e só passava Globo o dia todo. Conforme a internet foi crescendo a Globo foi perdendo, e a gente foi entendendo a lavagem que a Globo fazia na cabeça das pessoas. Querem tirar nosso poder de ter opinião própria."

MULHER DE 33 ANOS, OSASCO/SP, CONSERVADORA TRADICIONAL

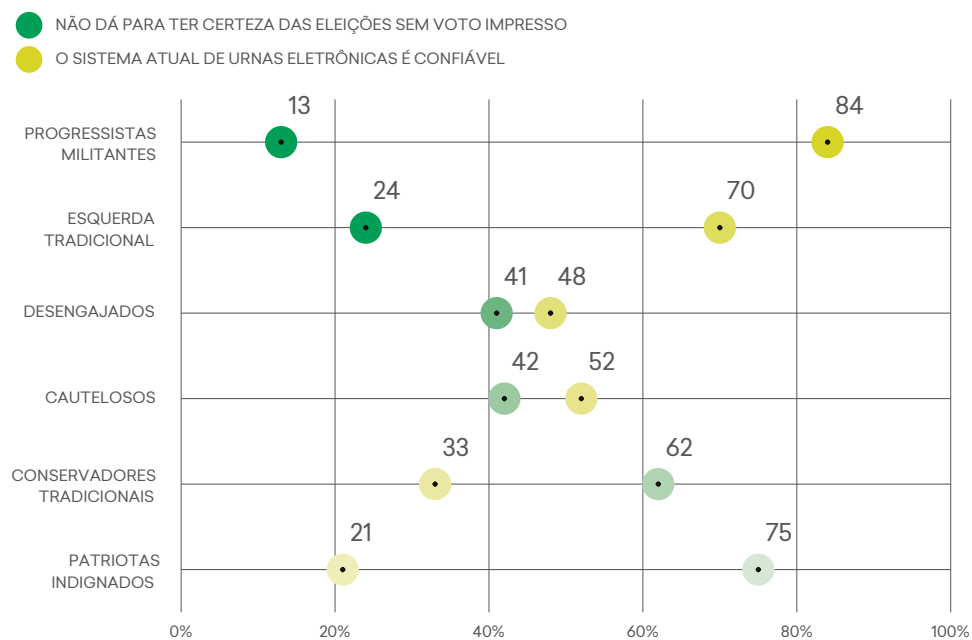
nais e noticiários de TV, enquanto os grupos mais à direita apresentam maior resistência às mídias tradicionais e maior adesão aos meios digitais

Os segmentos Conservadores veem os meios de comunicação – assim como as ONGs e as universidades – como instituições que impõem valores progressistas. Há uma percepção recorrente entre esses grupos de que a Rede Globo é partidária, alinhada à esquerda ou petista.

Conservadores Tradicionais e Patriotas Indignados relatam buscar informações em círculos mais próximos ou em mídias descentralizadas – WhatsApp e YouTube são seus principais canais de informação.

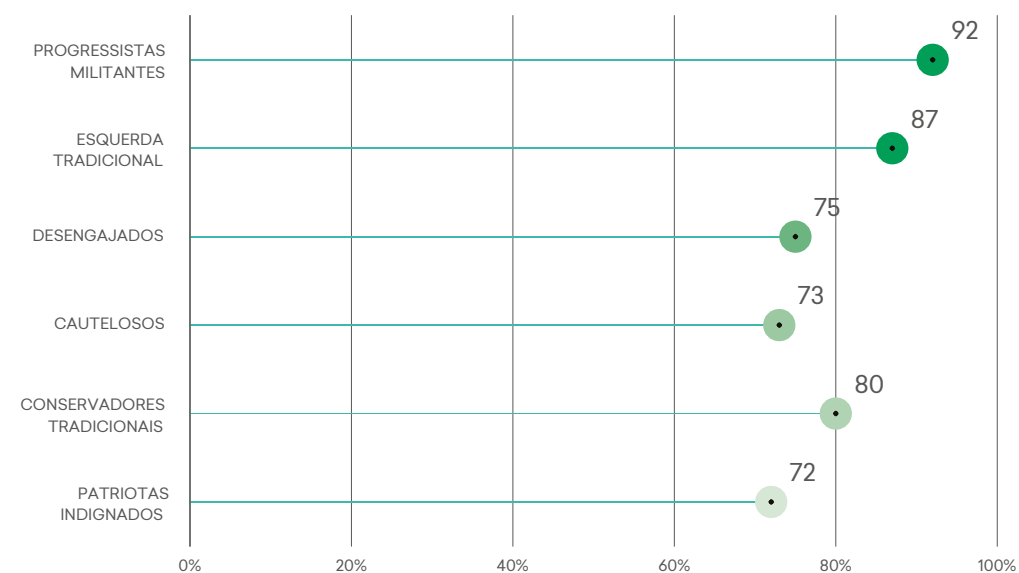
BandNews, Jovem Pan e Gazeta do Povo se destacam como fontes de notícias para os mais conservadores. Os Progressistas Militantes se informam prioritariamente pela TV Globo e por seu portal, o G1, embora também acessem canais digitais.

CONFIANÇA NO SISTEMA ELEITORAL (EM %)



AS REDES SOCIAIS ESPALHAM FAKE NEWS E NÃO POSSUEM FILTRO PARA O QUE É PUBLICADO

(CONCORDAM, EM %)



COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS E ENGAJAMENTO

A maneira como os segmentos se engajam no debate com a família e amigos e na esfera pública virtual também reflete a polarização e o grau de mobilização.

Os Progressistas Militantes demonstram o maior engajamento: são os que mais compartilham notícias sobre política nas redes sociais e mais publicam conteúdo próprio sobre o tema. Também falam mais sobre o assunto com amigos e familiares.

Ainda que num patamar um pouco mais baixo, os Patriotas Indignados também se destacam pelo alto índice de compartilhamento de notícias políticas e pela publicação de conteúdo próprio. O segmento também fala mais sobre política com seu círculo próximo de convívio, mas bem menos do que os mais progressistas.

A mobilização nas redes, embora seja um caminho para expressar a cidadania, acaba funcionando como amplificação da voz para os grupos já mais engajados e com convicções fortes (os polos), enquanto os segmentos não polarizados se retraem. Essa dinâmica reforça a percepção de que o debate é agressivo e extremista, levando muitos a preferir o silêncio.

Os Desengajados e os Cautelosos, chamados de Invisíveis, são os que menos compartilham notícias políticas e publicam conteúdo próprio, reforçando sua pouca visibilidade no debate público. Mas, embora busquem conteúdo informativo nas redes sociais, esses segmentos têm menos resistência à mídia tradicional do que os Conservadores Tradicionais e os Patriotas Indignados. Isso pode significar uma brecha para a comunicação com esses segmentos majoritários, desde que baseada em valores comuns e percebida fora da lógica da polarização.

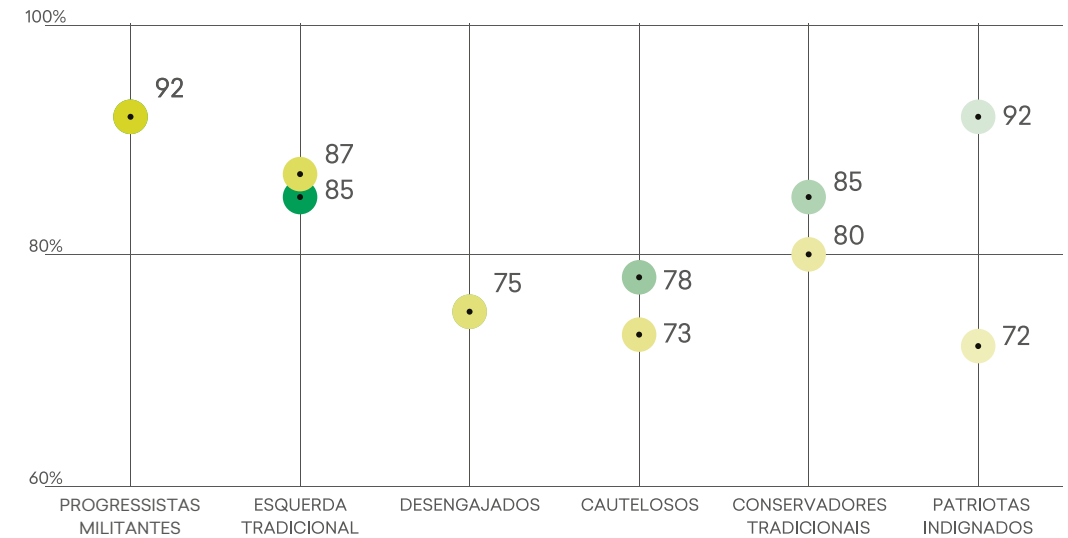


Os escândalos de corrupção acontecendo e a gente vê que boa parte da mídia é comprada, porque recebe dinheiro do governo para manter as aparências.”

HOMEM DE 41 ANOS,
SÃO PAULO/SP,
**CONSERVADOR
TRADICIONAL**

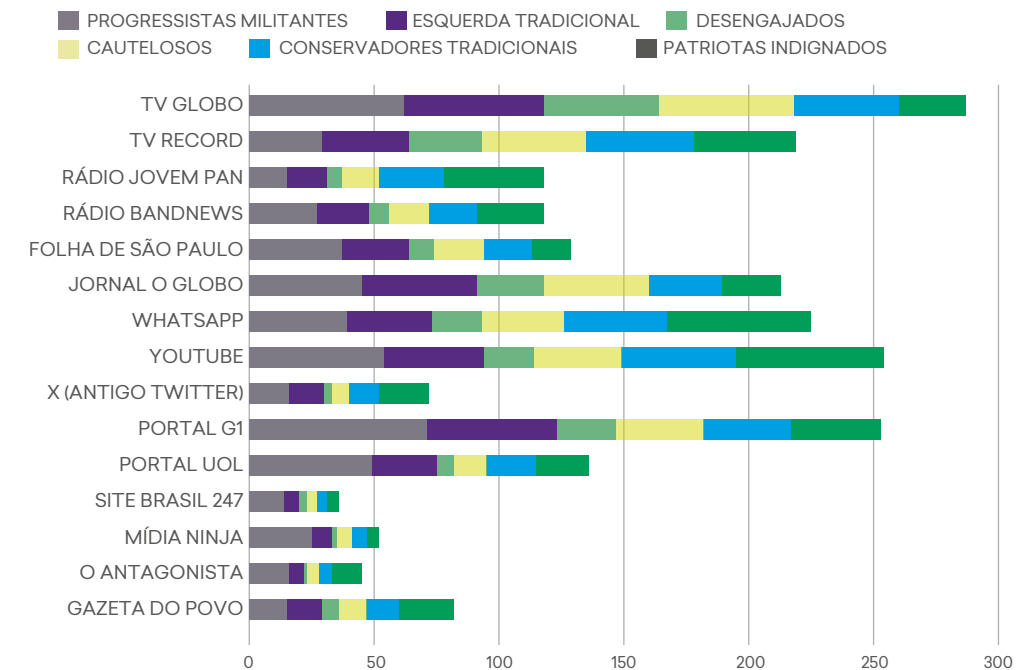
SEGMENTOS DESCONFIAM TANTO DA MÍDIA QUANTO DAS REDES SOCIAIS (EM %)

- A grande mídia é tendenciosa e influenciada por interesses
- As redes sociais espalham fake news e não possuem filtro para o que é publicado



POR QUAIS VEÍCULOS VOCÊ SE INFORMA SOBRE POLÍTICA? (EM %)

*As pessoas podem indicar mais de um veículo, por isso a somatória dá mais de 100%



Meio ambiente e agronegócio

Embora a pauta climática não figure entre as prioridades mais imediatas da população para a atuação do governo, ela tem ganhado espaço no debate público recente, impulsionada pela recorrência de eventos climáticos extremos e por disputas em torno das prioridades políticas e econômicas do país.

Os dados da More in Common no Brasil revelam que, apesar do consenso sobre a existência das mudanças climáticas e a importância da preservação ambiental, a forma como diferentes segmentos avaliam os atores envolvidos nessa agenda está atravessada por uma polarização afetiva e simbólica.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS: CONSENSO EM TEORIA, DEBATE NA PRÁTICA

A sociedade brasileira demonstra forte coesão quanto aos fundamentos da crise climática. Tanto Progressistas quanto Conservadores reconhecem que a ação humana é a principal responsável pela emergência climática, e que essa é uma crise que merece atenção.

Embora em muitos países grupos políticos tenham semeado dúvidas sobre as mudanças climáticas serem causadas por ação humana, os dados mostram que essa postura não ressoa na sociedade brasileira, nem mesmo entre os Patriotas Indignados.

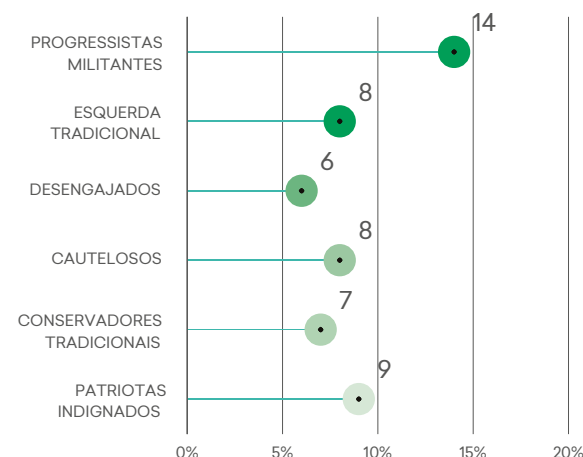
A demarcação de terras indígenas como estratégia de conservação é apoiada por uma parcela majoritária inclusive pelos segmentos Conservadores. Assim, a maioria dos brasileiros, mesmo com diferentes níveis de concordância, reconhece a importância da proteção dos territórios dos povos originários para a preservação do meio ambiente.

Ainda que com um pouco mais de divergência, os brasileiros de todos os segmentos optam pela preservação ambiental quando confrontados com dilemas do tipo proteção versus desenvolvimento econômico, seja

INDICAÇÃO DE MEIO AMBIENTE COMO ÁREA QUE DEVERIA SER PRIORIZADA PELO GOVERNO NOS PRÓXIMOS ANOS*

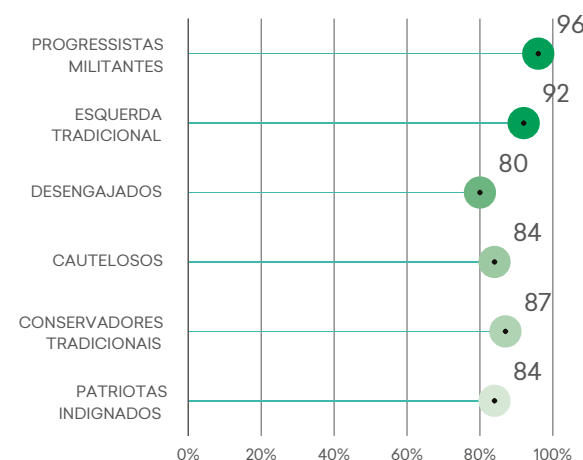
(EM %)

*Priorização dentre as seguintes áreas: saúde, educação, combate à pobreza, emprego e renda, segurança pública e meio ambiente.



A AÇÃO HUMANA É A PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

(EM %)



As queimadas e o desmatamento sempre vão existir, acho que não têm a ver com agro, não. Eu acho que é importante, sim, independente de ser o Brasil, se nossos governantes souberem levar ao pé da letra tudo o que temos para oferecer, porque somos uma terra fértil."

MULHER DE 46 ANOS, RECIFE/PE, ESQUERDA TRADICIONAL



Essas pautas do meio ambiente, da homofobia, do feminismo, são pautas relevantes em alguns aspectos. Mas não dá para levantar uma bandeira e dizer 'eu concordo com tudo', porque, no todo, isso não me representa."

MULHER DE 44 ANOS, SALVADOR/BA, DESENGAJADA



O desenvolvimento ambiental pode andar junto, sim, com a questão do desenvolvimento econômico do lugar. Acredito que sim, vai ferir, mas ele pode compensar. A fiscalização tem que funcionar muito bem. Agora, dependendo do lugar, se for a prefeitura e o prefeito, se for o dono da empresa, se é o cunhado, se é o parente, aí, lascou. Aí você já sabe. Aí é Brasilão. A gente ainda está muito atrás sobre isso."

HOMEM DE 48 ANOS, SÃO PAULO/SP - SE, CONSERVADOR TRADICIONAL

para a expansão do agronegócio, seja para extração de petróleo em áreas protegidas.

A percepção de que a legislação ambiental atrapalha o desenvolvimento do país também é compartilhada por uma parcela significativa da população – especialmente pelos Conservadores. Mesmo entre os Invisíveis, essa visão crítica se expressa com força.

Essa crítica às normas conecta-se diretamente à erosão de confiança nas instituições ambientais, como o Ibama. A percepção negativa sobre o órgão que fiscaliza o uso dos recursos naturais no Brasil é especialmente forte nos segmentos Conservadores, mas se repete entre os Invisíveis. Mesmo entre os segmentos mais alinhados com a agenda ambiental, a confiança é limitada, sinalizando que nem mesmo entre os defensores mais ativos da pauta ambiental há plena confiança nas instituições responsáveis por sua implementação.

Esse quadro revela um descompasso entre o consenso em torno da preservação ambiental e a legitimidade percebida das instituições encarregadas de garanti-la. Essa visão não implica uma defesa do desmatamento – já que a fiscalização ambiental é amplamente reconhecida como necessária –, mas expressa uma insatisfação com as políticas atuais e com a forma como são implementadas.

Ainda que os brasileiros reconheçam a gravidade da crise climática e apoiem medidas de proteção ambiental, a baixa confiança institucional fragiliza a capacidade do Estado de agir de forma coordenada, legítima e eficaz.

A percepção sobre o agronegócio e as ONGs ambientais sintetiza a disputa afetiva que dificulta o consenso sobre a pauta comum ambiental. O setor agropecuário, criticado por Progressistas, é simbolicamente legitimado pelos segmentos Conservadores. A atividade é associada ao motor econômico do Brasil, ao trabalho, ao progresso e à identidade nacional, valores caros aos grupos Conservadores.



Só porque o agro decidiu ser de direita, ele quer lutar contra, acha que quem tem direito são os vagabundos do MST. O agro realmente tem que desmatar uma parte, mas é dentro do limite legal, mas eles contribuem com um valor. E a poluição, não tem o que fazer. Se tivesse uma forma de poluir menos, eles tentariam. O agro não agride dessa forma.”

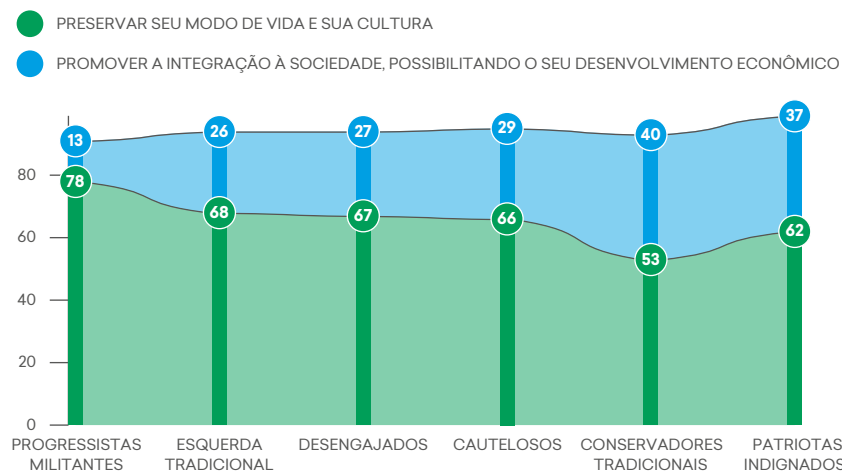
MULHER DE 33 ANOS, CURITIBA/PR, PATRIOTA INDIGNADA



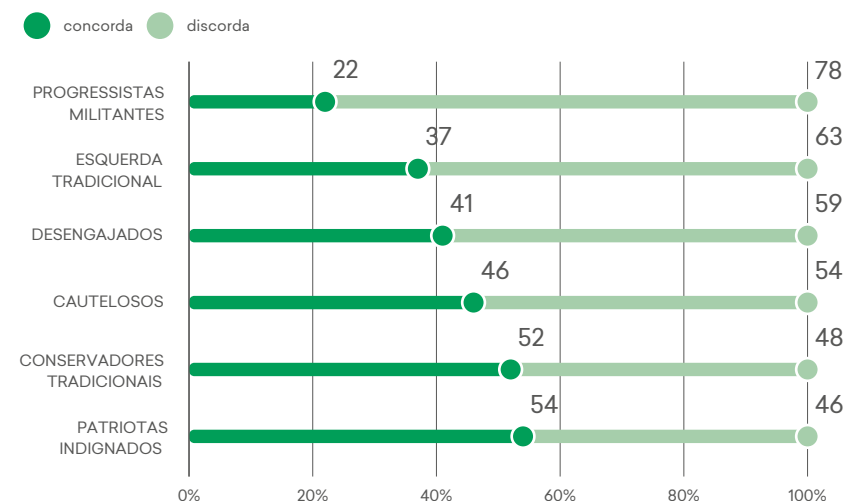
O agro é o carro-chefe da economia, mas não é por isso que não vai ter um controle. Vocês podem plantar, mas tem que ter regras, se não, vira uma zona. Se for usar um produto que vai danificar o solo, ter queimada, tem que ser corrigido. Mas, às vezes, a gente não sabe o que é verdade ou não. Como o agro levanta uma bandeira mais nacionalista, mais de direita, a esquerda fica contra o agro, tem aquela guerra.”

MULHER DE 39 ANOS, RIO DE JANEIRO/RJ, CAUTELOSA

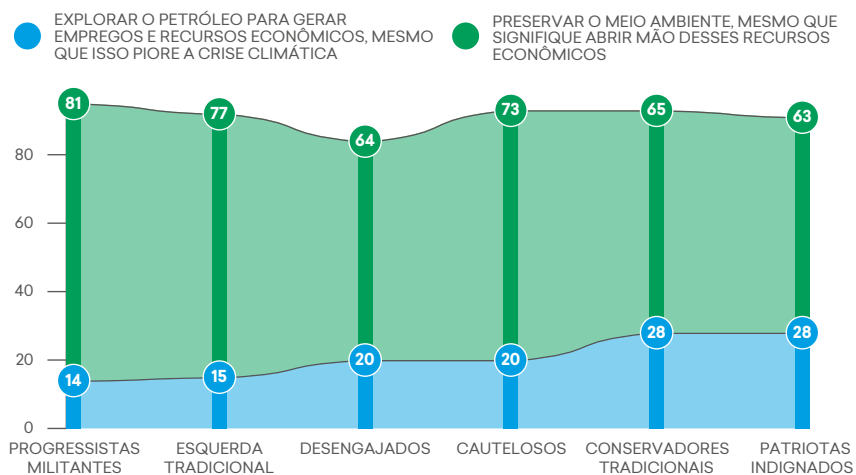
NA SUA OPINIÃO, QUAL DEVERIA SER A ORIENTAÇÃO DO GOVERNO EM RELAÇÃO AOS INDÍGENAS (EM %)



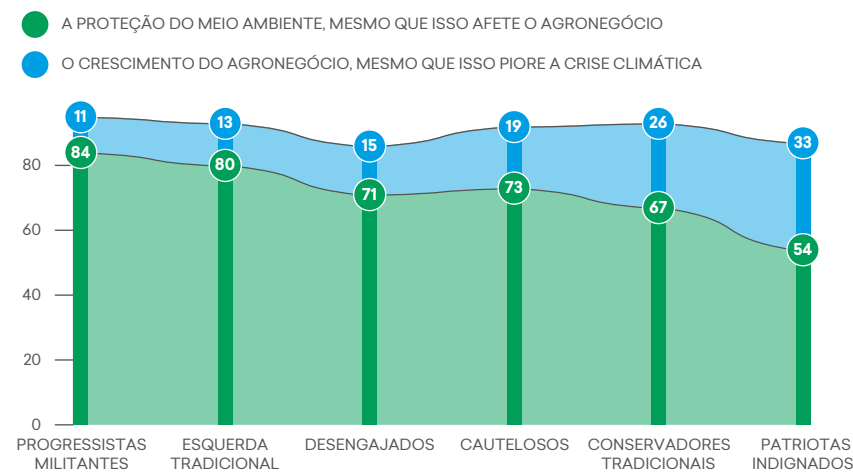
A LEGISLAÇÃO AMBIENTAL ATRAPALHA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS (EM %)



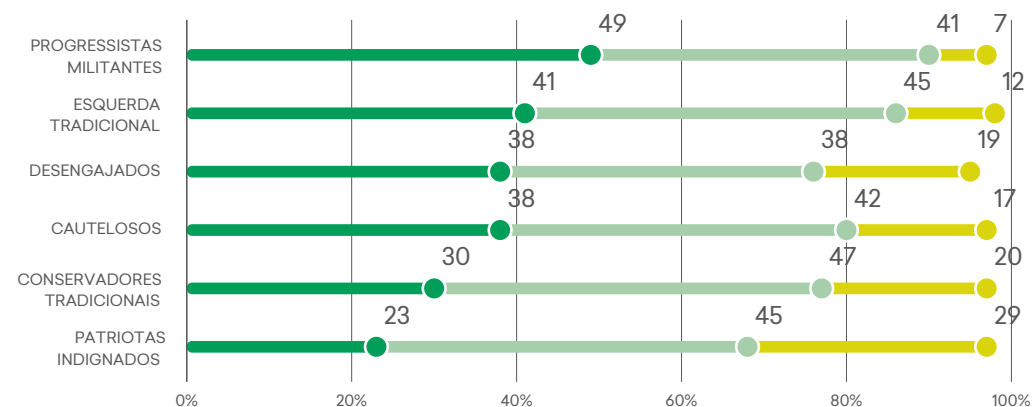
EM ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL COM POTENCIAL DE EXPLORAÇÃO DE PETRÓLEO, É MAIS IMPORTANTE (EM %)



NA SUA OPINIÃO, É MAIS IMPORTANTE PARA O BRASIL (EM %)

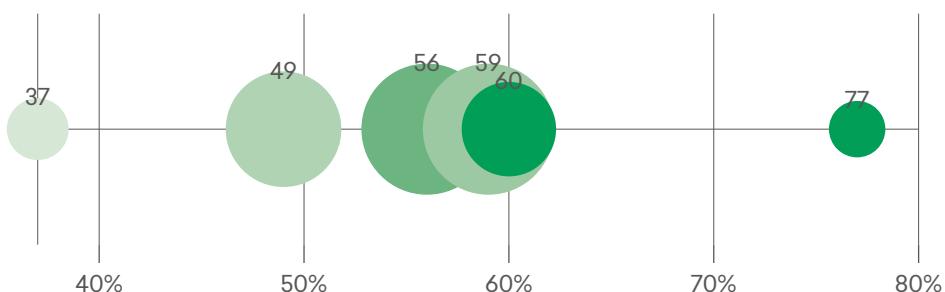


CONFIANÇA NO IBAMA (EM %)



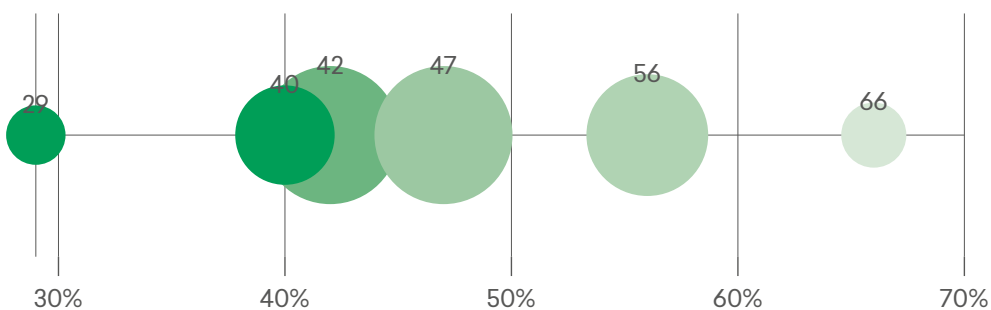
O AGRONEGÓCIO DESTRÓI O MEIO AMBIENTE SEM SE PREOCUPAR COM AS CONSEQUÊNCIAS (CONCORDAM, EM%)

PROGRESSISTAS MILITANTES ESQUERDA TRADICIONAL DESENGAJADOS CAUTELOSOS CONSERVADORES TRADICIONAIS PATRIOTAS INDIGNADOS



AS ONGS AMBIENTAIS ESTÃO A SERVIÇO DE PAÍSES QUE QUEREM TOMAR A AMAZÔNIA (EM %)

PROGRESSISTAS MILITANTES ESQUERDA TRADICIONAL DESENGAJADOS CAUTELOSOS CONSERVADORES TRADICIONAIS PATRIOTAS INDIGNADOS



“O meio ambiente é super importante para a gente viver. As ONGs na Amazônia não têm interesse em cuidar, mas em levar perfumaria, medicina, plantas — tudo financiado por políticos. Não tem ONGs para defender vulneráveis que passaram por uma enchente que matou milhões. ONGs são criadas por interesse político e para levar para fora.”

HOMEM 41,
SÃO PAULO/SP,
CONSERVADOR TRADICIONAL

Em sentido oposto, as ONGs ambientais são objeto de desconfiança nos segmentos Conservadores. A crença de que essas organizações atuam a serviço de interesses estrangeiros é compartilhada por grande parte dos Conservadores Tradicionais e dos Patriotas Indignados. Essa visão também está presente nos segmentos Invisíveis. Mesmo entre os grupos Progressistas, há algum grau de adesão, o que indica que a crítica às ONGs ambientais transcende o espectro conservador.

Esses dados evidenciam que a polarização em torno da agenda climática não decorre diretamente de desacordos sobre os fatos ou a urgência da crise, mas da forma como os diferentes segmentos interpretam os atores envolvidos a partir de suas identidades políticas.

Os brasileiros parecem estar convencidos dos riscos das mudanças climáticas e da necessidade de preservar o meio ambiente, mesmo se isso implicar algum prejuízo econômico. Há certo entendimento, porém, de que as instituições e as leis de preservação não estão funcionando a contento. O ponto mais preocupante é que o antagonismo entre ONGs ambientais e o agro tende a polarizar o tema. Se essa disputa e as identidades que mobiliza se consolidarem, pode ser que o meio ambiente se incorpore à dinâmica das guerras culturais, como já acontece nos Estados Unidos.

Trabalho e empreendedorismo

Embora haja bastante debate nas mídias sociais sobre o alcance e a importância das proteções sociais ao trabalho, há relativamente pouca variação de opinião sobre o tema nos segmentos. De maneira geral, todos preferem as proteções tradicionais do trabalho a um regime de mais autonomia combinada com poupança. Isso, porém, não retira dos trabalhadores a ambição de se tornarem autônomos e viverem sem chefes — o que também é majoritário em todos os segmentos.

PROTEÇÃO SOCIAL VS FLEXIBILIDADE E EMPREENDEDORISMO

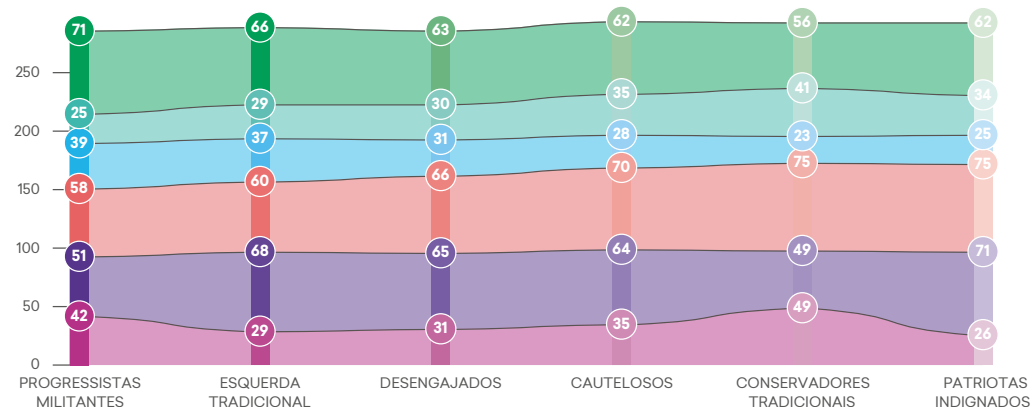
A maioria dos brasileiros (63%) prefere ter a segurança do emprego CLT — como aviso-prévio, férias e décimo terceiro —, mesmo que isso signifique cumprir horário e receber ordens de um chefe. A concordância sobre os Progressistas Militantes para os Patriotas Indignados, com exceção dos Conservadores Tradicionais, que se dividem com alguma vantagem para a valorização da liberdade e de ter o próprio horário — mesmo sem aviso-prévio, férias e décimo terceiro.

A maioria dos brasileiros, de todos os segmentos, também prefere que seja descontado o valor do INSS para ter aposentadoria, salário-maternidade, auxílio-doença e pensão por morte, como acontece hoje para os trabalhadores com carteira assinada. A opção por não ter descontos na remuneração e fazer a própria poupança é mais forte entre os Conservadores Tradicionais, mas ainda minoritária.

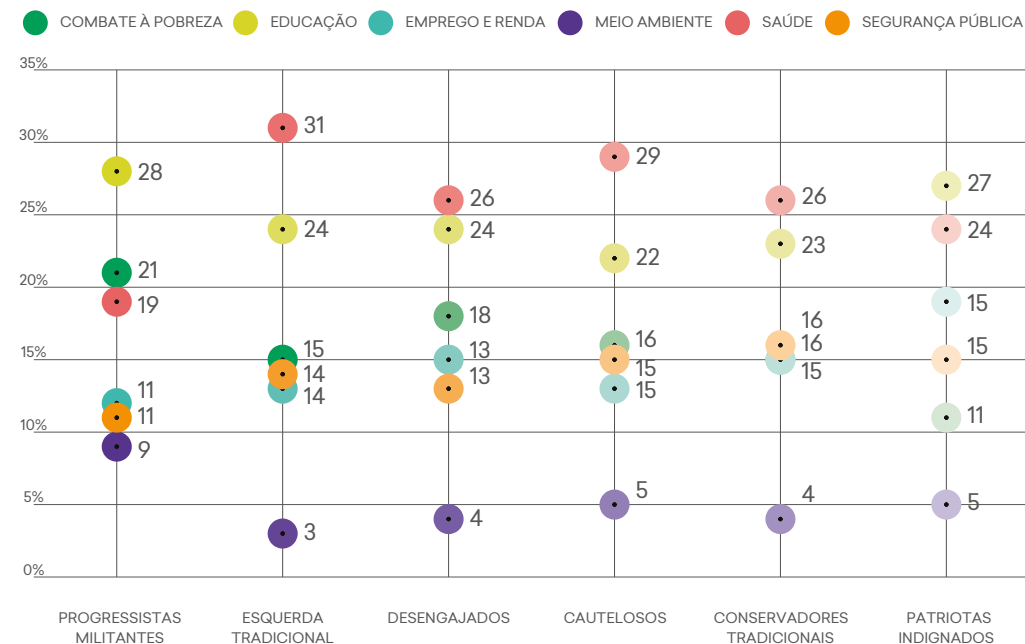
QUAL DAS AFIRMAÇÕES A SEGUIR DESCREVE MELHOR COMO VOCÊ PREFERE TRABALHAR (EM %*)

*As pessoas podem indicar mais de uma opção, por isso a somatória dá mais de 100%

- PREFIRO TER LIBERDADE, FAZER MEU PRÓPRIO HORÁRIO, MAS SEM AVISO-PRÉVIO, FÉRIAS E DÉCIMO TERCEIRO
- PREFIRO TER SEGURANÇA, COMO AVISO-PRÉVIO, FÉRIAS E DÉCIMO TERCEIRO, MAS CUMPRIR HORÁRIO E RECEBER ORDENS DE UM CHEFE
- SER AUTÔNOMO(A)
- SER EMPREGADO(A)
- NÃO TER DESCONTOS NA SUA REMUNERAÇÃO E FAZER SUA PRÓPRIA POUPANÇA PARA IMPREVISTOS E APOSENTADORIA
- QUE SEJA DESCONTADO O VALOR DO INSS E TER APOSENTADORIA, SALÁRIO-MATERNIDADE, AUXÍLIO-DOENÇA E PENSÃO POR MORTE



QUAIS DEVEREM SER AS ÁREAS PRIORITÁRIAS DO GOVERNO NOS PRÓXIMOS ANOS? (EM %)



Além de preferir segurança trabalhista, os brasileiros também valorizam a flexibilidade. Os dados mostram uma preferência crescente – dos Progressistas aos Conservadores – por ser autônomo, e não empregado.

Este padrão sugere que, embora valorizem a segurança da CLT, todos os segmentos, inclusive os mais à esquerda (Progressistas Militantes e Esquerda Tradicional), preferem ser autônomos a estarem formalmente empregados. Os motivos para isso ainda precisam ser aprofundados pelos estudos.

Emprego e renda estão entre as prioridades esperadas do governo. Dominam o topo, com algumas variações, junto com Saúde, Educação e Combate à Pobreza. Para os Patriotas Indignados, os que mais querem ser autônomos, melhorar emprego e renda deve ser a prioridade do governo, atrás da saúde, que domina a maior parte dos segmentos.



Insegurança, desemprego, não saiu do papel. Foi feita uma promessa que não é verídica. Essa divisão, essa polarização, prejudica os menos favorecidos, é a classe que mais sofre. É quase impossível hoje eles se juntarem, eu vejo uma guerra política na qual quem sofre são os mais pobres. Quem entrar ali vai continuar do mesmo jeito.”

MULHER DE 46 ANOS,
RECIFE/PE,
ESQUERDA TRADICIONAL

Nacionalismo e xenofobia

Em uma sociedade marcada por disputas morais intensas, especialmente em temas como gênero, sexualidade e segurança pública, as percepções sobre identidade nacional e imigração se destacam por apresentar baixo grau de polarização. Embora não estejam isentas de tensões, essas temáticas revelam padrões de maior estabilidade, com níveis altos de convergência entre os seis segmentos, dos Progressistas Militantes aos Patriotas Indignados.

Os dados sugerem que a identidade brasileira é amplamente valorizada e o discurso da hospitalidade aos imigrantes ainda encontra adesão significativa, mesmo diante de preocupações localizadas sobre emprego e estabilidade econômica.

Esse padrão permite compreender o nacionalismo no Brasil atual não

como fator de exclusão, mas como valor de base comum, capaz de organizar consensos simbólicos em uma sociedade cada vez mais atravessada por disputas morais.

ORGULHO NACIONAL: CONVERGÊNCIA SIMBÓLICA

A frase “Sinto muito orgulho de ser brasileiro” teve elevada aprovação, com variações mínimas entre os segmentos. O menor índice foi registrado entre os Progressistas Militantes (89%) e o maior, entre os Desengajados (93%), indicando um sentimento amplamente partilhado.

A adesão quase unânime ao orgulho nacional atravessa posicionamentos ideológicos e graus de engajamento político. Embora esse orgulho possa assumir sentidos distintos – críticos, afirmativos ou simbólicos –, a base comum de pertencimento aparece como valor estruturante da identidade coletiva, sem se configurar como um ponto de fratura relevante.

EDUCAÇÃO PATRIÓTICA: LEGITIMIDADE TRANSVERSAL

A concordância com a frase “O patriotismo, o amor à bandeira e o hino nacional devem ser ensinados nas escolas” reforça o caráter transversal da valorização simbólica do país.

Os dados indicam que, mesmo em segmentos que mantêm críticas às instituições estatais ou ao passado político do país, a transmissão de símbolos nacionais no ambiente escolar é legitimada. Diferente de outros temas educacionais, como a educação sexual, que geram maior controvérsia, o ensino do patriotismo não emerge como divisivo e mantém aceitação ampla e contínua entre os segmentos.

IMIGRAÇÃO: ACEITAÇÃO COM TENSÃO

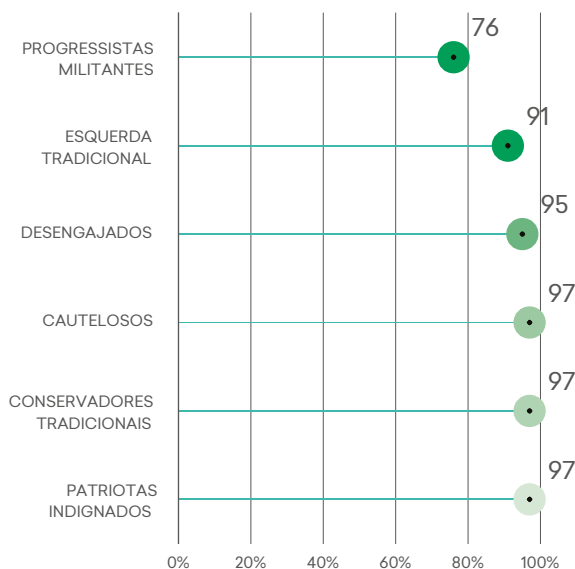
A questão da imigração revela maior variação entre os segmentos, mas sem apresentar padrões de polarização extrema como as guerras culturais. A frase “Imigrantes, como haitianos e venezuelanos, tiram empregos dos brasileiros de verdade” recebeu níveis de concordância que variam de 17% (Progressistas Militantes) a 41% (Conservadores Tradicionais).

Ainda que minoritária, a concordância expressiva em segmentos diversos sugere que a preocupação com a imigração não está concentrada em um único campo político-ideológico. Segmentos menos mobilizados (como os Desengajados) e de orientação conservadora compartilham graus semelhantes de preocupação.

Enquanto em muitos países os segmentos mais conservadores são majoritariamente hostis à imigração – que veem como uma competição injusta pelas vagas de trabalho –, o mesmo não acontece no Brasil.

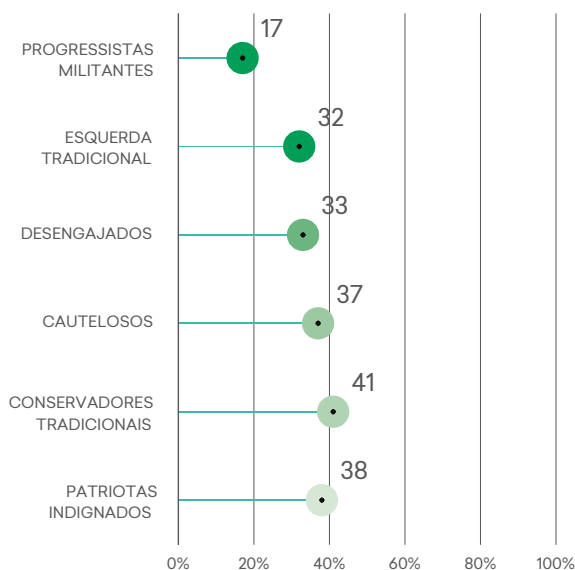
O PATRIOTISMO, O AMOR À BANDEIRA E O HINO NACIONAL DEVEM SER ENSINADOS NAS ESCOLAS

(CONCORDAM, EM%)



IMIGRANTES, COMO HAITIANOS E VENEZUELANOS, TIRAM EMPREGOS DOS BRASILEIROS DE VERDADE

(CONCORDAM, EM%)



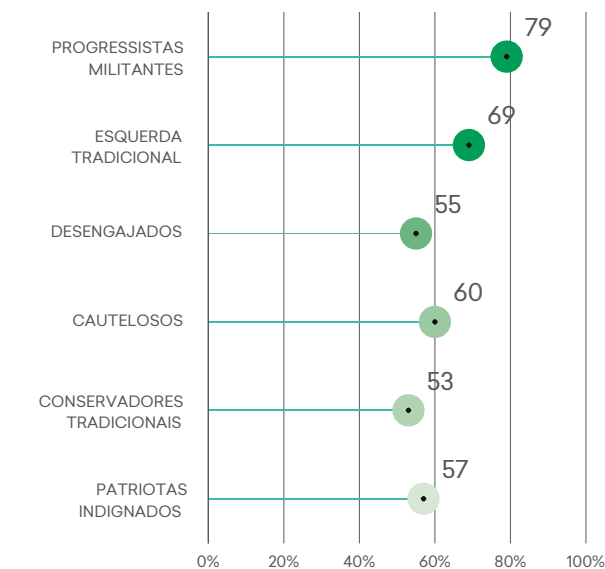
REFUGIADOS: DISPOSIÇÃO DE ACOLHIMENTO

A maioria de todos os segmentos concorda com a ideia de que “o Brasil deve receber imigrantes e refugiados de todas as partes do mundo”. A maior resistência, ainda que minoritária, é percebida entre os Cautelosos e Conservadores Tradicionais.

A ampla concordância com a acolhida de cidadãos estrangeiros diferencia o contexto brasileiro de outros países, onde a rejeição à imigração opera como linha divisória entre segmentos.

O BRASIL DEVE RECEBER IMIGRANTES E REFUGIADOS DE TODAS AS PARTES DO MUNDO

(CONCORDAM, EM%)



O que pesa mais na balança, o que está favorecendo mais os mais pobres. O rico fica cada vez mais rico e o pobre fica de escanteio. O CLT, que levanta às 5 da manhã para trabalhar”

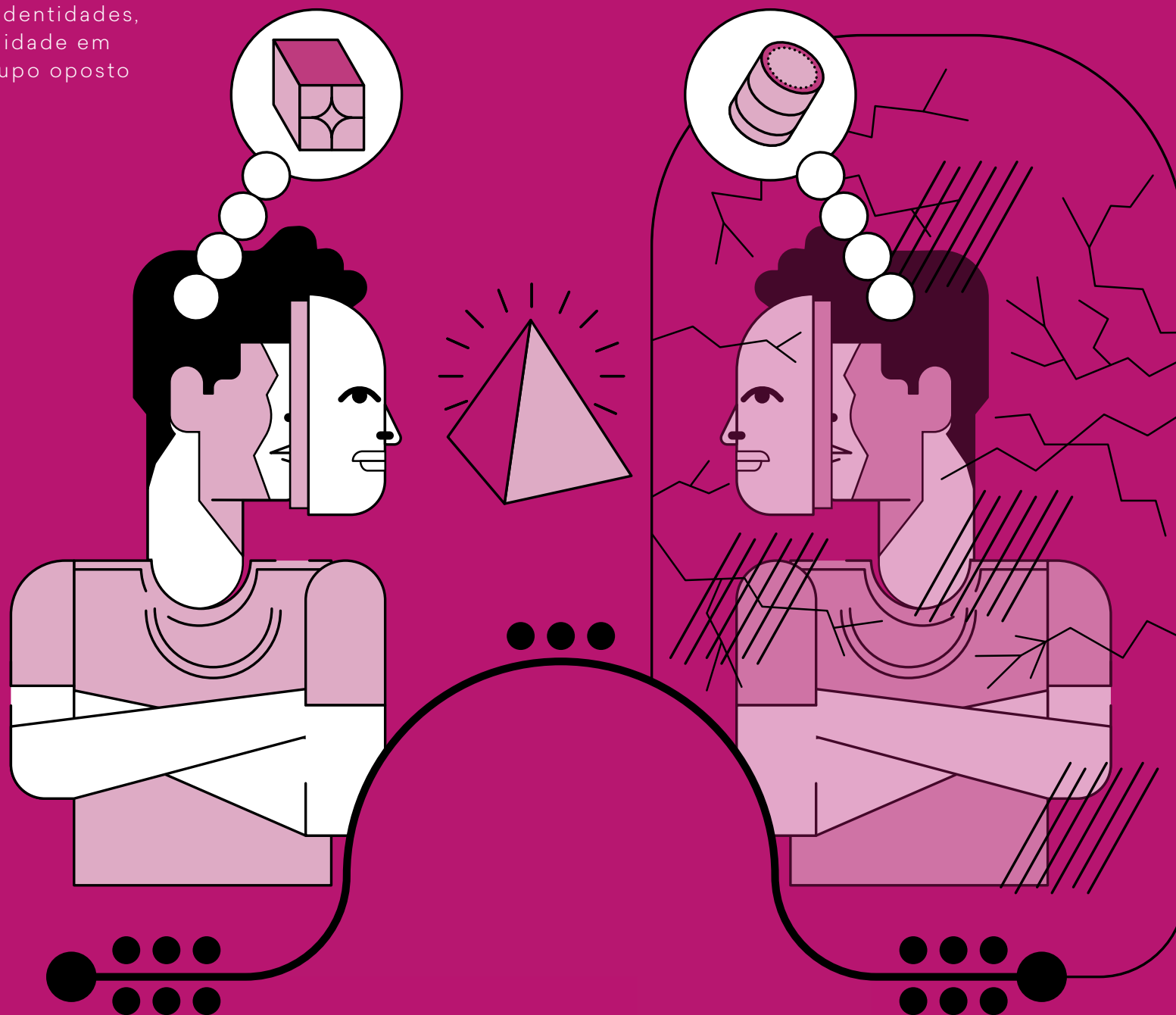
MULHER DE 30 ANOS,
SÃO PAULO/SP,
CAUTELOSA

Consenso parcial, tensão localizada

Embora as opiniões sobre imigração apresentem variação, não há uma clivagem polarizada entre os segmentos. O nacionalismo, por sua vez, parece operar como símbolo agregador, não como vetor de conflito. As objeções à presença de imigrantes são mais frequentes em segmentos que concentram maior insegurança econômica e menor engajamento político, sugerindo que preocupações com escassez de recursos e empregos desempenham papel central.

Identidades e polarização afetiva

Quanto mais fortes e alinhadas as identidades, maior a hostilidade em relação ao grupo oposto



Este capítulo explora a polarização afetiva, um fenômeno contemporâneo que se manifesta como uma hostilidade crescente em relação a grupos com identidades políticas adversárias.

Os estudos sobre polarização, nascidos na década de 1990, focavam inicialmente na migração da opinião pública para os extremos, analisando as respostas a temas específicos. Como a diferença era sutil, os pesquisadores voltaram-se às identidades para tentar explicar o distanciamento entre as pessoas.

A constatação central foi que, embora as opiniões estivessem se polarizando lentamente, a hostilidade por quem tinha uma identidade adversária crescia de maneira acelerada. Em essência, a população estava "se odiando mais" sem necessariamente se tornar mais divergente em termos programáticos.

A intensidade dessa hostilidade afetiva está intrinsecamente ligada à intensidade e ao alinhamento das identidades. A teoria demonstra que, quando identidades múltiplas se alinham de maneira coerente e são autodeclaradas como fortes (por exemplo, ser simultaneamente muito conservador e muito de direita), a hostilidade contra o adversário é potencializada.

Para explicar a polarização afetiva, que tem papel fundante na polarização no Brasil, este capítulo mobiliza informações adicionais às apresentadas até aqui. Além dos dados da pesquisa More in Common que ouviu 10 mil pessoas no Brasil e realizou entrevistas com grupos focais, este capítulo recorre a dados de pesquisa de opinião com 2 mil pessoas na cidade de São Paulo, bem como à série histórica realizada pelo Monitor do Debate Político (CEBRAP/USP).

Essa amostra revela que a polarização afetiva contemporânea é agravada por uma dinâmica de espelhamento, na qual a identidade do outro é vista não apenas como uma diferença, mas como a negação existencial da própria identidade.

Da opinião à identidade: como explicar a polarização

Quando a polarização contemporânea começou a ser estudada, nos anos 1990, o fenômeno parecia ser fruto de uma separação crescente da opinião da população, que tendia a migrar para os extremos. Primeiro, os cientistas sociais tentaram estudar o fenômeno explorando séries de pesquisas de opinião – pesquisas cujos questionários são aplicados em intervalos de tempo regulares –, para verificar se a opinião da população caminhava ano após ano para os extremos.

Nos questionários, várias perguntas sobre um mesmo tema eram reunidas numa escala. Por exemplo: os entrevistados tinham que dizer se concordavam ou discordavam de cinco afirmações sobre os direitos das mulheres. Juntas, essas opiniões compunham uma escala pró-direitos das mulheres, de zero a cinco pontos. Se a pessoa concordasse com três das questões, pontuava três na escala. O objetivo daqueles primeiros estudos era verificar se, no decorrer do tempo, as respostas caminhavam para os pontos extremos da escala, tendendo a se concentrar em 0 e 1, de um lado, ou 4 e 5, do outro.

Esses primeiros estudos verificaram que esse processo de concentração nos extremos existia, mas era lento e sutil demais para explicar a polarização que se via na esfera pública.

Em seguida, os pesquisadores descobriram um processo de polarização da opinião mais acentuado em um grupo de pessoas com identidades políticas mais fortes. Mas, mesmo entre elas, o processo parecia sutil demais para explicar as violentas discussões nas redes sociais.

O entendimento do fenômeno mudou apenas quando novos estudos,

em meados dos anos 2010, deixaram de focar nas opiniões para focar nas identidades. Esses estudos partiram da constatação de que, embora a opinião estivesse se polarizando lentamente, a hostilidade por quem tinha uma identidade adversária crescia de maneira acelerada. Em outras palavras, sem que as pessoas estivessem se tornando mais divergentes, estavam se odiando mais.

A pista para o aumento da hostilidade residia num traço curioso: quando as identidades se alinhavam de maneira coerente, a hostilidade era maior. Nos Estados Unidos, onde esses estudos foram feitos, uma pessoa que fosse ao mesmo tempo conservadora e republicana sentia mais hostilidade contra um democrata do que uma pessoa que era apenas conservadora. E se essa identidade conservadora e republicana fosse autodeclarada como "forte", a hostilidade era ainda maior. A hostilidade parecia uma função da intensidade e do alinhamento de identidades.

Nos anos 1970, dois teóricos da psicologia social, Henri Tajfel e John Turner, tinham descoberto que dinâmicas de pertencimento a um grupo, com concomitante hostilidade por um grupo adversário, podiam ser facilmente induzidas. No chamado "experimento dos grupos mínimos", eles demonstraram que a simples atribuição arbitrária de indivíduos a grupos – mesmo sem interesse, história ou interação prévia – já era suficiente para gerar preferência pelo próprio grupo (endogrupo) e discriminação contra o outro (exogrupo).

Tajfel mostrou que as pessoas buscam uma identidade social positiva, derivada da comparação favorável do grupo de pertencimento com outros grupos, e que essa necessidade de autoestima coletiva pode levar à tendência sistemática de valorização do endogrupo e depreciação do exogrupo.

A dinâmica de grupos é um fenômeno conhecido da psicologia social. Mas por que esse traço estaria se intensificando tanto nos tempos atuais? O alinhamento das identidades, descoberto nos anos 2010, fornece uma explicação.

Quando o debate político era menos marcado, as pessoas tinham identidades desalinhadas. Cada uma dessas identidades puxava a pessoa para um lado do espectro político, umas para a esquerda, outras para a direita. Mas, quando essas identidades começaram a se alinhar coerentemente, passaram a se reforçar mutuamente. Seu efeito foi potencializado, aumentando o sentimento de coesão com o endogrupo e a hostilidade ao exogrupo. Esse fenômeno de crescente hostilidade por quem adota a identidade adversária é chamado de "polarização afetiva".

Protestos e identidades: do antipetismo difuso ao alinhamento

Dados coletados em manifestações na cidade de São Paulo mostram como isso ocorre no Brasil. O ponto de partida é a observação das identidades políticas a partir dos atos pelo impeachment de Dilma Rousseff, em 2015, e após a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. As identidades dos grupos que começaram a se mobilizar nos protestos "antipetistas", antes fracas e desalinhadas, vão ficando mais pronunciadas e alinhadas.

Esses dados são fruto das pesquisas de opinião do Monitor do Debate Político (CEBRAP/USP), que realizou entrevistas com milhares de manifestantes. Em geral, são realizadas entre 400 e 600 entrevistas por manifestação, distribuídas por toda a extensão do ato. A margem de erro é entre 4 e 5 pontos percentuais.

POSICIONAMENTO DAS PESSOAS EM MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS EM SÃO PAULO (EM%)

	03/2017	10/2018	05/2019	09/2021	09/2022	11/2023	02/2024
DIREITA	31%	72%	76%	77%	82%	92%	92%
CENTRO	27%	17%	10%	5%	5%	2%	3%
ESQUERDA	4%	0%	0%	0%	0%	1%	1%
NADA DISSO	36%	9%	14%	16%	12%	4%	3%
MUITO CONSERVADOR	47%	74%	72%	65%	80%	N.D.	78%
POUCO CONSERVADOR	34%	23%	25%	30%	17%	N.D.	18%
NADA CONSERVADOR	15%	2%	2%	2%	1%	N.D.	2%
MUITO ANTIPETISTA	85%	91%	88%	N.D.	77%	N.D.	N.D.
POUCO ANTIPETISTA	5%	5%	6%	N.D.	9%	N.D.	N.D.
NADA ANTIPETISTA	9%	3%	6%	N.D.	11%	N.D.	N.D.

FONTE: MONITOR DO DEBATE POLÍTICO (CEBRAP/USP)
*N.d.: Dado não disponível

Nesta série temporal, é possível ver claramente como, originalmente, os manifestantes têm no “antipetismo” sua identidade mais forte, enquanto as identidades de esquerda/ direita e conservador/não conservador são bem divididas. Numa manifestação em defesa da Lava Jato, em março de 2017, 36% dos entrevistados não se identificaram no eixo esquerda-direita e 27% se disseram de centro. Quanto ao conservadorismo, 34% se consideraram pouco conservadores. A única identidade forte em todo o grupo foi a de antipetista – 85% se consideraram muito antipetistas.

Na reta final do segundo turno das eleições de 2018, numa manifestação em favor da candidatura de Bolsonaro, o quadro havia mudado drasticamente, com as identidades de conservador e direita tornando-se amplamente majoritárias. Nos anos seguintes, essas identidades se fortaleceram ainda mais, completando o processo de alinhamento das três identidades: antipetista, conservador e direita.

Essa passagem de identidades desalinhadas para alinhadas, segundo a teoria, amplia a polarização afetiva, com hostilidade contra o grupo rival ou adversário.

Dos protestos à população toda: identidades e polarização

Ainda que esses dados retratem apenas as pessoas que se mobilizaram para protestar nas ruas, a pesquisa More in Common no Brasil, representativa de toda a população brasileira, capta o mesmo tipo de alinhamento.

Os diagramas seguintes representam a sobreposição das identidades esquerda, progressista e petista, de

um lado, e das identidades direita, conservadora e bolsonarista, de outro. Quanto maior a área de intersecção, maior o alinhamento.

O diagrama mostra que 46% da população brasileira tem uma ou mais das identidades de esquerda (esquerda, progressista ou petista), mas que apenas 5% da população tem as três ao mesmo tempo.

O diagrama mostra que as identidades de direita são mais abrangentes devido à grande parcela de brasileiros que se identifica como conservador. São 81% os brasileiros que se identificam com uma das três identidades de direita e 17% dos brasileiros se identificam simultaneamente como de direita, conservadores e bolsonaristas.

A teoria da polarização afetiva prevê que as pessoas que estão no centro das sobreposições de identidades, ou seja, que são simultaneamente de esquerda, progressistas e petistas, ou simultaneamente de direita, conservadoras e bolsonaristas e, em particular, as que consideram que essas identidades são fortes (muito petistas, muito de direita, etc.) deveriam ter maior hostilidade por quem tem identidades adversárias.

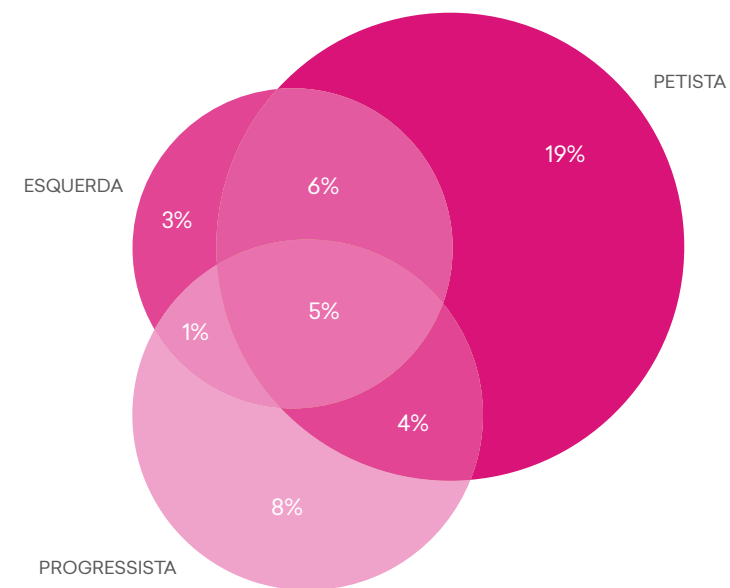
Os gráficos seguintes constroem uma escala de alinhamento e intensidade de identidades. No eixo horizontal estão representados o alinhamento e a força das identidades. Num extremo, há as identidades alinhadas e fortes, de outro, as identidades ausentes, fracas ou contraditórias.

No eixo vertical está representada a polarização afetiva, medida por meio da resposta dos entrevistados sobre quanto gostam ou desgostam, numa escala de 1 a 10, de pessoas com identidades alinhadas e opostas às suas. A polarização afetiva é a diferença entre a nota que a pessoa dá para quem tem a própria identidade e a nota que dá para quem tem a identidade adversária. Assim, por exemplo, se uma pessoa que tem identidade de esquerda dá nota 8 para pessoas de esquerda e dá nota

IDENTIDADES DE ESQUERDA, PROGRESSISTA E PETISTA

(EM %)

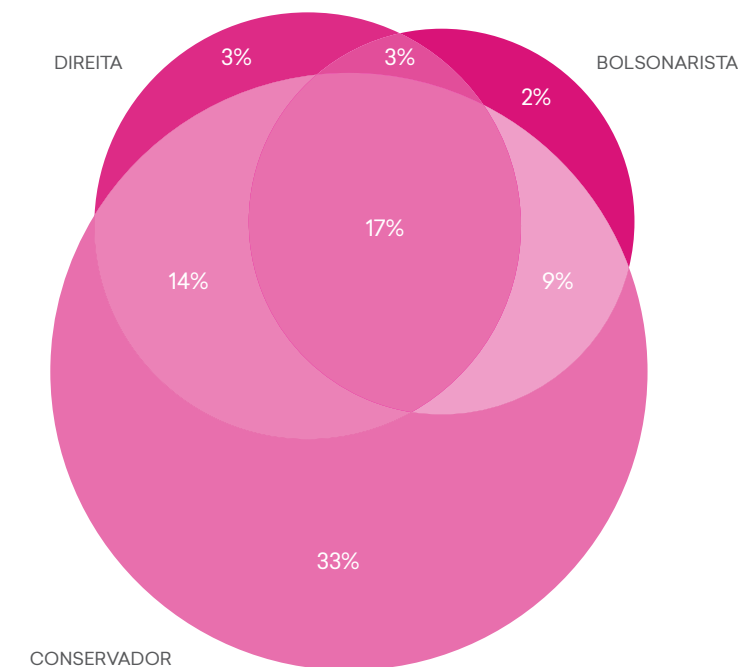
Apenas 5% da população somam as três identidades simultaneamente. Quanto maior o alinhamento, maior a chance de hostilidade em relação às identidades opostas



IDENTIDADES DE DIREITA, CONSERVADOR E BOLSONARISTA

(EM %)

17% da população brasileira acumulam as três identidades. Quanto mais forte a identificação em cada aspecto, maior a chance de hostilidade em relação ao campo oposto



6 para pessoas de direita, o índice de polarização afetiva desta pessoa é 2.

O primeiro gráfico revela a polarização afetiva em relação a pessoas que se identificam como de esquerda ou direita. Quanto mais as identidades são fortes e estão alinhadas, mais a pessoa gosta de quem tem a própria identidade e desgosta de quem tem a identidade adversária.

Ou seja, quanto mais a pessoa é, simultaneamente, de esquerda, progressista e petista, e com muita intensidade, mais ela vai gostar de quem é de esquerda e desgostar de quem é de direita. O contrário também ocorre: quanto mais a pessoa é, simultaneamente, de direita, conservadora e bolsonarista, mais vai gostar de quem é de direita e desgostar de quem é de esquerda.

Pessoas que têm identidades desalinhadas ou fracas (à esquerda no eixo horizontal) dão uma nota, em média, entre 1,5 ponto e 2 pontos

mais baixa para a identidade adversária do que para quem é da sua própria – quase um quarto dessas pessoas (24%) não demonstra nenhuma polarização afetiva, dando a mesma nota para quem tem a sua identidade e quem tem a identidade adversária.

Já as pessoas que têm identidade forte e alinhada dão, em média, 6,7 pontos a menos para o adversário do que dão para quem é da própria identidade. E, entre essas pessoas com identidades mais alinhadas e intensas, metade (50%) dá a diferença máxima de 9 pontos – o que quer dizer que dão 10 para quem é da própria identidade e 1 para quem tem a identidade oposta.

A polarização afetiva também se manifesta em relação às identidades de petista e bolsonarista e de progressista e conservador. A maior polarização afetiva está no antagonismo às identidades de bolsonarista e petista.



Tem parentes que não vão mais na casa do outro por política. Está afetando os laços familiares. Na nossa família tem essa divergência, boicote por política. Daqui a pouco ninguém vai se falar mais porque um é PT e outro Bolsonaro. Deveriam buscar o bem para todos."

HOMEM DE 40 ANOS,
MARICÁ/RJ,
CONSERVADOR
TRADICIONAL

As pessoas com identidades alinhadas têm uma alta polarização afetiva a quem se declara petista ou bolsonarista, com índice médio de 6,9. E, novamente, metade (48%) dá 10 para a própria identidade e 1 para a adversária. A diferença em relação às identidades de esquerda e direita é que, mesmo entre as pessoas com uma identidade fraca e desalinhada, já há índice de polarização afetiva moderado, de 3,9 pontos de diferença – um quinto deste grupo (21%) dá o maior índice de polarização afetiva (9) para o adversário.

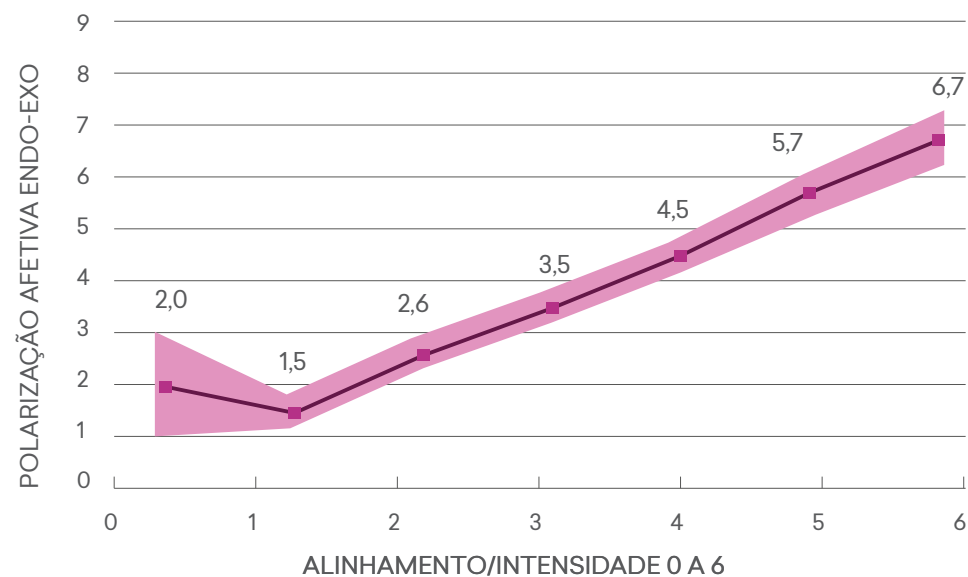
A polarização afetiva em relação às identidades de conservador e progressista é bem mais suave que as outras duas. A diferença de pontuação varia de 1,4 para quem tem identidades fracas e desalinhadas a 4,2 para quem tem identidades completamente alinhadas e fortes.

POLARIZAÇÃO AFETIVA ENTRE ESQUERDA E DIREITA

(EM %)

— MÉDIA
■ IC 95%

Quanto mais forte a identidade de direita ou esquerda, maior a polarização afetiva, que chega a uma diferença de 6,7 - atrás apenas do par petista/bolsonarista

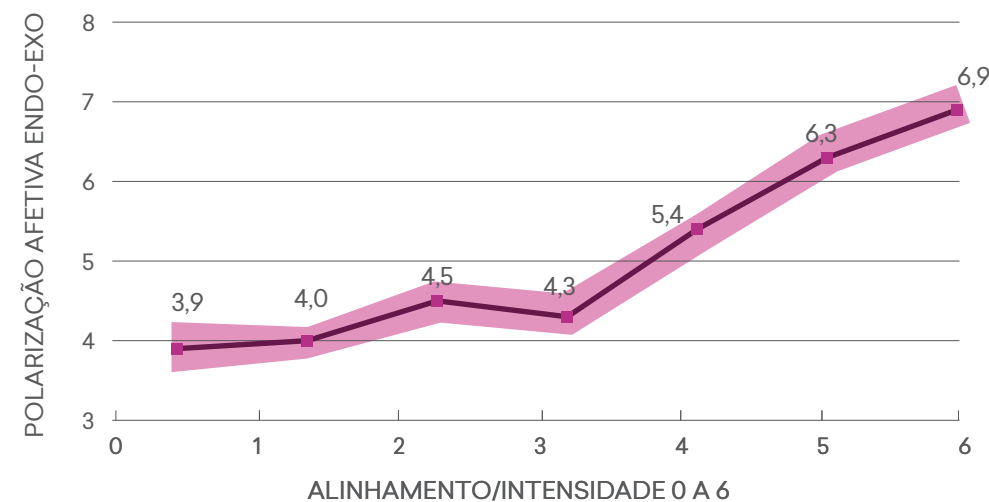


POLARIZAÇÃO AFETIVA ENTRE PETISTAS E BOLSONARISTAS

(EM %)

— MÉDIA
■ IC 95%

Quanto mais forte a identificação com petismo ou bolsonarismo, maior a polarização afetiva, que chega a 6,9 pontos - a mais alta entre as comparações





Vejo pessoas muito agressivas, que colocam palavras de ofensa, de ódio. Isso está bem sério por conta de assuntos de política. Uma pessoa ofende a outra, fica uma coisa feia. Ouvei falar que, em algumas redes sociais, eles estão banindo as contas quando tem algo inapropriado. Mas é o certo mesmo."

MULHER DE 49 ANOS,
ANANINDEUA/PA,
DESENGAJADA

Os dados comprovam a teoria: à medida que as identidades estão ficando fortes e coerentes, o sentimento de animosidade por quem tem identidades adversárias aumenta. O fenômeno não se restringe aos três pares de identidades investigados (esquerda/direita, conservador/progressista, bolsonarista/petista), mas inclui muitas outras (feministas, cidadãos de bem, ativistas climáticos, antirracistas, etc.).

Essa dinâmica também se aplica às chamadas identidades sociais, que surgem de características demográficas. No caso brasileiro, a identidade social que está mais claramente se alinhando é a de evangélico. Mas isso também deve estar acontecendo com categorias profissionais e outras identidades sociais que estão ficando politicamente homogêneas. A tabela mostra como ser evangélico está se alinhando com ser de direita entre os brasileiros.

DADOS MOSTRAM ALINHAMENTO ENTRE EVANGÉLICOS E IDENTIDADE DE DIREITA (EM %)

	NÃO EVANGÉLICOS	EVANGÉLICOS
MUITO DE DIREITA	20%	27% (+7%)
UM POUCO DE DIREITA	14%	16% (+2%)
CENTRO	23%	21% (-2%)
UM POUCO DE ESQUERDA	9%	6% (-3%)
MUITO DE ESQUERDA	9%	5% (-4%)

Identidades espelhadas: um estudo na cidade de São Paulo

A pesquisa em psicologia social mostra que o aumento da força e da coerência das identidades políticas está ligado ao crescimento da polarização afetiva – ou seja, quanto mais as pessoas se identificam politicamente de forma coesa e intensa, mais demonstram hostilidade por quem adota a identidade adversária. Mas há um motivo adicional pelo qual a hostilidade é grande hoje em dia: as identidades estão sendo percebidas não como diferenças, mas como contradições.

Nos estudos de identidade social, a dinâmica afetiva negativa em relação ao grupo adversário surge apenas da diferença. Quando dois grupos se constituem a partir de uma diferença qualquer, essa diferença é valorada positivamente pelo próprio grupo e negativamente para o outro grupo. Na polarização política brasileira, baseia-se em contradições existenciais. A identidade do outro é vista como a negação existencial da própria identidade.

Essa conclusão baseia-se em pesquisa realizada com 2 mil pessoas

representativas da população da cidade de São Paulo. Os entrevistados foram questionados sobre suas identidades políticas – se eram de esquerda, de direita, de centro ou nada disso. Depois, metade foi convidada a definir o que é ser de esquerda e a outra metade, o que é ser de direita. Uma mesma pessoa não respondia o que é ser de direita e ser de esquerda ao mesmo tempo, para não induzir respostas contraditórias.

A análise das respostas, que foram gravadas e agrupadas, mostra que a maneira como as pessoas definem seu adversário não coincide com a maneira como as pessoas desta identidade se autodefinem. Não há apenas divergência: pessoas com identidade forte acreditam que pessoas da identidade adversária são a negação da sua própria identidade, uma ameaça existencial.

Dessa forma, cada lado imagina o outro como seu completo oposto.

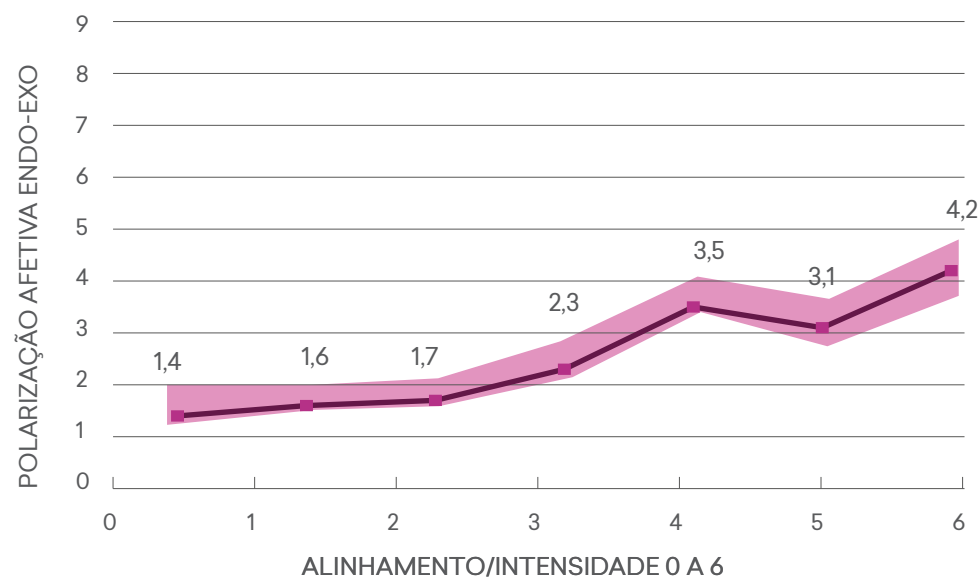
Essa percepção começa a ser explicada nas divergências entre a autodefinição e a definição do campo oposto.

POLARIZAÇÃO AFETIVA ENTRE PROGRESSISTAS E CONSERVADORES (EM %)

(EM %)

MÉDIA
IC 95%

A polarização entre conservadores e progressistas é a menor entre as identidades estudadas, com máxima de 4,2 pontos de diferença



COMO PESSOAS DE ESQUERDA AUTODEFINEM A ESQUERDA %*

Defende os trabalhadores e as pessoas mais pobres e combate as desigualdades sociais.	56%
É a favor dos direitos humanos e do direito de mulheres, negros e população LGBT+.	38%
É a favor da democracia	29%
Apoiador do Lula, petista	5%

* A soma dá mais do que 100% porque os entrevistados podem se referir a mais de um item.

Metade das pessoas que se identificam com a esquerda entende que esse campo ideológico defende os trabalhadores e as pessoas mais pobres e combate as desigualdades sociais. Um terço das pessoas que se identificam como de esquerda entende que a posição é a favor dos direitos humanos e do direito de mulheres, negros e população LGBT+. Para um quarto, ser de esquerda é defender a democracia.

Quando as pessoas de esquerda definem a direita, o resultado muda.

COMO PESSOAS DE ESQUERDA DEFINEM A DIREITA %

É capitalista, rico ou egoísta e a favor das desigualdades sociais.	22%
É a favor da família, da ordem e dos valores tradicionais	17%
É contra os direitos humanos ou contra o direito de mulheres, negros e população LGBT+	16%
É extremista, autoritário ou contrário à democracia	14%

Há uma dispersão maior nas respostas, mas chama a atenção que três das quatro mais frequentes são o oposto, a absoluta negação, da definição que a esquerda dá para si mesma.

ESQUERDA SOBRE A ESQUERDA %

Defende os trabalhadores e as pessoas mais pobres e combate as desigualdades sociais.	56%	Capitalista, rico ou egoísta e a favor das desigualdades sociais.	22%
É a favor dos direitos humanos e do direito de mulheres, negros e população LGBT.	38%	É contra os direitos humanos ou contra o direito de mulheres, negros e população LGBT	16%
É a favor da democracia	29%	É extremista, autoritário, ou contrário à democracia	14%

A esquerda, portanto, imagina que o adversário é a negação de seus valores, uma ameaça existencial àquilo que ela é. No entanto, essa definição exógena não coincide com a autodefinição da direita. Quando pessoas que se identificam como direita definem o que é ser de direita, há quatro respostas mais frequentes.

COMO PESSOAS DE DIREITA AUTODEFINEM A DIREITA %

É a favor da família, da ordem e dos valores tradicionais	36%
Pessoa correta ou de bem, contra a corrupção e os bandidos	22%
É contra o assistencialismo e a favor da livre iniciativa	13%
Apoiador do Bolsonaro	4%

A definição que as pessoas de direita dão para si mesmas é bastante divergente de como as pessoas de esquerda as veem. Elas não mencionam serem favoráveis às desigualdades sociais, nem contrárias aos direitos humanos. Um terço (36%) acredita que a direita consiste em valorizar a família,

a ordem e os valores tradicionais. Um quarto acredita que ser de direita é ser uma pessoa correta ou de bem, contra a corrupção e os bandidos. E um quinto acredita que ser de direita é ser contra o assistencialismo e a favor da livre iniciativa.

Enquanto a esquerda acredita que a direita está preocupada em produzir desigualdades e opressões, a direita está preocupada com a ordem e os valores tradicionais.

A direita também produz uma miragem sobre a esquerda. Quando as pessoas que se identificam como de direita definem a esquerda, essas são as cinco respostas mais frequentes.

COMO PESSOAS DE DIREITA DEFINEM A ESQUERDA %

É contra a família, a ordem e os valores tradicionais	17%
É corrupto, bandido ou a favor da corrupção	12%
É autoritário, golpista ou contrário à democracia	10%
Apoiador do Lula, petista	9%
É dependente do Estado ou defensor do assistencialismo	8%

Outra vez, a heterodefinição é mais dispersa do que a autodefinição. Mas, entre as cinco respostas mais frequentes, três são a exata oposição das mais frequentes autodefinições da direita. A direita também imagina que as pessoas de esquerda representam a negação do que elas são e, portanto, são uma ameaça existencial.

DIREITA SOBRE A DIREITA %

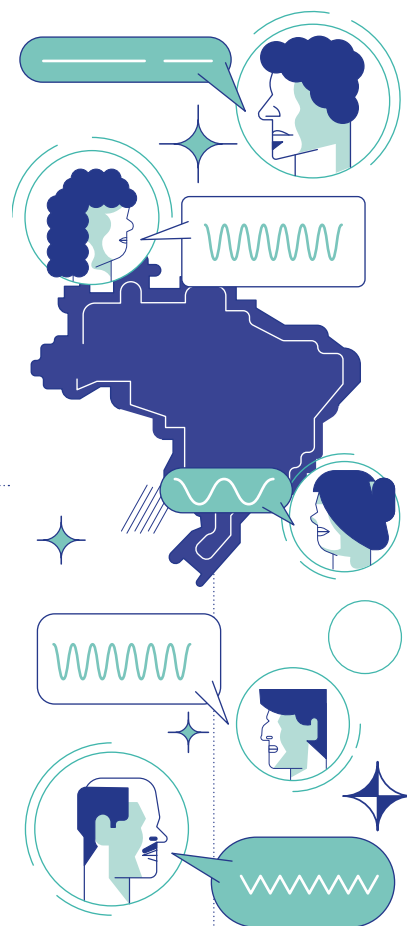
É a favor da família, da ordem e dos valores tradicionais	36%	É contra a família, a ordem e os valores tradicionais	17%
Pessoa correta ou de bem, contra a corrupção e os bandidos	22%	É corrupto, bandido ou a favor da corrupção	12%
É contra o assistencialismo e a favor da livre iniciativa	13%	É dependente do Estado ou defensor do assistencialismo	8%

A pesquisa mostra que a polarização afetiva não é motivada por divergências programáticas, mas por uma dinâmica de espelhamento: cada campo projeta no adversário a negação daquilo que considera a sua própria essência. Esse processo confere ao antagonismo político uma dimensão quase ontológica, em que o outro não é apenas portador de ideias distintas, mas encarna uma ameaça ao modo de ser e de existir do próprio grupo.

A política deixa, assim, de ser um espaço de disputa entre projetos e passa a ser vivida como uma batalha pela sobrevivência.

Conclusão

Este estudo revela grupos não-polarizados mas alerta para processo de polarização afetiva em curso



OS SEGMENTOS E A POLARIZAÇÃO

No estudo *O Brasil Invisível* buscamos analisar o alcance da polarização política no país. Os dados mostram que, nos temas mais divisivos, as posições mais marcadas se concentram nos grupos ativistas, os Progressistas Militantes e os Patriotas Indignados, e, em menor medida, nos grupos que os respaldam, os Conservadores Tradicionais e a Esquerda Tradicional.

Os grupos não polarizados, os Desengajados e os Cautelosos, chamados de Invisíveis, têm posições moderadas, nuançadas e cruzadas, sem os alinhamentos automáticos da polarização. Por um lado, é um alento perceber que há uma maioria não polarizada que resiste às dinâmicas da polarização. Por outro lado, porém, a própria capacidade da segmentação de explicar o debate político mostra que a polarização entrou tão profundamente no tecido social que estruturou a opinião de massa.

GUERRAS CULTURAIS

As questões divisivas estão concentradas nos temas das guerras culturais, que emergiram do conflito entre a agenda de transformação das relações interpessoais dos "novos movimentos sociais" (feminismo, movimento negro e movimento LGBT+) e a reação conservadora que se seguiu a eles.

Esses temas vão passando a delimitar os campos políticos de esquerda e direita – papel que, no passado, foi ocupado centralmente pelas políticas sociais e econômicas. Há uma diferença, porém, na carga afetiva das divergências em política social e econômica, de um lado, e das divergências morais das guerras culturais, de outro. Esses temas culturais são mais passionais, admitem menos compromisso e caracterizam o adversário como um oponente moral que não deve ser tolerado na vida pública. As guerras culturais assumem uma forma de antagonismo político que, se extrapolado, pode terminar em intolerância e violência política.

A identificação de uma maioria invisível e não polarizada – que se move mais por questões pragmáticas do que ideológicas – indica um caminho para a construção de políticas mais consensuais, que podem escapar de muitos dos conflitos morais da polarização.

A melhoria dos serviços públicos e das condições de vida pode ser uma missão transversal das forças políticas. Isso não significa uma despolitização do debate, mas uma reorientação estratégica. Esquerda e direita certamente divergem sobre como melhorar serviços públicos e condições de vida, mas essas divergências são menos emocionalmente carregadas e mais passíveis de soluções de compromisso. Mesmo as divergências ligadas às opressões (raciais e de gênero) podem encontrar formas de expressão mais civis e respeitadas, que reconheçam a boa fé dos adversários e o direito pluralista de todos estarem democraticamente presentes na esfera pública.



POPULISMO

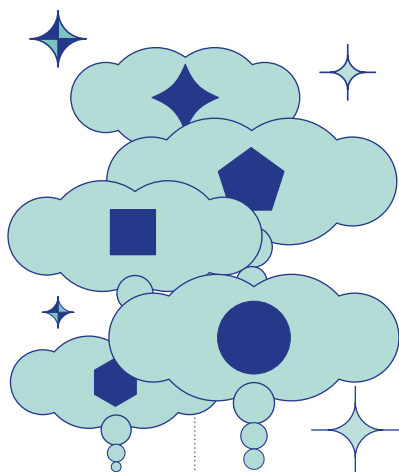
Outra dinâmica identificada pelo estudo é a força do populismo. O fenômeno é entendido como um modo de fazer política no qual lideranças personalistas alegam defender a vontade de um "povo puro" contra "elites corruptas", buscando uma ligação direta com as massas e dispensando a intermediação de partidos e instituições. Esse estilo pode aparecer à esquerda, quando, em geral, o antagonismo é com as elites econômicas, ou à direita, quando, em geral, o antagonismo é com as elites políticas e intelectuais.

Notamos que, embora haja algum populismo econômico na esquerda, o populismo forte é cultural e de direita. Esse populismo acusa a esquerda de compor uma elite cultural progressista que teria dominado as instituições de reprodução de valores – escolas, universidades, meios de comunicação e instituições culturais – para impor seus valores "corrompidos" a um "povo puro" conservador. Esse discurso, que é distorcido e caricatural, encontra apoio, porém, em certas características sociais dos Progressistas. O fato de o segmento Progressista Militante ter renda e escolaridade superiores às dos demais segmentos, e ter certas opiniões muito afastadas da média, permite aos seus adversários conservadores caracterizá-los como uma elite cultural, na chave populista.

Como resposta a essa elite cultural progressista, os segmentos Conservadores desenvolveram um antagonismo muitas vezes radical às instituições que veem como essencialmente progressistas ou avessas a uma participação conservadora. Os dados mostram que essas instituições perderam confiança de amplos segmentos que, em alguns casos, adotaram posturas anti-institucionais que ameaçam o funcionamento da democracia.

A pesquisa nos mostra que é preciso entender a natureza dessas dinâmicas e propor reformas que garantam a representação dos segmentos Conservadores em instituições como a imprensa, as universidades e as instituições culturais. Por outro lado – e como contrapartida –, o conservadorismo precisa abandonar e condenar o radicalismo insurrecional e anti-institucional que se tornou comum em suas fileiras.

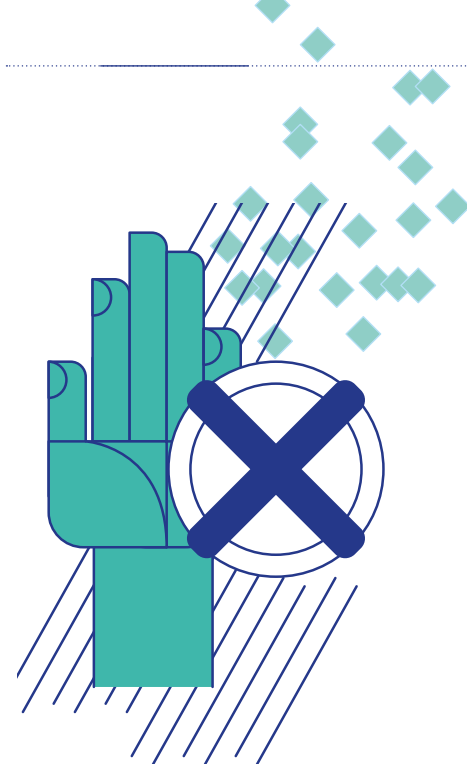
O progressismo também pode aproveitar os apontamentos deste estudo para se reconectar com o sentimento popular. Não existe esfera pública saudável sem uma esquerda bem construída e com fortes conexões com o povo.



POLARIZAÇÃO AFETIVA

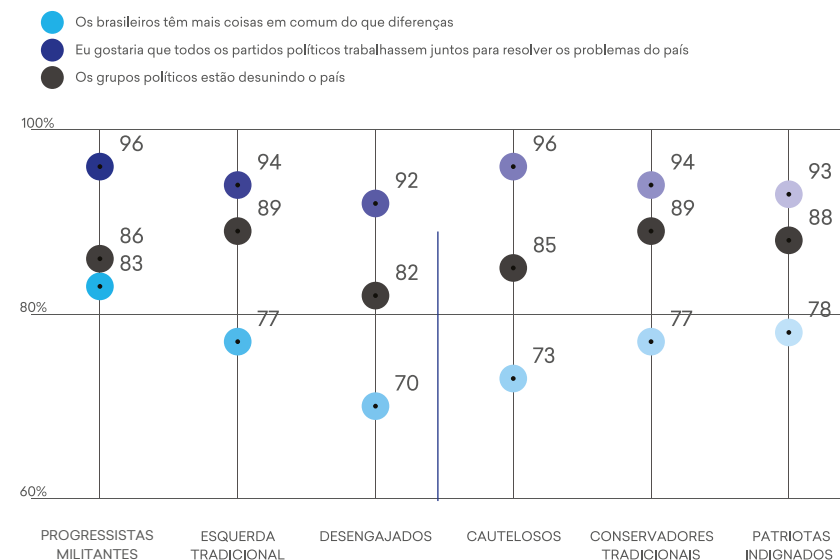
A pesquisa moderna em polarização afetiva tem ressaltado o papel das identidades sociais no desenvolvimento da animosidade política. É um traço bem estudado da psicologia social que a adoção de uma identidade social gera viés de valorização do grupo próprio e desvalorização do grupo concorrente. Quando as identidades são cruzadas e menos intensas, o efeito afetivo do viés é moderado: desgostamos de alguém por ter uma certa identidade, mas gostamos dessa mesma pessoa por ter outra identidade, e os dois sentimentos contrários se equilibram.

Quando as identidades políticas começam a ficar muito fortes e a se alinhar coerentemente, elas deixam de se moderar e passam a se reforçar, potencializando umas às outras. No estudo, investigamos algumas identidades e observamos que, à medida que elas vão ficando mais fortes e mais alinhadas, são mais capazes de gerar animosidades extremas com quem adota as identidades adversárias.



O QUE HÁ EM COMUM ENTRE OS BRASILEIROS (EM %)

Maior parte da população vê mais semelhanças do que diferenças, mas gostaria que os partidos trabalhassem juntos na solução de problemas, sem desunião de grupos políticos



Essa polarização afetiva é perigosa porque pode produzir violência política. O processo se torna ainda mais intenso porque as identidades adversárias não estão sendo vistas como uma diferença, mas como uma contradição existencial. A percepção é de que quem adota uma identidade antagonica quer destruir aquilo que nos constitui.

Entender a natureza deste processo é o primeiro passo para enfrentar o problema das identidades políticas hipertrofiadas e alinhadas. As relações sociais estão ficando excessivamente homogêneas e, com isso, as diferentes identidades que constituem cada pessoa estão se alinhando e reforçando o viés contra os adversários políticos.

Precisamos estimular o convívio entre quem adota identidades adversárias para desenvolver afetos positivos que modere essa polarização afetiva. Quanto mais as pessoas convivem e desenvolverem afetos com os diferentes, mais haverá entendimento, moderação e tolerância.

CANSAÇO COM A POLARIZAÇÃO

A pesquisa revela um sentimento difuso de fadiga com o conflito político. A intensidade das disputas, o tom agressivo do debate e a sensação de impasse produzem cansaço coletivo e minam a disposição para o diálogo. Em todos os segmentos, maiorias absolutas expressam a percepção de que os brasileiros têm mais em comum do que diferenças – e de que o país está sendo desunido pelas disputas entre grupos políticos.

Os dados também mostram um desejo transversal de cooperação: uma ampla maioria gostaria que as forças políticas superassem o antagonismo e trabalhassem juntas para resolver os problemas concretos da população. Esse anseio por normalidade e colaboração indica que, sob a superfície do conflito, persiste um estoque latente de confiança e boa vontade, capaz de sustentar uma reconstrução gradual da coesão social.

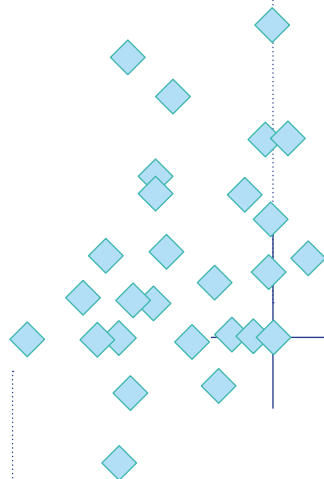
PLURALISMO

Costuma-se dizer que quem critica a polarização deseja eliminar o conflito político. Não é o caso. O conflito é parte constitutiva da vida democrática. O que ameaça a democracia não é a divergência, mas a intolerância com o adversário. O objetivo de reduzir a polarização não é de criar um centro amorfo, nem o de enfraquecer valores e identidades. Mas, sim, construirmos um espaço público em que o dissenso possa coexistir com o respeito mútuo.

Uma esfera política saudável precisa de uma esquerda, de uma direita e de um centro fortes, coerentes e enraizados socialmente. A vitalidade da democracia depende dessa pluralidade de visões e da capacidade de debate entre elas. O desafio, então, não é eliminar as diferenças, mas reconhecer a legitimidade de quem pensa diferente.

Precisamos abraçar o princípio do pluralismo – a convicção de que todos os atores políticos, mesmo em desacordo, têm igual direito de presença e voz na esfera pública política. Aprender a conviver com o conflito sem transformá-lo em hostilidade é a tarefa democrática do nosso tempo.

Nesse sentido, talvez seja possível aprender com os Invisíveis: em seu pragmatismo, demonstram que é possível divergir sem romper e nos mostram que o reconhecimento do outro é o primeiro passo para reconstruir a confiança social.



Referências

- Arceneaux, K., Green, J., Petersen, M. B., & van der Linden, S. (2021). Some people just want to watch the world burn: The prevalence, psychology and politics of the “Need for Chaos”. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 376(1822), 20200147. <https://doi.org/10.1098/rstb.2020.0147>
- Echelon Insights. (2025, June). Voter Omnibus Survey: Topline Findings. Alexandria, VA: Echelon Insights. <https://www.echeloninsights.com/tribes>
- Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(5), 1029–1046. <https://doi.org/10.1037/a0015141>
- Haidt, J. (2012). *The righteous mind: Why good people are divided by politics and religion*. New York: Pantheon Books.
- Hartman, A. (2022). *A war for the soul of America: A history of the culture wars*. University of Chicago Press.
- Hawkins, S., Yudkin, D., Margolis, M., & Bacon, T. (2018). *Hidden tribes: A study of America's polarized landscape*. More in Common. <https://hiddentribes.us>
- Iyengar, S., Sood, G., & Lelkes, Y. (2012). Affect, not ideology: A social identity perspective on polarization. *Public Opinion Quarterly*, 76(3), 405–431. <https://doi.org/10.1093/poq/nfs038>
- Mason, L. (2015). “I disrespectfully agree”: The differential effects of partisan sorting on social and issue polarization. *American Journal of Political Science*, 59(1), 128–145. <https://doi.org/10.1111/ajps.12089>
- Mason, L. (2018). *Uncivil agreement: How politics became our identity*. University of Chicago Press. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/U/bo27527354.html>
- Mudde, C. (2004). The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, 39(4), 541–563. <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>
- Nunes, F., & Traumann, T. (2023). *Biografia do abismo: Como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil*. HarperCollins Brasil. <https://www.harpercollins.com.br/products/biografia-do-abismo-felipe-nunesthomas-traumann>
- Ortellado, P., Ribeiro, M. M., & Zeine, L. (2022). Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. *Opinião Pública*, 28(1), 62–91. <https://doi.org/10.1590/1807-0191202228162>
- Petersen, M. B., Osmundsen, M., & Arceneaux, K. (2023). The “Need for Chaos” and motivations to share hostile political rumors. *American Political Science Review*, 117(4), 1486–1505. <https://doi.org/10.1017/S0003055422001447>
- Pew Research Center. (2021, November 9). *Beyond red vs. blue: The political typology*. Pew Research Center – U.S. Politics & Policy. <https://www.pewresearch.org/politics/2021/11/09/beyond-red-vs-blue-the-political-typology>
- Weyland, K. (2001). Clarifying a contested concept: Populism in the study of Latin American politics. *Comparative Politics*, 34(1), 1–22. <https://doi.org/10.2307/422412>
- Yudkin, D. (2018). *The psychology of authoritarian populism: A bird's eye view*. More in Common. <https://www.moreincommon.com>



**More in
Common**